

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director int. — T. A. Araripe

Secretario int. — A. Bellagamba

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XVI

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1929

N. 186

EDITORIAL

PODER — OS MEIOS

Proporcionalidade entre os meios e os objectivos

Depois que se tiverem focalizado os objectivos a attingir na execução do problema militar e definido as idéas directrizes que devem nortear essa mesma execução, torna-se opportuno cuidar da obtenção dos meios necessários á sua realização e da fórmula de seu emprego.

Não basta saber fazer; é indispensável ter com que fazer, para PODER fazer.

Semelhante criação de meios e o estabelecimento dos processos de sua utilização constituem a phase mais ardua da questão, maxime quando se consideram as condições ambientes que vão reagir sobre os elementos postos em jogo.

De facto, não se cogita agora de simples enumeração dos recursos e de processos conhecidos e já applicados algures. Mas é o momento de ponderada avaliação da exequibilidade de cada um delles, de sua gradação e dosagem em face das circumstancias dispares na applicação ás diferentes regiões do paiz, da proporcionalidade entre os esforços dispendidos e os resultados possiveis e da seriação economica desses esforços em successão continua e racional, justamente para attender á mingua de recursos.

A analyse escorreita dos objectivos (intermediarios ou finais) do problema em confronto com os meios a empregar permite contar desde o inicio com exito seguro e, além do mais, demonstrará a todo passo o acerto da orientação adoptada.

Essa harmonia dos objectivos o attingir e attingiveis, com os meios e processos a empregar constitue verdadeiramente a característica essencial do programma de quaesquer realizações. E um programma serio e formulado sobre bases que resultem da analyse indicada, muito contribuirá para que não se desperdicem esforços em tentativas improficuas ou para que não se estagnem as acções em prol dos melhoramentos desejados; estagnação que nunca se justificará por pretextos quaesquer e muito menos pelo pretensado estado de infancia da Nação ou a precariez de recursos financeiros.

Um programma pomposo, com objectivos elevados e vultuosos e idéas directrizes bem defi-

nidas, não dispondo, porém, dos meios de execução necessários e sufficientes, é, devido ao insuccesso fatal, causador dos descredito dos organismos que o concebem e executam. Nesse particular, a ancia justificada de muito fazer para muito merecer arrasta os dirigentes para os projectos façanhosos, de concepção grandiosa e providos de meios de realização muito minguaos. Apontam-se, por isso, em grande numero as leis e os regulamentos cuja execução muito mal ultrapassa os limites estreitos do papel em que estão escriptos.

A verdade está, como já assentámos, em fixar os objectivos attingir a no momento (objectivos intermediarios) de accordo com os meios de que se dispõe e com os processos que podem ser usados com successo. Quando se é pobre de recursos, o remedio está em terem-se aspirações modestas, facilmente satisfeitas — proporcionalidade dos meios e dos resultados.

Isto não significa que não se procure realizar a aspiração completa, o objectivo ideal. O pleno exito dos pequenos esforços repetidos é da sabedoria popular — "devagar se vai ao longe", donde, a seriação e successão dos esforços.

* * *

Accentuámos propositadamente essas duas regras, essenciaes na realização e preparação do problema militar em todos os seus diferentes aspectos. Attribuímos á sua inobservancia a inefficácia de grande parte das reformas tentadas nos organismos dos diversos serviços existentes ent. nós e dos novos empreendimentos destinados a solucionar necessidades ainda não attendidas.

Procuraremos agora, em ligeiro exame, indicar os principaes pontos em que quasi sempre se tem revelado a insufficiencia de applicação das citadas regras. E naturalmente começaremos pelo Ensino Militar.

E' interessante notar que a questão do Ensino Militar é a que tem motivado maior numero de reformas, sendo razoavel esperar que so-

se ella possuamos grande experiencia, uma vez que essas reformas devem ter sido aconselhadas pela pratica effectiva dos processos até então em uso. Ora, na realidade, poucas vezes se tem verificado essa inferencia logica. Póde-se affirmar que os innumerados regulamentos de ensino que temos possuido não lograram a sancção plena da experiencia, porque os meios de execução necessários ou não foram utilizados convenientemente, ou fornecidos a tempo ou nem sequer revistos.

Na Escola Militar, nós que ha decenios assistimos o seu evoluir, attestamos essa verdade em face da execução de cinco regulamentos consecutivos.

A insufficiencia de meios tem sido um mal quasi chronico, tanto na parte relativa ao pessoal como a do material, desde o regulamento de 1905 ao recem desthronado de 1924.

Na vigencia do primeiro destes regulamentos a pobreza da Escola de Guerra e da Artilharia e Engenharia era franciscana, tanto na parte de material como na do pessoal. Gabinetes archaicos, desprovidos de essencial ou mesmo mal enfeitados. Material de instrucção quasi nullo. Pequena e cansada cavallhada, victima resignada de um vem ininterrupto. Instructores em numero reduzidissimo para o effectivo de alumnos (na Escola de Guerra do Realengo para 200 alumnos havia um instructor de infantaria, um de cavallaria e um de artilharia; na de Porto Alegre para mais de 600 alumnos esse numero era o mesmo).

Os professores, entre os quaes figuravam instabilidades, não podiam vencer o impossivel. Delles havia que leccionasse turmas de mais de 50 alumnos.

O regulamento do "curso do alfafa" foi condemnado antes de ter sido verdadeiramente executado ou experimentado.

Na vigencia dos outros regulamentos, é verdade que tanto o pessoal como o material cresceu e melhorou, mas é justo reconhecer que essa melhora não guardou proporção com o augmento de exigencias por elles impostas. Senão, vejamos.

Preconizou-se com insistencia que o ensino deveria ser eminentemente pratico, porém o material de instrucção e os laboratorios pouco melhoraram e a proporção dos professores e instructores em relação ao numero de alumnos continuou a vedar a realização desse ensino verdadeiramente pratico.

Para conseguir-se esse objectivo é indispensavel ter material de instrucção abundante e gabinetes de experiencias completos; ter professores e instructores em numero proporcional ao effectivo de alumnos a ensinar e a instruir.

Os pedagogistas admittem, em geral, que um professor não póde encarregar-se de turmas que excedam a 50 alumnos. Poderá fazer, conferencias a um numero quasi illimitado de ouvintes, mas só lhe será possível ensinar, analysar a indole do alumno, verificar-lhe o adeantamento, corrigir-lhe os defeitos dentro de grupo menor de 50. E se o ensino é pratico, feito em gabinetes, as turmas ainda devem ser menores, para permittirem o trabalho simultaneo de grande numero de discentes. O systema de confiar

ao mesmo professor duas ou mais turmas não resolve a difficuldade.

Aliás, o recente regulamento do E. M., emprazando a execução completa dos programmas previstos para 1931, é o primeiro a reconhecer essa insufficiencia dos meios no momento actual.

Quanto aos instructores esta questão do numero é ainda, ao nosso ver, mais interessante. Em principio, o ensino deve ser eminentemente individual. Na tropa, com um numero de instructores e auxiliares relativamente grande, tem-se conseguido realizar esta regra. Na Escola Militar, porém, onde ella deveria ser levada ao maximo para permittir uma rigorosa selecção dos candidatos a official por meio de seria observação individual, ainda não foi possível dar-lhe satisfação completa. O maior progresso verificado foi o do regulamento de 1919, em que se assimilou a instrucção da Escola á das unidades elementares das armas (companhia, bateria, e esquadrão). Ahí tivemos um capitão e 4 subalternos (augmentado para 10 logo no inicio da execução) para a infantaria, um capitão com 2 ou 3 subalternos para as outras armas. E' sabido que esse progresso de meios accusou immediatamente resultados mais do que satisfactorios, melhorando bastante a formação pratica dos novos aspirantes. De passagem, não podemos deixar de assignalar que os beneficios conseguidos foram tambem em grande parte fructo da firmeza e vontade de acertar com que o regulamento foi executado.

Semelhante estado de cousas que não foi modificado pelos regulamentos posteriores, ainda não representa a solução conveniente. A formação pratica do official é muito e muito mais complexa do que a instrucção da companhia, bateria ou esquadrão. Mesmo no que as duas têm de commum na instrucção de soldado e dos graduados, a complexidade do ensino na Escola Militar é muito maior. E então, quando se chega á instrucção de official propriamente dita sente-se que a assimilação não deve subsistir, principalmente para o caso da infantaria. Para a instrucção de soldado e graduados é preciso aceitar uma media de um instructor para 30 alumnos e crear no regimen da Escola um quadro de sargentos monitores (executantes experimentados) a exemplo do que existe, segundo estamos informados, nas Escolas de Saint Cyr e West-Point. Ahí convem ter dois ou mais capitães destinados a superintender e coordenar a instrucção de companhias organizadas com o mesmo effectivo das da tropa. Esses capitães teriam além disso o encargo de fazer a instrucção propriamente do official sob a direcção de um major-chefe da instrucção da arma. Parece-nos humanamente impossivel que um unico capitão possa coordenar e fiscalizar a instrucção de toda a infantaria e além disso dirigir e mistrar a instrucção do official administrar a sua companhia.

Por outro lado os capitães instructores tem em seu favor maior experiencia para formar o futuro official, tanto na parte puramente tecnica como na administrativa, o que raramente acontece com os tenentes, quasi sempre pouco affeitos a esta ultima parte do apprendizado.

Nas outras Escolas essa deficiencia de material, professores e instructores tem sido menor

as necessidades são menores. Porém existem, e têm sido apontadas constantemente.

Dentre muitas observações, destacam-se as dificuldades de funcionamento das Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes, Provisoria de Cavallaria e de Estado Maior. Ao lado da carencia de material tem havido, parece-nos, falta de professores e instructores. Só assim se explica o facto de funcionarem cursos, como os de aperfeiçoamento e aperfeiçoamento de officiaes superiores, de estado maior, estado maior para officiaes superiores e de revisão, para os quaes se estabeleceram programmas diversos, sem que haja na pratica distincção entre elles.

Para obter-se em cada um o maximo rendimento é necessario que cada um funcione independentemente dos outros, com professores proprios e recursos proprios.

Estes reparos e muitos outros não assignalados aqui devem merecer a attenção dos executantes da nova Lei do Ensino.

Ainda uma vez, repetimos: "Isto mostra que mais do que os dispositivos da lei, mais do que os regulamentos que a interpretam tem valor as medidas tomadas para a realisação pratica do ensino..... De nada hão de valer os regulamentos mais bem elaborados se não forem ou não puderem ser cumpridos.

Até hoje tudo tem sido sacrificado aos pretextos orçamentarios, á allegação da deficiencia de meios. Mas esta deficiencia não poderá mais prevalecer em relação ás escolas, cujo funcionamento normalizado é de importancia capital.

Se os recursos não permittirem prover a todas ás necessidades do Exercito, que se sacrifiquem estas, porém NUNCA AS DAS ESCOLAS".

* * *

Ao lado do Ensino Militar formam a questão dos Quadros e a do Serviço Militar no mesmo pé de equaldade. Nestas tambem muito se tem a fazer para a applicação das duas leis citadas e sobre ellas constantemente temos repisado idéas insistentes.

"Na maior paz ter as armas e armadas prestes, enfra os inimigos. Paz desarmada é mais arriscada que mesmo a guerra". (Padre ANTONIO VIEIRA).

Tanto numa como noutra, os objectivos devem ser compatíveis com os meios de que podemos dispôr. Uma Lei de Quadros que não seja garantida por meios e processos de execução reaes e capazes de vencer habitos perniciosos de julgamento viciado, de sentimento de bondade injustificavel e de filhotismos reprovaveis; não conseguirá soluccionar o problema. Urge, por isso, estabelecer-lhe objectivos modestos e que possam ser alcançados com segurança empregando-se os meios que pudermos crear ou que já existam. E a proporção que o ambiente fôr comportando maiores recursos e o uso de processos mais adeantados, ir-se-hão ampliando os objectivos. E' a regra da seriação e da successão dos esforços, escalonando-se estes segundo o ritmo natural e logico de importancia dos resultados a obter, como aliás, aconselha a lei de economia de forças.

No Serviço Militar, em que a execução vai depender de uma infinidade de circumstancias extranhas ao Exercito e da actuação de outros organismos, a questão dos meios deve ser bem ponderada para que não se contem com recursos quasi inexistentes. Assim por exemplo, no alistamento tornava-se necessario crear um processo proprio e eminentemente pratico, embora mais dispendioso, verdadeiro cadastro militar executado pelo proprio exercito, com o auxilio das autoridades policiaes e só admittir o actual do registro civil como elemento subsidiario.

No momento actual, estamos convencidos de que o Serviço Militar só terá solução efficiente quando fôr executado directamente pelo Exercito, sem se preoccupar com quaesquer idéas de parcimonia pessoal ou de material.

Ahi tambem não deve prevalecer a deficiencia de meios, porque do funcionamento completo e efficiente da Lei do Serviço Militar depende o funcionamento de todo o organismo do Exercito. E' de primeira urgencia — Exercito com soldados na activa e na reserva.

Mais do que nunca precisamos fazer leis que sejam executaveis e executadas. Para isto sejam modestos nos objectivos a alcançar em cada lance e prodigos no emprego dos meios para alcançar os resultados desejados.

"O Povo não quer decepções; reclama a victoria de seu corpo de officiaes, de seu estado maior, de seu commando. Estarão elles realmente preparados para isto?

FOCH.

"O sentimento do dever representa a moral real na vida do Exercito. O homem consciencioso pode não ter a coragem moral para cumprir-o. Por não ter a moral sufficientemente forte muita gente se desvia do caminho recto arrastada por tentações varias. Tem receio de ir de encontro ao pensar e aos habitos dos outros".

GUARANA'
TODOS KOLA
NUTRITIVO MUSCULAR
TONICO DOS NERVOS
REGULARISADOR DO CORAÇÃO
SILVA ARAUJO & CIA

CONFERENCIA

Realizada na Escola de Estado Maior por ocasião da abertura dos cursos do anno escolar de 1929

Pelo Gen. SPIRE (Chefe da M. M. F.)

NOTA DA REDACÇÃO — A nosso pedido, o Sr. Gen. SPIRE permittiu que publicássemos esta conferencia e assim fazendo pensamos proporcionar aos leitores que não tiveram a oportunidade de ouvir-o, a lição que, a proposito da personalidade do Marechal Foch, ministrou o Chefe da M. M. F. Mas uma vez, consignamos aqui os nossos agradecimentos a este General pela concessão e as nossas excusas se por vezes falsámos no traduzir o seu pensamento.

(TRADUÇÃO DA REDACÇÃO)

SENHORES.

Certamente já vos disseram que, neste anno, seriam introduzidas importantes modificações no regimen e nos programmas desta Escola.

E' exacto.

Com effeito, de um lado, a recente Lei do Ensino Militar teve como consequencia a refundição dos regulamentos de todas as Escolas; e, por outro lado, a experiencia adquirida em oito annos de funcionamento impoz a oportunidade de algumas modificações ou aperfeiçoamentos.

Porém, não vos inquieteis com estas modificações porque, posso vos affirmar, o methodo de ensino não será alterado.

Este methodo já é conhecido de todos dentre vós que aqui estavam no anno passado. E estes bem sabem que elle visa muito menos a erudição livresca do que o desenvolvimento de formação intellectual adequada á guerra; que não tem a pretensão de formar doutores eruditos, porém que se esforça por fazer homens com perfeito discernimento e de decisão prompta, que a guerra exige.

E' elle que ha mais de 50 annos está em uso na Escola Superior de Guerra de PARIS e que deu á FRANÇA, além da mór parte de seus grandes Chefes, toda esta pleiade de Officiaes de Estado Maior, para os quaes a FRANÇA, menos orgulhosa do que a sua vizinha d'além-RHENO, não exige o monopolio da sciencia militar, mas dos quaes se ufana, porque durante os 4 annos de guerra, nos bons como nos maus dias, os viu em funcção, como servidores esclarecidos cujo devotamento não conheceu nem a fadiga, nem as fraquezas e nem o desanimo no exercicio da tarefa de auxiliares do Commando, o que lhes valeu parte modesta mas por demais effectiva na conquista da Victoria.

E' elle que se applica entre vós ha já 6 annos e, quando vejo os resultados que já produziu — a serie de officiaes de valor que põe em evidencia em vosso exercito — não me parece opportuno modificá-lo.

Ser-lhe-emos então fieis e, discipulos bem modestos nos esforçamos por imbuir-nos do espirito daquelle que foi o seu mais illustre propagador, o grande Marechal, cuja flam-

ma depois de ter brilhado com luz magnifica sobre os Exercitos do mundo inteiro acaba de extinguir-se, no luto da FRANÇA, no recolhimento commovido dos povos alliados e cercado da admiração respeitosa mesmo dos que foram seus infelizes adversarios no campo de batalha.

E, Senhores, no instante em que ides começar os vossos trabalhos, nada melhor poderia fazer do que evocar-vos a grande figura do Marechal FOCH, e reforçar os seus traços salientes, taes como me foi dado conhecer.

Pareceu-me que, com isso, collocaria ao mesmo tempo os vossos estudos sob os melhores auspícios e vos associaria ás homenagens que de toda parte são prestadas á memoria daquelle que é e será, sem contestação, o maior homem de guerra de nossos tempos.

* * *

Em 1895, mais ou menos na época em que estamos, conhecido escriptor militar e um dos fundadores da doutrina militar franceza, o General BONNAL, era Coronel e professor de Tactica Geral e Estrategia na Escola Superior de Guerra de PARIS. Dirigia elle uma viagem de estudos em que os alumnos eram enquadraados por certo numero de Officiaes do Estado Maior do Exercito. Dentre estes, a attenção do director não tardou em fixar-se sobre um Major de Artilharia, sobrio de gestos e de palavras, pouco inclinado a sobre-sahir-se e pouco disposto a indagar das idéas em voga para ajustar as suas por ellas, porém claro e nitido em suas soluções, rapido e firme em suas decisões. Era o commandante FOCH.

Foi tal a impressão que elle produziu no General BONNAL que este viu desde logo a vantagem que haveria para o ensino com a admissão de semelhante auxiliar e, de volta da viagem, lá foi pedir ao Ministro da Guerra que designasse o Commandante FOCH para professor adjuncto do Curso de Tactica Geral e Estrategia.

Tem-se visto muitas vezes o facto mais insignificante na apparencia ter effeitos importantissimos e este deveria ter alcance insuspeitavel! Póde-se, com effeito, dizer que neste dia o destino escolhera aquelle que, 23 an-

nos mais tarde, deveria conduzir á Victoria o mais formidável Exercito que já se reuniu sob o commando de um só homem.

Eis, então, o Commandante FOCH professor da Escola de Guerra, como collaborador de BONNAL, não tardando em substituí-lo e ultrapassá-lo, porque, se continúa o pensamento de BONNAL, o transporta para um plano mais elevado e dá-lhe toda a plenitude. Um foi eminente professor, um intellectual, em que o cerebro pesava mais do que as qualidades moraes; o outro foi o grande Chefe em que tudo vibrava, o coração para exaltar o patriotismo, o espirito do dever, o amor á responsabilidade; o cerebro para corresponder ás impulsões do coração.

A principio, seu ensino na Escola surpreendeu. FOCH nunca foi orador. Nessa época era preciso fazer esforço para comprehendê-lo. Suas palavras não eram sufficientemente rapidas para acompanhar o rapidissimo pensamento, que então brotava em sacadas, em centelhas e em linguagem tropeçante em que as palavras enfranquecidas eram substituídas por gestos.

Um camara que me precedeu de dois annos na Escola de Guerra escrevia-me então: "Temos um professor de Tactica Geral e Estrategia extraordinario. E' quasi inintelligivel para muitos dentre nós; sua linguagem se approxima mais da notação algebrica do que da litteratura. Julgo-o bastante competente, porém espero fazer juizo definitivo quando estiver certo de tel-o bem comprehendido".

Dois annos mais tarde chegou a minha vez de ouvir as lições do Tenente Coronel FOCH. Ah! Senhores, que mudança neesses dois annos! Ninguém discutia mais o valor de seu ensino. Todo mundo o comprehendia e mesmo a forma um pouco tropeçante de suas palavras nos agradava. Parecia-nos que esta doutrina forjada a grandes martelladas teria maior resistencia do que outra apresentada sob forma elegante mas que talvez não subsistisse ante os violentos choques das realidades da guerra.

Semelhante doutrina baseava-se mais nas qualidades moraes do que em complicadas combinações e esquemas geometricos á moda de JOMINI.

Em cima, para o Chefe, ha a *vontade* e o *caracter*. Ha tambem o ponto de vista elevado em que se colloca para deixar liberdade á iniciativa do subordinado: "A arte de commandar não consiste em pensar e decidir pelo e em lugar do subordinado." Para este ha culto pela iniciativa, o amor da responsabilidade e a disciplina tão diversa da disciplina passiva do homem de tropa, disciplina em acção e que FOCH denominava de disciplina intellectual. Ouvi: "Ser disciplinado não quer dizer que não se commettam faltas contra a disciplina; que não se faça desordem. Tal definição poderia talvez ser sufficiente para o homem de tropa, porém não o é absolutamente para o Chefe.

Ser disciplinado não significa tambem que se executem as ordens recebidas somente na medida julgada conveniente, justa, racional ou possivel, mas muito ao contrario, que se pene-

tre no pensamento, no ponto de vista do Chefe que ordenou e que se empreguem todos os meios humanamente praticaveis para cumprir os seus desejos.

Ser disciplinado não quer dizer ainda que se cale, se abstenha ou se faça apenas o que se crê poder emprender sem se comprometter, isto é, a arte de evitar as responsabilidades. Mas sim agir no sentido das ordens recebidas. E para isso é preciso encontrar no espirito, pela busca e pela reflexão, as possibilidades de realizar essas ordens; é preciso procurar no caracter a energia para responder pelos riscos provenientes de sua execução. A noção pura da disciplina será, por conseguinte, *actividade do espirito posta ao serviço do caracter*.

A preguiça do espirito conduz á indisciplina tanto quanto a insubordinação".

Desse modo, a vontade e o caracter, de um lado e a disciplina intellectual d'outro constituem as bases do ensino que durante 5 annos FOCH transmittirá ás gerações de officiaes que passaram por suas mãos.

Quando deixa a Escola de Guerra para commandar um regimento de artilharia, o cunho particular que dá á doutrina permanece de modo inextinguivel. Esta doutrina estava definitivamente firmada e FOCH a encontrará a mesma quando, alguns annos mais tarde, voltar á Escola como seu Commandante.

Esta volta deveria, além disso, assignalar o inicio de um periodo de intensa e fecunda actividade. Sob sua direcção, o ensino é ministrado por professores que se chamam PETAIN, futuro Commandante em Chefe dos Exercitos Francezes, DEBENEY, futuro Major General e Commandante do Exercito e DE MAUD'HUY, futuro Commandante de Exercito.

Foi verdadeiramente a grande época.

E' desse tempo tambem a instituição do Curso Superior para os alumnos melhor classificados e destinado a orientar o espirito destes, de modo a formar grandes Chefes, o "Curso dos candidatos a Marechal", como maliciosamente se dizia então. Foi aliás a primitiva forma do que hoje se chama "Centro dos Altos Estudos Militares", e onde a doutrina continúa a ser ensinada sob a direcção do que foi o confidente do pensamento do Marechal e seu Chefe de Estado Maior durante a Guerra, o General WEYGAND.

Fui, talvez, um tanto prolixo sobre esse periodo da vida do Marechal. Assim julguei necessario para mostrar-vos a influencia preponderante que elle teve sobre a formação intellectual deste Exercito que, por um acontecimento imprevisito, ia ser bruscamente arrastado á guerra. Todos os que então occupavam cargos importantes nos diversos Estados Maiores e muitos dos que commandavam tropas tinham sido directa ou indirectamente seus alumnos.

Elle mesmo, por occasião da mobilisação, commanda o 20º Corpo de Exercito, Corpo de escól, o mais bello, vibrante e manobreiro do Exercito francez.

Porém, Senhores, numa batalha de varios Exercitos, um Corpo de Exercito é pouca coisa. Não manobra, ou, pelo menos a sua manobra resume-se em atacar directamente em frente ou em defender-se em sector estreitamente limitado. E, se a batalha terminar com um insucesso, deve, com o resto do Exercito, bater em retirada.

A batalha das fronteiras foi um golpe cruel: o 20º Corpo de Exercito, lançado sobre MORHANGE, bateu-se heroicamente, mas sofreu perdas terribes. Com o restante do 2º Exercito teve que recuar. Entretanto, em tão critica circumstancias, seu Chefe demonstrou tal posse de si mesmo, tal lucidez e tal força d'alma que 8 dias mais tarde o Commando em Chefe o collocava á frente de um Grupamento de Exercitos, transformado logo depois em 9º Exercito, no momento em que se vae travar a batalha de MARNE.

Senhores, não posso repetir aqui a descripção da batalha do MARNE... Todos vós sabeis o importantissimo papel que ahí desempenhou o Exercito FOCH. Colocado no centro da immensa linha de batalha soffreu o tremendo choque de 200.000 homens dos III e II Exercitos allemães. Estes querem romper o centro francez e fazem ahí o seu principal esforço. As luctas encarnicadas travadas em torno do castello de MONDEMENT e nos desfiladeiros dos pantanos de ST. GOND são de todas conhecidas, como também se conhece a famosa parte que se pretende ter sido enviada por FOCH na tarde de 8 de Setembro ao Commando em Chefe: "A minha direita recua, o meu centro cede, situação excellente — Ataco amanhã".

Senhores, é preciso desconfiar das phrases historicas. Quando não são inteiramente inventadas, representam na maioria das vezes a interpretação dada pelo povo, sob forma abreviada e penetrante, ao caracter d'um homem cujas attitudes impressionaram a sua imaginação.

A parte de FOCH, redigida sob essa forma e sem outra explicação, denotaria um gracejo e sabemos que este quadra-se mal com a gravidade das circumstancias e com o caracter daquella a quem se attribue a nota.

Para conhecer a verdade em tal caso recorramos ao que escreveu quem estava melhor collocado para o conhecer, porque foi a elle que se endereçava a parte — o Marechal JOFFRE.

Ora, em sua descripção da batalha do MARNE, este General assim se exprime: "Na manhã de 8, o Commandante do II Exercito allemão lançava seu centro e a sua esquerda, apoiados pela ala direita de HAUSEN, contra o Exercito FOCH, cuja direita e centro foram repellidos para o S. dos pantanos de ST. GOND. Porém este successo não era decisivo; não conseguiu abater a magnifica resolução do Marechal FOCH, que collocando-se pelo pensamento acima do seu proprio campo de batalha, encarava o conjuncto da situação sob o seu verdadeiro aspecto e telegraphava ao General em Chefe nesta mesma tarde: "Situação excellente".

Eis a verdade. FOCH vê o conjuncto: certamente sua direita e o seu centro perderam terreno mas sua esquerda se mantém e mesmo

progredir. Mais á esquerda ainda o 5º Exercito francez progredir também e FOCH com o rapido e habitual golpe de vista e de decisão imagina logo a manobra audaciosa que executará no dia seguinte. Por isso, pôde concluir: "Situação excellente — Ataco amanhã". Ora, no dia seguinte tomando uma divisão de sua esquerda onde tudo caminha bem para lançal-a sobre a sua direita ameaçada, recupera a vantagem em toda a sua frente e a 10 realiza a ruptura do centro inimigo.

Desse modo comprehende-se porque um homem que, em circumstancias tão difficeis, deu provas de tanta força d'alma, tenha adquirido repentinamente immenso renome. E no Grande Quartel General e no interior do proprio paiz só se fala em FOCH.

Quando tres semanas mais tarde, a situação se torna diffiil é nelle que logo se pensa. Inicia-se então o conhecido periodo da "Corrida para o Mar".

Os dois adversarios, depois de terem de novo se enfrentado no AISNE, procuram alcançar o successo pela mesma manobra, cada um tentando desbordar o outro pelo Norte. Nas tentativas e paradas de um e outro lado, a ala esquerda dos Francezes e a direita dos Allemães estendem-se rapidamente para o Mar.

JOFFRE lança apressadamente desse lado 3 novos Exercitos francezes e mais o Exercito inglez, o belga depois do abandono de ANTUERPIA e os fuzileiros navaes.

Quem irá collocar em ordem esse chaos, quem irá dirigir as operações? Quem, senão FOCH?! — E JOFFRE não hesita e a 4 de Outubro nomeia FOCH Adjuncto do Commandante em Chefe e, nessa qualidade, o encarrega de coordenar as operações nessa parte da frente. E era tempo porque as cousas já iam mal.

O 10º Exercito atacado adeante de ARRAS por 3 Corpos de Exercitos allemães, entre os quaes estava a Guarda, perde terreno e na tarde de 5 de Outubro a situação é tida como tão perigosa que o Commandante do Exercito estava em via de ditar uma ordem de retirada. Nesse momento apparece FOCH, que posto immediatamente ao par da situação, manda sahir os officiaes. E uma vez a sós com o Commandante do Exercito, o General DE MAUD' HUY, seu antigo collaborador na Escola de Guerra, elle lhe diz: "Uma ordem de retirada?! — Rasgae esse papel! Não se trata de retirada: O 21º Corpo desembarca e vae reforçar-vos; os inglezes substituidos no AISNE, estão para chegar seguidos brevemente por novo affluxo de divisões francezas e os belgas que sahem de ANTUERPIA serão dirigidos para este lado.

Com tudo isso faremos uma manobra desbordante.. Mas para tal é preciso que o 10º Exercito detenha as tropas allemães que lhe enfrentam. Atacae, portanto!".

"Mas, responde DE MAUD'HUY, ha já dois dias que eu sou atacado; minhas tropas que luctam um contra dois estão esgotadas e incapazes de novo esforço".

"Atacae assim mesmo e se não progredirdes, pelo menos mantende-vos no terreno em que estaes".

"Porém isso será difficil nestas planicies descobertas e sem pontos de apoio".

"Afferrae-vos aos canaes".

"Mas não ha canaes na minha frente".

"Então, imaginae um, traça-o na carta, ahi onde estaes, e não vos desprendaes delle!"

Graças a esta energica intervenção, o 10º Exercito transforma a sua ordem de retirada em ordem de contra-offensiva que restabelece a situação.

FOCH corre em seguida ao Exercito belga, cujos destroços desembaraçados com difficuldade de ANTWERPIA, refluem para a FRANÇA. As unidades dizimadas pelas perdas estavam deslocadas, o material em grande parte disperso. Era preciso immediatamente restabelecer a ordem e depois principalmente detel-as sobre o YSER e conseguir que fizessem frente ao adversario. Tudo isso elle diz em termos commovidos mas energicos ao rei ALBERTO. Este ficou captivo dessa palavra inflammada. Nunca, declarava mais tarde o proprio rei, houve quem lhe falasse com tanta virilidade e lhe tivesse dado a impressão tão brilhante da verdadeira grandeza militar. "Este homem faria os mortos se baterem", disse elle. E este rei, já tão grande pela intelligencia e pelo coração, tornou-se talvez maior por ter esquecido a sua corôa para ouvir os conselhos de um simples general — em cuja alma soube entrever o genio. E o heroico Exercito belga, apesar dos furiosos ataques soffridos, soube defender sobre o YSER o que restava do territorio nacional e salvar desse modo magnificamente a honra das armas belgas.

Porém a tempestade apaziguada desse lado, roncava formidavelmente um pouco mais ao Sul. Era a batalha de YPRÊS.

Ahi, os Ingleses e Francezes intimamente unidos, lutam desesperadamente para resistir ao Duque de WURTEMBERG e ao KROMPRINZ da BAVIERA, que com 10 Corpos de Exercitos e 4 D. C. pronunciam uma offensiva que o Kaiser quer que seja decisiva. O Exercito inglez ao S. do YPRÊS trava combates terribes, porém a 31 de Outubro a situação do 1º Corpo inglez — DOUGLAS HAIG — torna-se tão grave que, ante a ameaça de ruptura das linhas, o Marechal FRENCH, informado por HAIG, dá uma ordem de retirada.

FOCH, prevenido immediatamente, chega; e conjura o Marechal FRENCH a manter-se a todo custo, promettendo-lhe o proximo apoio de tropas francezas. FRENCH mantem a sua decisão. FOCH torna-se mais insistente e afflictiva discussão estabeleceu-se entre os dois homens de coração, animados de egual patriotismo, mas encarando a situação de maneira diversa. FOCH accumula as razões de interesse geral; FRENCH continúa inabalavel; não quer, diz elle, comprometter o seu Exercito, cujo interesse está em jogo. FOCH esgotou os argumentos, mas de subito, encarando o velho Marechal, disse: "Seja, Senhor Marechal, retire-se o vosso Exercito mas deixae-me dizer-vos que os descendentes dos Francezes de FONTENOY ficarão dolorosamente surprehendidos com o abandono em que os deixam seus companheiros d'armas britannicos no momento mais critico da lucta. Parecer-lhes-á que a velha Inglaterra,

tão ciosa de sua honra sem macula, não opprovará tal abandono".

Estas palavras foram seguidas de um silencio na verdade tragico. Os dois homens continuam a desafiar-se com o olhar; porém, bruscamente o Marechal FRENCH, volta-se para o General DOUGLAS HAIG, já de posse da ordem de retirada e diz: "HAIG restitui-me vossa ordem" e depois á vista de FOCH rasga-a lentamente e apertando as suas mãos com emoção diz simplesmente: "Manteremos".

Scenas como esta emprestavam a FOCH grande prestigio junto aos Alliados, prestigio que mais tarde será confirmado no momento das grandes decisões.

Por enquanto as suas intervenções frequentes, a sua constante energia tinham conseguido quebrar definitivamente em ARRAS, sobre o YSER e em YPRÊS as tentativas enfurecidas dos Allemães, quer para desbordar quer para romper os Exercitos Alliados, e a oppôr-lhes uma frente solidamente estabelecida.

Começa agora a guerra de trincheiras. Durará 3 annos. Diante da nova situação, JOFFRE, realiza novo agrupamento de as forças constituindo 3 Grupos de Exercitos — e FOCH é o Commandante do Grupo de Exercitos do Norte.

Como tal, cabe-lhe a direcção superior em 1915 da batalha offensiva de ARTOIS, em 1916 da batalha do SOMME. Estas duas batalhas constituiram dois grandes successos; sobre tudo a segunda, que, travada pelos Exercitos francezes e inglezes, desembarçou VERDUN e deixou em mãos dos Alliados 105.000 prisioneiros, 350 canhões e 1500 metralhadoras. Mas nem uma nem outra foram decisivas; não realizaram a ruptura.

No paiz e no Governo, que esperavam convictamente essa ruptura e o fim da guerra, houve decepção. E como acontece frequentemente nos paizes democraticos, porque os povos têm menos paciencia do que os reis, lançou-se a responsabilidade sobre os grandes Chefes.

Assim, do mesmo modo que FRENCH já tinha cedido o Commando do Exercito inglez a DOUGLAS HAIG, JOFFRE teve que abandonar o Commando em Chefe dos Exercitos francezes e FOCH o do Grupo dos Exercitos do Norte. Não ha duvida que estas decisões foram enfeitadas de flores: JOFFRE recebeu o bastão de Marechal e FOCH a Medalha Militar, porém nem um nem outro se illudiram. Na realidade procurava-se pedir a outros Chefes uma mais rapida terminação da guerra; mas então se esquecia que em toda a batalha, antes da phase de decisão, ha a de usura; e que quando se trata de batalha em que se empenham 8 milhões de homens, esta phase de usura não se resolve em uma hora, nem mesma em um dia, mas exige mezes e annos.

* * *

De qualquer modo, FOCH accetou com serenidade essa meia-desgraça. Parte activa desde o inicio nessa lucta formidavel e collocado em elevado posto de commando, que não era o supremo, talvez sentisse a necessidade de um pouco de afastamento e de recolhimento

para poder meditar sobre os erros da "Entente" no passado e os meios de corrigir-os no futuro. Além do que sua saúde se encontrava um pouco abalada e, quando se pensar que um homem que ha 2 annos e $\frac{1}{2}$ vinha dependendo continuamente tanta energia physica, intellectual e moral, tinha 66 annos de idade, comprehender-se-á que esse homem havia de precisar de um pouco de repouso.

Porém esse repouso não teve longa duração, porque menos de 5 mezes depois, em 10 de Maio de 1917, o novo Ministro da Guerra, o Sr. PAINLEVÉ, lhe attribuiu com o titulo de Chefe de Estado Maior General, as funções de Conselheiro militar do Governo e encarregado e realizar a ligação entre a concepção politica da guerra e as decisões do Commando militar. Tão importantes funções que collocam FOCH em relação não só com os diversos Exercitos Alliados mas tambem com os respectivos governos, iriam, como veremos, encaminhal-o para o Commando em Chefe de todas as forças da "Entente".

Convencido de que o methodo dos ataques intermitentes executados por cada um dos Alliados, unicamente com os proprios meios e em occasião que escolhiam, era mau e que nada se conseguiria enquanto os esforços de uns e de outros não fossem coordenados por uma direcção Superior da Guerra, FOCH não cessa de declarar, pela palavra e por escripto, a sua organização.

Mas aqui, Senhores, tocamos no ponto mais sensível e mais fraco das coligações: — os interesses particulares, os amores proprios dos grandes Chefes e os orgulhos nacionaes interm para afastar a idéa de um Commando unico. Serão precisos os rudes golpes do fim de 1917 e começo de 1918 para arrancar aos poucos o consentimento de todos para essa decisão de salvação.

O primeiro desses golpes foi a ruptura das linhas italianas do ISONZO em Outubro de 1917. Sabeis como essas linhas foram bruscamente atacadas em 24 de Outubro por um poderoso Exercito Austro-Allemao, commandado pelo General allemao OTTO VON BELOW e comprehendendo, além de numerosas forças patriacas, um nucleo de 7 D. I. allemães especialmente escolhidas, instruidas e equipadas. 26, depois de dois dias de lucta, a frente era rompida e o inimigo comprehendendo logo depois o aproveitamento do exito investia na direcção de UDINE e de FELTRE e invadia a VENECIA. As linhas do CARSO e do baixo ISONZO são tomadas de revés, a defesa dos ALPES CARNICOS cae e é só sobre a linha do SAVERE que se consegue reconstituir nova defesa. A situação era grave; toda a VENECIA oriental cahia em fins de Novembro de 1917 nas mãos do inimigo e a repercussão desse desastre é sentida de modo muito duro por nossos soldados Italianos.

A FRANÇA e a INGLATERRA sentem necessidade imperiosa de levar-lhes auxilio material e reconforto moral e pensa-se logo em FOCH. Eil-o então em viagem para a ITALIA. Sob sua inspiração as forças italianas se organizam; e D. I. inglezas e francezas são transportadas rapidamente para o Sul dos

ALPES, occupam parte da frente e a defesa é de novo organizada solidamente.

Conseguido este primeiro resultado, cuida-se do futuro; e para tornar a cooperação mais effectiva, os 3 paizes, FRANÇA, INGLATERRA e ITALIA, assignam o pacto de RAPALLO que institue um Conselho Superior de Guerra Inter-alliado, encarregado de estudar e preparar as decisões que interessem o conjunto dos Exercitos alliados. Eis, verdadeiramente, o primeiro passo, tímido embora, no caminho da direcção superior das operações.

Porém isso constitue aos olhos de FOCH solução por demais deficiente. Não ha duvida que o Conselho Superior de Guerra encara a frente occidental como frente unica do Mar do NORTE ao ADRIATICO, mas quem diz frente unica deve dizer tambem Chefe unico que presida á intima ligação entre os Exercitos alliados, á organização de suas reservas e ao estabelecimento de planos de operações.

Nisso se resume a theoria que é preciso fazer triumphar e FOCH continúa sem descanso a devotar-se por ella. E para começar reclama a constituição de uma Reserva Geral Inter-alliada.

Esses pontos de vista só encontram fraco apoio nos Governos e Estados Maiores alliados e em presença das resistencias encontradas o Conselho Superior de Guerra contenta-se com meia-medida: a 2 de Fevereiro elle designa um Comité executivo encarregado de fixar a composição, o estacionamento e o emprego da reserva pedida pelo Chefe do Estado Maior General francez. Isto era adiar a difficuldade do problema e não valeria a pena mencionar essa resolução de 2 de Fevereiro de 1918 se sua redacção não revelasse já a influencia da personalidade de FOCH sobre todos. Eil-a: "O Conselho Superior de Guerra delega a um orgão de execução, composto de representantes militares da GRã-BRETANHA, ITALIA e dos ESTADOS UNIDOS DA AMERICA, com o General FOCH pela FRANÇA, os poderes abaixo....."

Desse modo, a GRã-BRETANHA, a ITALIA e os ESTADOS UNIDOS designarão quem quizerem como representantes no Comité, mas para a FRANÇA impõe-se que seja FOCH, porque é a elle que se quer dar a Presidencia do Comité. E, com effeito, nesta mesma data 2 de Fevereiro de 1918, segunda resolução segue a primeira e se exprime: "O Conselho Superior de Guerra designa o General FOCH para Presidente do Comité Executivo".

Executa-se assim o segundo passo no caminho do Commando unico.

Apesar disso estamos ainda longe deste. Ser Presidente de um Comité que não tem autoridade alguma effectiva sobre os Commandantes dos diversos Exercitos, não ter o Commando do conjunto e desde o inicio trava-se o conflicto entre o Comité que pela voz do General FOCH reclama uma reserva geral de 30 D. I. e os Governos que traduzindo os conselhos dos respectivos Commandantes em Chefe querem limitar essa reserva geral ás 11 D. I. britannicas e francezas do theatro de operações italiano.

A 15 de Março, FOCH volta á carga e sua voz ainda não é ouvida. Decididamente os interesses particulares não conseguiram ainda desaparecer em face do interesse geral. Será preciso novo golpe para obrigar a cederem.

Este não se fez esperar; e por pouco não é mortal — 6 dias apóz, a 21 de Março, a frente franco-inglesa era, por sua vez, recalcada na PICARDIA.

Os allemães, querendo a todo custo terminar a guerra antes da entrada em linha dos Americanos, acabavam de lançar 3 Exercitos, BELOW, MARWITS e HUTIER, cerca de um milhão de homens contra a frente de 80 kms., entre ARRAS e OISE, com esforço principal pela esquerda na direcção de S. QUENTIN, HAM e MONTDIDIER.

A manobra é evidente. Como o OISE é o limite entre os Exercitos inglez e francez, o Commando allemão conta, por meio dessa violenta penetração sobre a margem N. do rio, repelir para O. e N. O. a direita dos inglezes, separando-a assim da esquerda franceza.

Os acontecimentos justificaram as previsões. O 5º Exercito inglez, que lutava na proporção de 1 contra 3 $\frac{1}{2}$ teve que ceder terreno. Abriu-se uma brecha de 10 kms. entre Inglezes e Francezes e ameaçando augmentar cada vez mais. HAIG e PETAINahi lançaram todas as tropas disponíveis mas não conseguiram fechar o vazio.

A ausencia da Reserva Geral pedida por FOCH alguns dias antes e a falta de um Commando unico que pudesse impôr a sua constituição, davam logar a que a estrada para PARIS ficasse aberta ao inimigo.

A situação era então critica e o proprio FOCH, interrogado por um membro do Governo, a declarava grave, muito grave mesmo, mas acrescentava com a sua fé habitual na vontade e na acção "de maneira alguma desesperadora"; sómente era necessaria uma direcção suprema da guerra. Tinha já corrido a CLEMENCEAU, Presidente do Conselho de Ministros para pedir-lhe que exigisse a organização immediata dessa direcção, "sem o que, teria ajuntado, corremos para a catastrophe!".

Nesse mesmo dia, o Marechal HAIG fazia igual pedido ao seu Governo que immediatamente enviou á FRANÇA Lord MILNER para deliberar com o Governo francez sobre as disposições a serem tomadas.

Reuniu-se á conferencia a 6 de Março em DOULLENS, pequena cidade da PICARDIA, a 25 kms. da linha de combate.

POINCARÉ, Presidente da Republica Francaza deve presidir; a Inglaterra é representada por um Ministro, Lord MILNER e pelo General WILSON, Chefe do Estado Maior Imperial britannico e Conselheiro Technico do Governo e o Marechal HAIG, Commandante dos Exercitos inglezes em FRANÇA e seu Chefe de Estado Maior; a FRANÇA é representada por CLEMENCEAU, Presidente do Conselho, acompanhado do Ministro LOUCHEUR, por FOCH, Chefe do Estado Maior General e Conselheiro militar do Governo e pelo General PETAIN, Commandante em Chefe dos Exercitos francezes.

A scena, contada por uma das testemunhas é impressionante. Fazia frio mas enquanto se esperava algum retardatario, passeiava-se no jardim que existe á frente da Municipalidade, onde deve realizar-se a reunião. FOCH aproveita o tempo para preparar a questão. Cheio de alegria communicativa e de vigor, diz o narrador, vae de um a outro grupo, dirigindo-se ora a POINCARÉ, ora a CLEMENCEAU.

Por fim, plantando-se em frente deste ultimo, exclama: "Chegou o momento de não mais perder nem 50 centimetros de terreno. Urge apegarmo-nos ao solo e ahi morrer. Lembra-vos de Outubro de 1914". E CLEMENCEAU, o Tigre, embora pouco affeito a sensibilidades affectadas, e tocado pelo fluído que irradiava desse homem, toma o braço de LOUCHEURS e diz-lhe designando FOCH: "Que bicho" C'est un bougre). Palavras simples, que em sua forma vulgar são um verdadeiro brado de admiração.

O proprio FOCH descreve a sua intervenção nos conciliabulos do jardim da seguinte maneira:

"Revelava-se a anciedade em muitas physionomias e em varias conversações. Lembro-me mesmo de ter intervindo de modo um pouco brusco quando alguém emitia a idéa de que seria prudente evacuar PARIS.

PARIS! disse eu, PARIS nada tem a ver com o caso actual! PARIS está longe! E' onde se acha agóra o inimigo que devemos detel-o. Basta dizer: "Elle não passará" e não passará com certeza; eu vol-o garanto. Crêde-me que tres quartas partes estarão conseguidas quando se souber que não se poderá mais recuar e que foi dada ordem para resistir na posição".

Finalmente, abre-se a conferencia. HAIG e PETAIN explicam a situação e como se falasse em defender AMIENS, FOCH intervem de novo: "E' preciso vencer antes de AMIENS; é preciso vencer onde estamos agora. Já que não pudemos deter os Allemães no SOMME, é agora imprescindivel não recuar mais nem uma pollegada!"

Então o Marechal HAIG inicialmente e em seguida Lord MILNER tomaram a iniciativa de propor que a direcção geral das operações fosse confiada ao General FOCH.

Este gesto, Senhores, se perpetuará na Historia, para a maior honra da INGLATERRA.

PETAIN, por sua vez, consultado por CLEMENCEAU, responde: "Senhor Presidente, accetarei tudo o que fôr necessario e util á salvação de meu paiz e não quero ter outra preocupação que não esta".

O accordo foi assignado nessa mesma sessão.

Dois dias mais tarde o General PER-SHING, Commandante em Chefe das tropas americanas a elle adheria espontaneamente em termos cheios de nobre generosidade. Indo procurar FOCH em seu Quartel General, disse-lhe:

"Neste momento só se trata de combater. Tudo o que temos em Infantaria, Artilharia, Aviação é vosso para dispôr como quizerdes. Vim para dizer-vos que o povo americano sentir-se-á orgulhoso por empenhar-se na maior batalha da Historia".

O Governo italiano concordou igualmente. E o rei dos Belgas já ha muito tempo declarara sentir-se orgulhoso de combater sob a direcção de FOCH.

* * *

Estava desse modo creada a unidade de Commando. Do Mar do NORTE ao ADRIATICO ia a guerra ser couduzida; não haveria senão uma unica frente; um só Chefe; uma só vontade.

LUDENDORFF, a cujo parecer podemos recorrer, escreveu: "A nomeação de FOCH para o Commando supremo dos Exercitos alliados foi um dos factores essenciaes, senão o principal, que fizeram abortar o meu plano".

Senhores, torna-se necessario recordar a maneira pela qual foi exercido esse Commando unico nas mãos de FOCH.

Depois de ter parado as necessidades mais urgentes, fechando os vasillos com tropas retiradas rapida e audaciosamente de partes da frente menos expostas, passa, por sua vez, á offensiva; e aos golpes succedem novos golpes. E' necessario não dar tempo ao inimigo para manobrar, para servir-se de suas reservas. A energica impulsão do Commandante em Chefe faz-se sentir constantemente e por toda a parte. FOCH não admittie lentidão qualquer que seja o pretexto (fadiga, diminuição de effectivo, etc.) e a um Commandante de Exercito que appellava para a velha amizade que os unia, para desculpar certo atraso de seu Exercito, respondia: "Não tenho mais amigos. Só tenho subordinados! Reencontrarei os amigos quando o inimigo estiver fóra da FRANÇA!!!"

Ao mesmo tempo que desencadeia esses ataques, FOCH prepara o golpe final. Os Exercitos MANGIN, GERARD e Americano de DICKMANN são reunidos na LORENA, sobre as ordens de CASTELNAU, com 40 D. I. das quaes 30 em primeira linha, 3.000 canhões, 300 carros de combate; só esperam o signal da partida para o ataque que vae consumir o esmagamento definitivo dos exercitos inimigos e cortar todas as suas linhas de communicações.

Porém a ALLEMANHA em apuros, tendo exgotado todas as suas reservas e sentindo proximo o golpe, dobra-se. Seus plenipotenciarios assignam ás 11 horas de 11 de Novembro as duras clausulas de Armistício que FOCH acaba de lhes dictar.

Era a Victoria, esta Victoria, que 20 annos antes na Escola de Guerra, quando não sonha-

va que um dia seria o seu autor, elle affirmara "cabere sempre aos que a merecem por sua maior força de vontade e de intelligencia".

* * *

Senhores, resta-me pedir-vos desculpas por ter abusado durante tanto tempo de vossa attenção benevolente. Tinha formado o projecto, um pouco presumpçoso de traçar-vos em alguns quartos de hora um esboço de conjunto do Grande Chefe desaparecido. Só alcancei ser longo, sem deixar de ficar incompleto. Ha assumptos que se prestam mal a reduções. Todavia não lamentarei a minha empreza temeraria se tiver conseguido demonstrar-vos que FOCH foi na verdade o autor da Victoria não só porque foi o Chefe feliz dos ultimos meses da lucta mas porque, do começo ao fim, mesmo quando não exercia commando directo, sua poderosa personalidade impoz-se, sua influencia fez-se sentir sobre os Governos e sobre os Exercitos; foi realmente o animador.

E' que, Senhores, o seu genio era feito da reunião, em perfeita e rarissima harmonia, das qualidades de cerebro e do coração — a intelligencia que dicta as concepções, a vontade que as executa, o saber que fornece os meios e o caracter que assegura o emprego destes.

Ninguém se enganou a esse respeito; nem a FRANÇA que quiz collocar FOCH ao lado de NAPOLEÃO para que ahi durma o ultimo somno; nem os Alliados que cercaram as suas exequias de manifestações de que se não encontram analogas em época alguma; nem finalmente os proprios Allemães. Citei-vos a pouco a opinião do seu adversario LUDENDORFF. Eis a de um outro, de Von LERSNER, Chefe da delegação allemã na Conferencia de Paz em VERSAILLES. Ao saber da morte de FOCH, escreveu Von LERSNER: "O maior soldado do seculo, o vencedor da grande Guerra fechou os olhos".

Para nós, Senhores, que tivemos a grande honra de conhecê-lo, o lucto que trazemos em nosso coração não é somente pelo grande homem de guerra mas tambem pelo Chefe amado, porque elle era profundamente bom e benevolente mesmo em sua severidade.

As honras não lhe prejudicaram a lhaueza sorridente e a simplicidade; muito antes de nos ser roubado, já POINCARÉ dissera: "A propria Gloria não o deslumbrou. Se entrou vivo na immortalidade foi com um aprumo e uma nobreza que desarmam a inveja".

"As unicas faltas do commando que sempre mereceu censura são: o esquecimento da missão recebida, a inacção e o temor da responsabilidade"

A HONRA

"Por cima do altar de recordações que ficaram do cyclone guerreiro 1919-1918. Em uma palavra gravada e sobrecarregada de grave significação na historia: a honra!"

Um homem de honra é essencialmente o que, em sua consciencia, estabeleceu regras e leis a que subordina todo o seu procedimento.

Precioso estado de espirito para aquelle que deseja agir com energia e continuidade: no chaos das acções possiveis, saberá desse modo distinguir as que são nobres das que são vãs e terá força necessaria para escolher as primeiras". (Actes des heróes — Jean des Vignes Rouges).

Local para a Escola Militar

O Decreto nº 13.713 de 25 de Abril ultimo deu á Escola Militar um novo regulamento, consequente á nova Lei do Ensino Militar.

Além de alterar-lhe as bases sobre que se vinha orientando o ensino ali ministrado, por força da sábia orientação de um preparo *contínuo, gradual e progressivo*, foi aproveitada a occasião para serem também alterados dispositivos que regulam a vida da Escola em manifestações estranhas ao ensino. E havia realmente alguma cousa a modificar no regulamento ora substituído, attendendo a que tudo evolve e melhora e que é retrogradar não attender aos reclamos de uma tal evolução.

Antes de fazermos nossas observações sobre o novo regulamento, o que virá opportunamente, trataremos hoje de um assumpto que nos têm sempre preocupado: o local para a Escola Militar, aproveitando a oportunidade da mudança que na vida da Escola introduz a nova orientação do ensino.

E' sobre este ponto que faremos algumas considerações.

SITUAÇÃO ACTUAL

Respeitamos todas as razões de ordem politica e economica que determinaram a Capital Federal para sede da Escola Militar.

Não desconhecemos também o valor social de tal medida, localizando junto á sede do Governo a primeira dentre as tropas de elite do Exercito Nacional. Crêmos mesmo que tal tenha sido feito visando, sobretudo, prestigiar o estabelecimento, situando-o na mais importante cidade do Paiz.

Mas o que nos parece irreconciliavel com tal intuito, com a valorização social do seu elemento, digamos mesmo, com a aureola de brilhante excepcional prestigio com que, por toda a parte, se cercam as Escolas Militares, é a actual sede da nossa Escola.

Sem o menor espirito critico impenitente e incontentavel, o que se nos afigura fóra de duvida é que a nossa Escola Militar, sob o ponto de vista de sua installação, da commodidade para a administração e conforto para seus alumnos, não resiste ao mais complacente e superficial exame.

E' um velho predio aproveitado, ao qual se foram accrescentando, periodicamente, outras edificações, á medida que surgiam as necessidades.

Taes edificações sempre tiveram em vista sanar a falta de espaço, para as aulas, alojamentos e demais serviços da Escola.

Lá vivem, em dependencias acanhadas e exiguas, a bibliotheca, as salas de aulas, os dormitórios, banheiros, etc.

Só podendo estender-se em uma unica direcção, ao longo e junto ao leito da E. F. C. B., não podia haver preocupação dominante de esthetica, de hygiene, nem mesmo a da commodidade, tão indispensavel ao melhor exercicio do commando e sua fiscalisação.

Sob este ponto de vista, qualquer dos quartéis da Villa Militar se lhe avanta.

Sob o ponto de vista esthetico, o edificio do Collegio Militar de Porto Alegre, sede da antiga Escola de Guerra, lhe é muito superior, e, sob este aspecto e o de hygiene, o do Collegio Militar do Rio lhe é incomparavelmente superior, nem mesmo sendo possivel um paralelo entre ambos.

O edificio do Realengo já se torna novamente pequeno, além de que sua situação é a peor possivel. Situado ao longo e a uma dezena de metros apenas da via ferrea, é uma casa barulhenta, onde tantas vezes quantos são os trens que ali passam se tem as aulas interrompidas. Nos dormitorios, ainda é mais importuno tal barulho, o que não condiz absolutamente com o indispensavel repouso após uma jornada de trabalho.

Não temos razões especiaes contra o Realengo, nem tampouco nos deixamos encantar pelas nobres origens do seu nome. O seu clima é igual ao de todo o Districto Federal. Apesar de sua vizinhança com Gericinó, onde ha impudismo, não existem ali endemias a receiar.

Mas, é sabido, sómente de ha uns dois annos para cá tem a administração municipal volvido suas vistas para o Realengo, no que diz respeito ás suas condições de saneamento, continuando a existir, no entretanto, as conhecidas valas das vizinhanças da Escola, a qual em, consequencia, é attingida permanentemente por alluviões de mosquitos.

Vêmos grandes inconvenientes em se achar a Escola localisada dentro de um povoado, na vizinhança, não muito tranquilla, de uma fabrica de cartuchos e artefactos de guerra e apertada entre as casas e a estrada de ferro, ao longo da qual sómente tem possibilidade de estender-se.

Somos contrarios ao seu improprio edificio, sem socego, sem conforto e sem hygiene. (Digase, de passagem, que o seu estado de conservação é um attestado eloquente do zelo de suas administrações).

Somos, mui especialmente, contrarios e inconformados com a pobreza de sua installação.

Realengo não tem o menor attrativo para o cadete: não possui uma praça, um unico cinema, um só centro de diversões...

Dir-nos-ão que West Point e El Palomar são isolados ou distantes dos centros povoados. Mas, possuem e constituem por si só, meios de se erigirem em centros de attractivos sociaes e mundanos.

A Escola do Realengo está num centro povoado e no entanto nada aproveita do que lhe poderia dar tal situação.

O convívio social, necessario a todo o jovem, é indispensavel, como elemento educador, ao cadete.

Mais do que qualquer um outro, pela farda que veste, que já é uma tradição, como pela sua situação especial dentro do Exercito, o cadete

chama sobre si particular attenção na sociedade que frequenta.

Recordar o que se faz nos Estados Unidos, especialmente, e em quasi todos os paizes sul-americanos, em se procurando proporcionar ao futuro official convívio com a sociedade e fazendo de sua vida na Escola um constante ensinamento do mais completo cavalheirismo, da mais perfeita linha social e do mais fino trato, não nos é absolutamente consolador.

No primeiro delles, tem nome as recepções em que toma parte escolhida sociedade; os jantares dos alumnos em primeiro uniforme, que é luxuoso, são frequentemente realizados e são de alcance extraordinariamente socializador.

Mas ali tudo corre para o brilhantismo das reuniões: uniformes dos cadetes, local encantador da Escola, com parques admiráveis e, especialmente, a sua magnifica instalação.

Tentar qualquer dessas cousas entre nós, lembraria o pavão com tão bella plumagem e tão horrendos pés: — o edificio da Escola, nem mesmo permite que se melhore o actual simples e inexpressivo uniforme com que se apresentam os nossos cadetes...

Por todas estas razões o alumno abandona, sempre que pôde, o insípido Realengo, em busca da cidade, o que faz com que elle apenas suporte o lugar onde devia encontrar todo o conforto e o seu bem estar.

TENTATIVAS DE MUDANÇA

Já vai para mais de uma dezena de annos, quando o effectivo passou de 200 para 800 alumnos, foi feita a maior das tentativas de mudança da Escola para fóra do Realengo. Um ponto sobre o qual havia unanimidade de opiniões era o de que a Escola não podia permanecer mais onde estava. Foram lembrados varios pontos do Districto, mas girando sempre o problema em torno do aproveitamento de algum predio já existente e que seria convenientemente adaptado, como medida de economia...

Havia urgencia em solucionar o problema, pois crescia o numero de matriculas e aproximava-se a abertura das aulas.

O problema descambava, assim, para uma solução apressada.

Projectos completos (um mesmo baseado na Escola de West Point), com os menores detalhes, haviam sido apresentados. A despesa espartava!

Era um luxo que as nossas finanças não comportavam.

E viu-se qual foi a solução: o aproveitamento do velho casarão do Realengo, fazendo-se, em seus fundos e ao longo da estrada de ferro, rapidas construcções que abrigariam com urgencia os novos alumnos.

Depois desta primeira investida de construcções rumo a Bangü, a Escola recebeu outras e mais outras, até que esbarrou em uma rua da localidade, ali parando... Nem mesmo tem mais possibilidade em augmentar.

O peor de tudo, porém, é o que se verificou mais tarde: o orçamento para a construcção de uma Escola modelo ficava muito aquém da despesa effectuada...

Mas isso tudo já passou ao rôl das cousas consumadas, e lá está o inesthetico e carissimo edificio...

SUGGESTÕES

Dentro do Districto Federal é difficil encontrar uma solução para o problema. Crêmos mesmo que só um local existe que poderia satisfazer á necessidade de campos para os exercicios de tiro de artilharia e a instrucção em campanha, dispondo de um terreno variado e que se prestasse para uma construcção de vulto, pelo aprazível do lugar e suas condições de adaptabilidade: a raiz da Serra de Gericino.

Ali já teve sede, ha muitos annos, um Corpo de Trem, que foi sempre tropa muito procurada pela officialidade, até que a necessidade de ampliar o campo de tiro de artilharia fez com que fosse o seu predio arrazado. A utilização de tal local importa, é certo, num trabalho previo de saneamento de suas vastas cercanias, o que constituiria, por fim, ainda num beneficio para aquella enorme região.

Na cidade, nada mais apropriado que a Quinta da Boa Vista; mas, falta-lhe, infelizmente, terreno para os exercicios.

Bem proximos da Capital existem excellentes locais e lembramos tres que bem merecem o estudo das autoridades, si fôr cogitação governamental amparar, neste ponto, a nossa Escola Militar, dando-lhe uma sede condigna. Referimo-nos a *Corréas*, perto de Petropolis, a *Pinheiros* e a *Therexopolis*.

São dotados de clima saluberrimo, superior mesmo ao do Districto.

Permittiriam que lá se construíssem novos edificios para a Escola, pois a falta de quarteis velhos põe de lado a idéa economica do seu aproveitamento...

Estamos certos que, a exemplo de todos os Estados da União, o Governo do visinho Estado se apressaria em offerecer os terrenos necessarios em qualquer desses pontos, uma vez que o Governo Federal manifestasse apenas qualquer idéa a tal respeito. Si não, uma permuta baratearia a despesa.

Em qualquer delles situada, á Escola seria facil, dada a proximidade com a Capital, participar de todas as formaturas em que é e deve ser a principal figura, bem como das solennidades a que é obrigada.

Corréas e *Pinheiros* se nos apresentam com especiaes vantagens; em ambas existem locais encantadores, apraziveis, espaçosos, e, quem os vê com a lembrança detida do Realengo, até os acha ali adrede collocados á espera da magnifica, confortavel, hygienica e modelar Escola Militar.

o o o

E dos tres logares mencionados, *Pinheiros* sobreleva, sob o essencial ponto de vista militar, como o mais apropriado com os seus terrenos variados para o exercicio de qualquer operação de guerra, inclusive a existencia de um admiravel curso d'agua onde, por sua vez, a natação seria o seu indispensavel desenvolvimento.

O conforto e o bem estar não constituem

Escola Superior de Electricidade de 1921

Em consequencia do Aviso de Fevereiro findo o Ministerio da Guerra tomou a peito estimular a ida de officiaes ao estrangeiro afim de aperfeiçoarem os conhecimentos nos centros de estudos mais adeantados. Com esse fito elle procurará divulgar o mais que fôr possível as condições de matriculas e os programmas das diferentes escolas estrangeiras para orientar os officiaes interessados nesse aperfeiçoamento.

De boa vontade damos hoje inicio a essa divulgação por uma ligeira noticia do curso de Radio-electricidade instituido pela Escola Superior de Electricidade de Paris, noticia que foi extrahida de um folheto, cedido ao Ministerio da Guerra pelo Chefe da Missão Militar Franceza.

* * *

A Sociedade Franceza de Electricidade creou em 1911 na Escola Superior de Electricidade um curso que visa o ensino aprofundado da theoria e da pratica da Radio-electricidade.

E' um curso particularmente destinado a officiaes e a engenheiros designados pelo Ministerio da Guerra, Marinha e Colonias.

Comprehende dois "periodos de ensino" com duração de oito mezes cada um e frequentados por officiaes e engenheiros de todo o mundo.

Em Novembro de 1928 teve inicio o ultimo "periodo" com a matricula de 56 officiaes de terra, marinha, aviação, engenheiros electricistas, telegraphistas, etc., provenientes da França, Inglaterra, Afghanistan, Belgica, Chile, Japão, Hespanha, Noruega, Turquia e muitos outros paizes.

O prospecto referido acima noticia a abertura de um novo "periodo" em Novembro do corrente anno.

Para melhor esclarecimento transcrevemos a circular do Director da Escola:

"A E. S. E. iniciará, em 18 de Novembro proximo, com um programma analogo ao precedente novo "periodo de ensino" de radio-electricidade. Tal "periodo" durará oito mezes e será coroado quer por um diploma de ENGNEIRO-RADIO, que por certificado de estudos radio-electricos. O ensino poderá ser se-

artigos de luxo, antes, necessarios tanto á vida em commum como á individual.

Sem ir ao luxo da formidável escola de West-Point ou ao das escolas inglezas, podemos realizar cousa excellente, completamente nossa, com magnificos edificios, obedecendo a todos os requisitos da hygiene e da esthetica, com o maior conforto para seus alumnos, em parques, jardins, campos de atletismo, e a maxima comodidade para a administração.

Teriamos, assim, uma Escola Militar que podesse ser, com prazer, mostrada aos visitantes estrangeiros, e que, nós mesmos a pudéssemos ver com orgulho — o que não se dá absolutamente com a Escola do Realengo.

guide com vantagem de um estagio de mezes de duração. As taxas de estudo são de 800 francos, comprehendidas ahí as despesas de laboratorio.

Poderão ser fornecidas notas completas dos cursos e abundante documentação sobre radio-electricidade, aos alumnos que as solicitarem. Seu preço é aproximadamente de 800 francos.

Recebem-se inscripções até 15 de Setembro de 1929.

Para acompanhar com proveito esses cursos é indispensavel possuir previamente forte conhecimento de electricidade em geral e bem solida cultura mathematica".

Pelo programma que é vasto, vê-se que o curso é concebido segundo elevada orientação scientifica, capaz de produzir engenheiros apto para o desempenho de qualquer missão delicada concernente ao ramo, bem como, por Hgõe especiaes, de pôr os alumnos ao corrente de toda a complexa theoria e applicação da radio-electricidade ás necessidades da guerra moderna.

Uma ligeira lista dos principaes assumpto professados por membros do Instituto de França, da Universidade de Paris, do Serviço Meteorologico, dá idéa nitida da complexidade e valor do curso:

- Electricidade e electrotechnica em geral;
- Noções sobre machinas e Electrotechnica applicada;
- Medidas electricas;
- Vistas de conjuncto sobre as theorias modernas da Physica;
- Radio-actividade e phenomenos conexos;
- Meteorologia geral;
- Calculo vectorial e tensorial e calculo das probabilidades applicado aos phenomenos electricos;
- Emprego da alta frequencia em telephonia sem fio;
- Propagação e penetração das ondas;
- Theoria geral da radio electricidade. Ondas continuas. Arco. Machinas geradoras de correntes de alta frequencia. Recepção. Grandes postos de T. S. F. Communicações a grande distancia;
- Considerações sobre as perturbações atmosfericas;

tudo seguido de uma serie longa e minuciosa de trabalhos praticos de radio electricidade, com estudo e experimentação dos mais modernos aparelhos e processos conhecidos.

Em nossa redacção temos um exemplar do programma á disposição dos officiaes que desejarem informações mais pormenorizadas.

"Não basta dar ordens! E' preciso ver se são executadas: é preciso fiscalizar os homens e seguil-os de perto. Se só fosse sufficiente ao Commando dar ordens, sua tarefa seria por demais simples. O essencial é conseguir a execução dessas ordens". (Marechal Foch).

ch **Assumptos Navaes**

OS QUADROS DE OFFICIAES DA ARMADA NO CONGRESSO

Pelo Commandante MUNIZ BARRETO

(Continuação do n. 185)

Não é bastante que a lei de quadros determine uma proporção conveniente entre os diferentes postos, para que fique, "ipso facto", garantido um accesso normalmente rapido, e assegurada a formação de uma officialidade efficiente, que chegue ainda moça ás posições de mando, vigorosa e competente. Não basta copiar para nós a proporção que existe em marinhas adiantadas, para que a nossa, magicamente, appareça tambem efficiente. E' preciso muita cousa mais.

A simples proporção, de um para dous ou de um para tres, de um posto a outro, nada significa, se não levarmos em conta, tambem, a idade em que o accesso vai depender da proporção, e o limite até o qual ella influe. Em outras palavras, a rapidez do accesso é função do numero de officiaes em cada posto, mas o rejuvenescimento dos quadros — por meio do qual se visa obter uma officialidade relativamente joven nos postos superiores de mando e no generalato — está directamente ligado á idade com que o official attinge ao primeiro posto de accesso gradual, aquelle que depende das vagas dos posto acima, assim como tem, igualmente, relação com a idade em que se retira o official, deixando de figurar nesses quadros. TUDO ISSO ESTA' VINCULADO EM SYSTEMA.

Assim foi a questão encarada na marinha dos Estados Unidos.

Comquanto o estado de guerra com a Alemanha, devido á enorme movimentação de sua esquadra, accrescida durante o periodo bellico de numerosas unidades, tenha vindo alterar em parte o programma da administração, simplificando extraordinariamente o problema do pessoal com a ampliação que foi preciso dar então aos quadros de officiaes; não obstante não haver o Congresso, por isso, mandado executar todas as medidas aventadas pelo Navy Department em 1915 e 1916, em "Personnel Bills" propostas ao Parlamento, nem por isso é menos instructivo apreciarmos, em seu conjuncto, essas providencias, para as quaes a administração naval no Brasil deve voltar as suas vistas.

A comissão presidida pelo Sr. Franklin Roosevelt, em 1915, fazia, entre outras, as seguintes considerações:

"A questão mais importante em tudo o que concerne ao pessoal está no destino conveniente que se deve dar ao excesso inevitavel de officiaes que se verifica nos postos superiores, pelo accesso.

Para se comprehender a existencia desse excesso, basta dizer que a

lotação de um couraçado comprehende um Capitão de Mar e Guerra e 10 a 15 Segundos Tenentes.

Os factos em nossa marinha têm mostrado que, de 150 Segundos Tenentes sahidos da Escola Naval, ao cabo de 34 annos de serviço apenas 5 são necessarios no posto de Contra-Almirante.

A experiencia das outras nações está em plena concordancia com isso.

Os casos de fallecimento e invalidez não são bastantes para reduzir o numero inicial; são necessarios processos artificiaes".

O mecanismo lembrado, foi, então, o seguinte, proposta a supressão do "plucking board":

"Em seu lugar é estabelecido o o principio da promoção por processo de competição e escolha dos mais capazes, ao lado da criação de uma reserva do quadro activo para os officiaes não escolhidos para promoção. Os officiaes collocados nessa reserva continuarão no serviço, mas serão unicamente promovidos, excepcionalmente, por trabalhos meritorios.

O systema de campetição para promoção comprehende tres factores: primeiro, os conhecimentos profissionais; segundo, a relação das commissões desempenhadas; e, terceiro, o conceito da classe emitido pelos officiaes mais graduados".

No regimen proposto — continúa o relatorio — um aspirante que entra para a Escola Naval torna-se membro de uma turma que varia de 250 a 300 pessoas. Depois de quatro annos, com a eliminação dos menos aptos, cerca de 150 entram para o serviço como segundos Tenentes, na idade de 22 annos em media.

Após tres annos de serviço nesse posto, são submettidos a um exame, que os colloca em ordem de merito.

Daquelles 150, reduzidos por causas varias a cerca de 135, continuarão 100 no Corpo da Armada (the line of the navy), e proxmamente 25 outros nos Corpos de Commissarios, Constructores Navaes, engenheiros de Obras Civis e Infantaria de Marinha. Os restantes Segundos Tenentes, cerca de 10 por

anno — os de collocação mais baixa — serão excluídos, com a garantia de um anno de vencimentos, á semelhança do que se fazia por muitos annos no passado, quando havia excessos de aspirantes.

Os 100 Segundos Tenentes restantes serão promovidos a Primeiros Tenentes (Lieutenants, junior grade) e, ao cabo de seis annos, aquelles que existirem serão promovidos a Capitães Tenentes (Lieutenants, senior grade), depois dos exames usuaes. Ficarão ainda seis annos, semelhantemente, no posto, sendo, depois desse periodo, candidatos á promoção. Neste ponto começa o accesso por selecção e a transferencia dos não promovidos para a reserva do quadro activo. Normalmente, dous, sobre tres, serão promovidos a Capitães de Corveta, devendo ficar seis annos no posto. Ao cabo desse tempo serão candidatos a Capitães de Fragata; apenas a metade será promovida, e a outra metade transferida para a reserva. Os promovidos, depois de seis annos, candidatam-se a Capitães de Mar e Guerra. Só a metade é promovida, como no caso anterior. Com sete annos de serviço neste ultimo posto, a turma que a principio tinha 150 estará reduzida a cerca de 10, ao cabo de 34 annos de serviço total. Deste numero de 10, sómente 5 serão promovidos a Contra-Almirantes e os outros collocados na reserva".

Taes foram, em synthese, as principaes conclusões a que chegou a administração naval norte-americana em 1915.

As idéas do Departamento Naval de Washington, apresentadas ao Parlamento em 1915, foram no anno seguinte, reforçadas pelo Ministro Daniels em um documento de grande minucia, com abundante argumentação sobre o processo de promoções por merecimento. O Secretario de Estado da Marinha norte-americana alterava, na forma, alguns pontos da proposta anterior, e tornava outros mais explicitos.

Assim é que, a promoção dos Primeiros Tenentes a Capitão Tenente, alem do acces-

so por antiguidade proposto, o Governo queria promover dez outros por eleição dentre os que tivessem mais de tres annos no posto; para a promoção dos postos de Capitão Tenente, Capitão de Corveta, Capitão de Fragata, dous e Capitão de Mar e Guerra, tres.

A reforma compulsoria para os officiaes generaes deveria ser aos 62 annos de idade, e aos 57 para os Capitães de Mar e Guerra; mas para os demais postos ella decorreria do tempo de serviço, do seguinte modo: Capitão Tenente, 23 annos; Capitão de Corveta, 28; Capitão de Fragata, 33.

A mais importante suggestão do Navy Department residia, porem, no systema de escola para o accesso de merecimento. Era abolida, por completo, a constituição de "commissões de promoções" para indicação ao Governo dos nomes preferidos; a selecção deveria ser automaticamente feita, por meio de um processo muito interessante de coefficients numericos, compulsados pela Secretaria de Estado e obtidos para cada candidato que preenchesse preliminarmente determinados requisitos de tempo de serviço, mediante informações enviadas pelos officiaes de posto immediatamente superior.

Após quasi dous annos de debate, no Congresso e entre officiaes de marinha, foi afinal approved o "Personnel Act" de 29 de Agosto de 1916, differente, em alguns pontos, da proposta original.

O augmento de quadros correspondente ao do material fluctuante fez adtar a execução da "reserva do quadro activo", como a chamou o relatorio Roosevelt; o interstício para a promoção de Capitão de Corveta e Contra Almirante foi reduzido a dous annos em cada posto, sendo que todos os Capitães de Corveta, Capitães de Fragata e Capitães de Mar e Guerra que não logrem promoção, respectivamente até os 45, 50 e 56 annos de idade serão reformados.

As promoções exclusivamente por escolha foram mantidas pelo Congresso para os postos de commando, mas apurado o merecimento por uma comissão de nove Almirantes, incumbida de enviar ao Presidente da Republica uma lista annual, com tantos nomes quantas as vagas previstas pelo Ministro. Para entrar na lista alem dos dous annos de interstício, tornou-se preciso obter o official seis votos na comissão.

"Em politica internacional, o valor das nações não reside tanto na missão que hajam de cumprir ou no ideal que propugnem, como na capacidade moral e material que possuam para realizar sua missão ou corporificar seu ideal. Ninguém respeita ou procura a alliança de fracos. Para defender um conceito superior da vida e da Civilisação cumpre ser forte.

A força confiante e generosa é um polo de atracção". CALOGERAS — Relatorio do Ministerio da Guerra — 1920).

"Hoje ha alguma cousa de indefinido que paira acima de tudo, uma palavra de sentido imponderavel quando se analysa, mas sublime quando se pronuncia: **PATRIA**. Estamos num momento tal, vivemos pagina tão tragica que devemos todos cumprir nosso dever e quando se faz mais do que o dever não se sabe bem se é bastante". (Do canhenho de um combatente da Grande Guerra citado por Gustavo Le Bon).

táctica de Artilharia

I — Missão e repartição de artilharia

II — Os fogos - classificação e condições geraes do emprego

Cap. ALCIO SOUTO

A importancia e complexidade do assumpto justificam o nosso objectivo de contribuição ao estudo, visando principalmente esclarecer a questão dos fogos da artilharia nas diferentes situações de combate, sua classificação, condições geraes e oportunidade de emprego.

Dizemos "esclarecer" porque, embora seja o assumpto tratado nos regulamentos da arma, ou é feito sob ponto de vista tecnico como na I. G. T. A. (Titulo VII — Conducta do fogo) ou de modo assaz deficiente como no R. T. A. (2ª Parte), regulamento que se acha em revisão.

Ainda o facto do Curso de Artilharia na E. A. O. haver se limitado, até agora, ao estudo quasi que exclusivo das questões technicas do tiro, o exiguo tempo lectivo não permittindo o necessario desenvolvimento da parte "táctica de artilharia", contribue para que exista uma certa difficuldade e falta de unidade de vistas — mesmo entre nós artilheiros — para a classificação e justo emprego dos fogos numa determinada situação tactica, sua adaptação ao dispositivo e manobra da infantaria e, tambem, o seu desenvolvimento compativel com os nossos recursos materiaes limitados.

I — MISSÕES E REPARTIÇÃO DA ARTILHARIA

A missão principal da artilharia no combate é dar á infantaria (ou cav.) o apoio de seus fogos.

Para isso:

— ella "prepara", "acompanha" e "protege" os ataques;

— esforça-se para impedir ou difficultar os preparativos de ataque inimigo, e, uma vez desencadeado esse ataque, ajuda a infantaria a "detel-o" e a repellil-o;

— bate a artilharia inimiga, sobretudo, quando ella se oppõe (no ataque) ao movimento da infantaria.

Tambem, em qualquer situação, a artilharia procura fazer mal ao inimigo e causar-lhe perdas, batendo os "objectivos inopinados", principalmente columnas ou reuniões de tropas ou frens (viaturas), e, actuando contra as comunicações e pontos sensiveis á retaguarda das linhas.

D'ahi, as suas principaes missões:

a) Na offensiva — Preparação dos ataques; Acompanhamento (ou apoio directo) e Protecção da infantaria (cav.).

b) Na defensiva — Contra-preparação; Detêr; Apoio aos contra ataques.

c) Em qualquer situação — Contra-bateria; Contra objectivos inopinados; Interdição, ou Inquietação.

Entretanto, sendo a artilharia dotada de materiaes de calibre diversos, de alcance varios, rapidez de tiro e grandes campos de tiro, poderá receber, além dessas, outras missões particulares.

Das missões indicadas, as que exigem maior collaboração com a infantaria, taes como certas destruições de defesas accessorias (preparação dos ataques), o "acompanhamento" a "protecção dos ataques" e a missão de detêr, são normalmente desempenhadas pela artilharia divisionaria.

Particularmente, as de "acompanhamento" e de "detêr" exigem uma ligação íntima com a infantaria e são, por isso, designadas por missões de "apoio directo".

Os objectivos inopinados, exigindo o emprego de materiaes de facil manobra e consequente rapidez de tiro, serão tratados de preferencia pela artilharia leve divisionaria, porém os mais distantes poderão requerer materiaes de maior alcance do escalão superior.

A contra bateria, podendo ser executada com relativa independencia do combate da infantaria, poderá ser attribuida seja a uma parte da artilharia divisionaria, si os meios desta o permittirem, seja á artilharia dos escalões mais elevados, como o Corpo de Exercito e o Exercito; entre nós, a inexistencia do escalão intermediario — Corpo de Exercito — acarreta um reforço "a priori" da artilharia divisionaria, que possui assim, normalmente, os meios de effectuar a contra bateria na tonalidade ou em parte de sua zona de acção, (si o Exercito vier em auxilio da Divisão).

Os tiros contra as comunicações e pontos sensiveis do inimigo interessam aos escalões de commando tanto mais elevados quanto á maior distancia da frente e serão, por consequencia, geralmente repartidos entre a artilharia divisionaria e a de Exercito.

Para melhor desempenho dessas variadas missões e tendo em vista, sobretudo, a relação de dependencia que as liga ao combate da infantaria, é a artilharia geralmente repartida em "artilharia de apoio directo", "artilharia de conjunto" e, em certos casos, "artilharia de acompanhamento immediato", cujas caracteristicas passamos a estudar.

"APOIO DIRECTO"

Comprehende a artilharia destinada normalmente ao desempenho das missões que demandam uma collaboração estreita com a infantaria, uma adaptação ao dispositivo e ao systema de fogos dessa arma e, por isso, exigem uma ligação directa entre os respectivos chefes, cabendo ao artilheiro attender aos pedidos

de fogos do infante, sem entretanto lhe ficar directamente subordinado.

Vimos, já, quaes são essas missões: dentre ellas, a de apoio directo (comportando os fogos de "acompanhamento" do ataque e os de "detêr" na defesa) constitue a principal missão da artilharia que lhe tomou o nome.

O material de 75 deve ser empregada de preferencia para o apoio directo.

Na D. I. poderemos ter normalmente agrupamentos de apoio directo em numero igual ao de regimentos em 1º escalão; por sua vez a organização dos agrupamentos obedece, em principio, à necessidade de se affectar, pelo menos, um grupo de apoio para cada batalhão em 1º escalão.

Em certos casos, os agrupamentos de apoio directo poderão comportar tambem artilharia pesada curta, por ex., quando o terreno mais dobrado ou coberto exigir em certas partes o emprego de trajetórias curvas.

A ligação directa entre a artilharia de apoio e a infantaria é obtida: 1º) por meio de destacamentos de ligação enviados pelas unidades de artilharia para junto das de infantaria; 2º) pela juxtaposição dos PC dos chefes interessados (Cmts. de RI. e de Agrupamentos, emts. de btlas. e de Gr.) quando possível. Tambem, a designação das unidades de artilharia para apoiarem, sempre que possível, as mesmas unidades de infantaria, facilita bastante o bom entendimento e a confiança que deve existir entre as duas armas.

Os agrupamentos de apoio directo ficam ás ordens do Cmt. D. I., por intermedio do Cmt. A. Ex.; somente nos casos em que seja difficil o exercicio do commando centralizado, como em terrenos muito dobrados ou cobertos, falta de cartas, manobras em frentes largas, transmissões deficientes ou dificultadas pela progressão rapida dos elementos de 1º escalão (aliás, frequentes no Brasil) poderá o commando descentralizar a artilharia de apoio, passando-a ás ordens dos chefes de infantaria que melhor poderão assegurar a coordenação das acções entre as duas armas.

Nas divisões de Cavallaria será o caso mais geral.

Entretanto, deve-se ter sempre em vista que a descentralização da artilharia deve ser evitada quanto possível, porque far-se-á com prejuizo do principio basico de seu emprego no combate, a "massa" de fogo.

ARTILHARIA DE CONJUNTO

São designadas de um modo geral por "missões de conjunto" as varias missões que independem relativamente do combate da infantaria e por isso não exigem uma ligação estreita com essa arma, mas por outro lado exigem um serviço de informações (observação terrestre e aerea) que abranja o conjunto da frente e o interior ou retaguarda das linhas inimigas. Taes são, as missões de "contra bateria", "contra objectivos inopinados", de "interdicção" e de "inquietação", missões essas que subsistem, com importancia variavel, nas diferentes situações de combate, quer nos periodos activos de ataque

ou defesa, quer nas situações intermediarias de calma ou estabilisação.

Para o desempenho das missões de conjunto formam-se, sempre que a quantidade de artilharia de que se dispõe o permite, um ou mais "agrupamentos de conjunto".

A artilharia de conjunto é constituida geralmente pelos grupos de artilharia de maior calibre e alcance da divisão ou que lhe são affectos para reforço, mas, com vantagem deve comportar tambem artilharia de 75, seja para as missões que demandam rapidez de tiro (objectivos inopinados), seja economia dos materiais de maior calibre, no desempenho de missões a distancias menores, a possibilidade de graduar os effectos de potencia segundo os objectivos.

No caso dos destacamentos e das Divisões de Cavallaria, em que os meios em artilharia são normalmente muito reduzidos (2 a 3 grupos) não se poderá o mais das vezes especialisar uma parte da artilharia para as missões de conjunto, que serão executadas sem prejuizo do apoio directo e protecção — missões principaes.

Na D. I. será sempre possível e de grande vantagem organizar pelo menos um agrupamento de conjunto que, além das missões citadas, constituirá um poderoso meio de manobra pela massa de seus fogos, nas mãos do commando, facultando-lhe a possibilidade de empregar-o em reforço do "apoio directo" e na "protecção", de modo a fazer sentir a sua acção sobre os pontos ou partes da frente onde seja necessario, quer para accentuar um esforço no ataque, quer para augmentar a capacidade de resistencia da frente onde o ataque inimigo seja mais poderoso.

A missão de contra bateria e as denominadas "missões longinquas" (de interdicção ou inquietação) poderão tambem ser desempenhadas pela artilharia do Exercito e com tanto maior vantagem quanto o maior alcance do material empregado permittir bater uma zona mais profunda á retaguarda da frente inimiga. Essa contribuição da artilharia do Ex. poderá ser effectuada, seja por um reforçamento dos meios da D. I. que se encarregará de empregar-os, seja por intervenção, na zona de acção da divisão, dos agrupamentos de Exercito, mantidos ás ordens do Cmt. A. Ex. e que tomarão a seu cargo as citadas missões na totalidade da frente ou, mais commumente, em parte della e sobretudo além de um determinado limite. O 1º caso apresenta vantagens quando a frente do Exercito é demasiado grande, sendo difficil ao Cmt. A. Ex. centralisar o commando de sua artilharia; o 2º caso será frequente quando se houver de actuar com a artilharia do Ex. em zona limítrophe de duas divisões ou quando, por pouco extensas as frentes, seja possível a centralisação do commando.

Si a divisão dispuzer de meios importantes em artilharia, particularmente em artilharia pesada longa, poder-se-á organizar, além do "agrupamento de conjunto", um agrupamento especialisado para a "contra bateria" e mesmo as "missões longinquas", cabendo então ao agrupamento de conjunto encarregar-se particularmente do apoio directo, "objectivos inopinados" e "inimamente das missões de "protecção" (reforço do tervenção precisa e rapida do tiro de artilharia.

Os agrupamentos de conjunto dependem directamente do Cmt. D. I. e, geralmente recebem o concurso da aviação (indicação de objectivos e controlo do tiro, excepcionalmente regulações).

Sempre que possível esses agrupamentos de verão ligar-se aos agrupamentos de apoio directo, o que lhes permitirá acompanhar e obter informações sobre o combate da infantaria, de modo a eventualmente poderem reforçar o apoio directo ou desempenhar missões de protecção immediata na frente ou nos flancos da infantaria (no ataque).

ACOMPANHAMENTO IMMEDIATO

Chama-se artilharia de acompanhamento immediato as pequenas fracções de artilharia que em certos casos são postas temporariamente á disposição da infantaria para o desempenho de missões approximadas e que demandam uma intervenção precisa e rápida do tiro de artilharia.

Para isso, empregam-se de preferencia "secções", por vezes "baterias" e excepcionalmente "peças" isoladas, á disposição dos Cmts. de Brigada (ou Cmt. I. D. na divisão ternaria), de regimento ou de batalhão (este não deverá receber mais de uma "secção" normalmente); taes chefes determinam o lugar da artilharia de acp. imm. no dispositivo e lhe designam os objectivos, mas não devem impôr suas posições, genero do tiro, nem o consumo de munição. (1)

No combate offensivo, sobretudo nas phases em que a progressão rápida da infantaria difficulta a ligação com a artilharia de apoio directo, a artilharia de acp. imm. é de particular utilidade para actuar sobre as resistencias locais que se antepõem á infantaria e que essa arma não consegue vencer com os proprios meios (metralhadoras, petrechos).

A necessidade de actuar rapidamente e geralmente contra objectivos de reduzidas dimensões (ninhos de metralhadoras, principalmente) exclue nesses casos a possibilidade de intervenção, em tempo, da artilharia de apoio e exige que a de acp. imm. siga de perto a infantaria para evitar as difficuldades de ligação (facil e rápida designação dos objectivos, frente attingida pela inf.). Assim, a artilharia de acp. imm. deverá communmente expor-se ao alcance das metralhadoras inimigas, pois, para satisfazer as necessidades apontadas, será forçada a tomar posições a distancias inferiores de 3000 m. geralmente entre 1000 e 2500 m.

Por essa razão, o terreno tem grande influencia para a missão de acompanhamento immediato, que só é "possivel em terreno coberto" e impraticavel "em terreno nú ou descoberto" como se encontra com frequencia na campanha do Rio Grande, de modo que a citada missão deverá apresentar um caracter de intermittença. (2)

Nessas condições resalta a difficuldade e o risco de desempenho de tal missão pelos materiaes da artilharia leve divisionaria, pois, o 75 montado apresenta grande vulnerabilidade e o 75 de dorso (embora sendo o que mais se pres-

ta) apresenta um numero consideravel de cargueiros quando transportado em dorso e um alvo ainda vultuoso para as mtrs. inimigas quando rolado. Acresce a circumstancia que, utilisar para essa missão (que não exige mais de 4 km. de alcance) um material aperfeiçoado e construido para o tiro em distancias medias de 5 a 7 km. podendo attingir cerca de 9 km., constitue uma solução pouco economica, tanto mais sensivel quanto reduzida é a proporção da nossa artilharia e difficeis as reparações e substituições do material.

Entretanto, enquanto não fôr resolvido o problema de dotar a infantaria de um canhão proprio, um petrecho mais potente, a missão de acompanhamento immediato será imposta á artilharia, mas limitada aos casos em que a ligação infantaria-artilharia de apoio directo seja difficil de ser mantida, isto é, quando se tratar de ataques profundos (objectivos successivos) e nos periodos de tomada de contacto, engajamento e aproveitamento do exito, situações em que a ligação citada, embora inicialmente estabelecida, tornar-se-á cada vez mais difficil e demorada, sendo cada vez mais difficil á artilharia de apoio directo attender aos pedidos da infantaria. Nesses casos, a experiencia tem mostrado que em geral decorre muito tempo (que poderá chegar a 2 ou 3 horas) entre o momento em que a infantaria é detida e a intervenção efficaz da artilharia de apoio, satisfazendo os seus pedidos de fogos, de modo que a progressão seria muito demorada si a infantaria devesse aguardar repetidas vezes a intervenção do apoio directo.

Embora seja mais frequente no combate offensivo, o emprego de fracções de artilharia em "acompanhamento immediato" poderá tambem ser previsto na defensiva, para as missões approximadas, sobretudo para tiros a pequena distancia e á vista "contra os carros de combate" e em reforço das tropas encarregadas de "contra ataques".

A cavallaria poderá tambem receber fracções de artilharia em acp. imm., não só para o desempenho de missões approximadas, nas condições estudadas para o acompanhamento da infantaria, mas tambem para actuar, em certos casos, contra objectivos afastados visando um effeito moral, particularmente na perseguição ou na manobra em retirada; o canhão leve da artilharia á cavallo é, nesses casos, o que mais se presta.

* * *

Felizmente para os infantes e artilheiros, o problema do acompanhamento immediato parece achar-se em vias de solução, com o aperfeiçoamento do Morteiro Stokes, já obtido no material denominado "Stokes Brand", um verdadeiro "canhão de infantaria", possuindo as qualidades requeridas para a citada missão (alcance de 4 km., grande precisão nas distancias até 3 km., projectil potente, rapidez de tiro, simplicidade e rusticidade, tiro curvo permitindo bater qualquer objectivo) com a vantagem de poder ser attribuido organicamente aos batalhões e regimentos e, ainda, de dispensar o actual canhão de 37 que, com o antigo Stokes, compõem a Sec. Ptr. Acp. do Btl.

(1) Reg. emprego da Art. (francez.)

Os trechos em aspas são do Reg. A. francez.

Poderemos também aproveitar vantajosamente para o acp. imm. o material Krupp 75 L 14 (canhão de montanha) que não se acha mais em uso. (1)

O regulamento francez prevê, no caso de utilização do 75 montado, rebocal-o com tractores agrícolas, moveis em qualquer terreno e permitindo mais facil dissimulação e menor vulnerabilidade do que atrelado; será preciso um tractor para o canhão e outro para o carro de munições (retro, trem). É uma ideia que poderá ser eventualmente util para nós.

II — OS FOGOS (2) — CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO

Tomando por base as principais missões da artilharia, que enumeramos no capitulo anterior, poderíamos passar ao estudo dos respectivos fogos, mas preferimos orientar o estudo de modo a apresental-os tal como surgem durante o combate, no tempo e no espaço, afim de melhor salientar a sua oportunidade de emprego.

Sabemos que o combate pode se apresentar sob as formas offensiva ou defensiva, a batalha moderna comportando sempre "uma successão no tempo e uma justa-posição no espaço" (3) de combates sob essas duas formas.

Estudaremos, pois, successivamente os fogos de artilharia na offensiva e na defensiva.

A) FOGOS DA ARTILHARIA NA OFFENSIVA

O combate offensivo se caracteriza pela missão que recebe a infantaria (cav.) de avançar a despeito do inimigo para desorganizar seu dispositivo e destruir suas capacidades de resistencia.

Nelle podemos distinguir 3 phases características:

1º) os preliminares, comprehendendo, em sua forma mais geral e complexa, a marcha de aproximação, a tomada de contacto e engajamento;

2º) o ataque propriamente dicto;

3º) o aproveitamento do successo.

Vejamos successivamente como intervem a artilharia durante essas phases, tomando por base de nosso estudo a divisão de infantaria, que sabemos constituir no combate o principal órgão de execução tactica, a unidade de combate por excellencia.

1ª Phase: Preliminares do combate.

Começa a aproximação quando as tropas entram na zona em que podem ser attingidas pelos fogos longinquos da artilharia de campanha do inimigo, zona que actualmente apresenta uma profundidade de cerca de 10 a 12 km.

Antes de entrar nessa zona, ellas poderão marchar em columna pelas estradas e apenas estarão sujeitas a ataques da aviação inimiga

(1) Melhorando o seu aparelho de pontaria de modo a permittir a pontaria indirecta.

(2) Designamos por "fogos" o conjunto de tiros para o desempenho de uma determinada missão. Cel. Alléaut, T. Geral.

e a alguns tiros de interdicção ou de inquietação de sua artilharia de longo alcance, si existir, o que será raro nos theatros de operações sul-americanas.

— As marchas á noite, tanto mais vantajosas quando effectuadas a maior proximidade do inimigo, constituem a melhor parada á investigação e ataques da aviação inimiga e também aos tiros citados; sem embargo, as columnas em marcha ou tropas em estacionamento, defender-se-ão da aviação adversa fazendo entrar em acção os seus meios de defesa anti-aerea (metralhadoras), e os canhões anti-aereos terão principalmente por missão a defesa dos pontos importantes de passagem (pontes, desfiladeiros, etc.).

Porem, as marchas á noite nas proximidades do inimigo só poderão ser executadas ao abrigo de forças amigas já em contacto, como é regra para os movimentos á retaguarda da frente de combate, quer deslocamentos de reservas ou reforços, quer a approximação de novos elementos e reunião de meios antes de um ataque; taes deslocamentos, embora effectuados a pequena distancia do inimigo, serão facilmente feitos pelas estradas (1), não só porque á noite é praticamente impossivel marchar através o campo (salvo em pequenos percursos, por itinerarios balisados de dia), como porque o inimigo não poderá impedi-los, pois, sem vistas, elle apenas poderá bater alguns trechos ou pontos das estradas, os quaes ou serão evitados (contornados) ou mesmo ultrapassados mediante certas precauções (passagem rapida e successiva de pequenos elementos) si a urgencia do movimento não permittir aguardar um periodo de menor intensidade (ou suspensão dos tiros) e a passagem fór obrigatoria. (A interdicção prolongada de um ponto exige um consumo exagerado de munições que só excepcionalmente será permittido).

— Vejamos a marcha de approximação executada de dia, que será sempre o caso dos elementos encarregados de tomar o contacto com o inimigo.

Ao inicio da approximação, sendo unicamente de temer os tiros, á distancia, da artilharia, basta que as tropas tomem disposições para escapar o mais possivel aos observatorios (terrestres e aereos) e diminuir os effeitos desses tiros, o que conseguem facilmente passando a progredir através o campo, em multiplas e pequenas columnas de modo a utilisarem os camuflamentos do terreno que lhes permittam escapar ás vistas dos citados observatorios; não se trata, por ora, de contra-bater a artilharia inimiga que, não somente será incapaz de impedir a progressão da nossa infantaria, mas, ainda estará muito distante e insufficientemente referida (localizada) para ser batida efficaçmente.

Entretanto, breve serão encontradas as primeiras resistencias inimigas, fogos de infantaria, geralmente esparsos, disseminados sobre larga frente no terreno; será a "tomada de contacto", iniciada geralmente pelos elementos de cavallaria que avançam na frente e proseguida pelas vanguardas.

(1) O mesmo acontece em caso de orragão.

Começa, então, a infantaria a utilizar os seus meios de fogo e, pela "manobra" (combinação do movimento e do fogo, este apoiando áquelle), consegue geralmente reduzir as primeiras resistencias inimigas.

Desde a aproximação e sobretudo na tomada de contacto, á medida que diminue a distancia das baterias inimigas, o seu fogo poderá tornar-se progressivamente nocivo para a progressão da infantaria, de modo a reclamar a intervenção de uma parte da artilharia (leve) do grosso que, progredindo tambem, como a artilharia de apoio ás vanguardas, por lances de escalões, formará um *agrupamento de conjunto* e tomará a seu cargo as citadas baterias, cujas posições tenham sido referidas, especialmente por aviões (*tiros de contra bateria*). Quanto á artilharia pesada, si a divisão possuir (1), devendo utilizar ao maximo as estradas, só excepcionalmente e por pequenas fracções poderá intervir (*contra bateria*) nos preliminares do combate offensivo; normalmente essa artilharia, mantida á retaguarda (por vezes atrasada) approximar-se-á durante a noite pelas estradas, em cujas proximidades occupará posições. Cumpre, além disso, notar que as difficuldades para o seu reabastecimento aconselham parcimonia no emprego, que deve ser reservado para as acções principaes.

A medida que o contacto se estreitar, surgindo novas resistencias e sendo mais efficaz o fogo do inimigo, as possibilidades de manobra para a infantaria diminuirão progressivamente, exigindo a intervenção de fogos mais poderosos. Surgem assim successivamente as necessidades de apoio de artilharia: primeiro alguns tiros de neutralisação ou mesmo destruição de certas resistencias bem localisadas (sobretudo metralhadoras ins.) e que exigem uma intervenção rapida, papel da artilharia de acompanhamento immediato, de grande utilidade durante os periodos de tomada de contacto e engajamento conforme vimos anteriormente; em seguida, si necessario, intervirá a artilharia de apoio directo á vanguarda ou vanguardas, concentrando seus fogos sobre os objectivos indicados pela infantaria, para apoiar os pequenos ataques locais (*tiros de bombardeio successivos*) ou facilitar a manobra de desbordamento e infiltração que se tem em vista para reduzir as resistencias inimigas (*tiros de protecção*).

A tomada de contacto estará terminada quando as vanguardas tenham sido detidas face a resistencias apresentando uma barreira de fogos que ellas não possam vencer com os proprios meios.

Si tal acontecer, após terem sido repellidos os elementos de segurança do inimigo e a frente attingida pelos elementos de primeiro escalão permittir uma boa base de partida para o ataque ulterior contra o grosso de suas forças, estarão terminados os preliminares de combate e ao abrigo do contacto estabelecido, começam os preparativos para o ataque geral, ataque esse que poderá seguir immediatamente á tomada de contacto (caso do combate de encontro) ou que, mais geralmente, exigirá um certo tempo (po-

dendo chegar a varios dias) para ser desencadeado, conforme a natureza das organizações inimigas e a importancia dos meios a reunir. No 1º caso a artilharia receberá as missões que adeante estudaremos ao tratar do ataque propriamente dicto; no 2º caso a situação offensiva transformar-se-á provisoriamente em defensiva, os elementos em contacto sendo incumbidos de manter a posse do terreno e cobrir os preparativos de ataque. Nesse caso a artilharia terá as missões defensivas cujo estudo faremos ulteriormente, mas, certos tiros taes como os de *contra bateria* e algumas destruições feitas nas organizações inimigas, já poderão concorrer para a *preparação do ataque*.

Na hypothese acima encarada, foi supprimido o *engajamento*; á tomada de contacto seguirá o ataque ao grosso das forças inimigas. (1)

Entretanto, poderá acontecer que as vanguardas tenham sido detidas face a elementos de segurança do inimigo (vanguardas, postos avançados) e os seus meios sejam insufficientes para quebrar a resistencia destes, que para rechassal-os contra o respectivo grosso, quer para attingir o objectivo que lhes foi fixado pelo commando (objectivo que visa geralmente facilitar ou preparar a entrada em acção do grosso, assegurar-lhe uma base de partida favoravel). Ainda, por vezes, dar-se-á o caso do commando achar-se em duvida quanto á natureza do contacto tomado, si se trata de resistencia principal do inimigo ou de uma posição avançada.

Nesses casos, a tomada de contacto será seguida do *engajamento* que terá por fim, seja repellir os elementos de segurança do inimigo para chegar ao contacto do grosso de suas forças ou attingir uma base de partida favoravel á entrada em acção do grosso de nossas forças (1º caso), seja verificar a natureza de contacto tomado (2º caso).

Em qualquer caso, o engajamento comportará um ou mais ataques parciaes, feitos ainda pelas vanguardas, mas reforçadas por elementos de infantaria do grosso (é justamente a intervenção desses reforços que caracteriza o inicio do engajamento) e fortemente apoiadas por artilharia.

Aliás, o decorrer da tomada de contacto (2) e o tempo necessario para fazer intervir os reforços de infantaria do grosso permittirão geralmente que a maior parte ou a totalidade da artilharia divisionaria esteja em posição para apoiar o engajamento, seu dispositivo adaptado á situação.

Tratando-se de ataques mais ou menos importantes, os fogos da artilharia durante o engajamento corresponderão, embora com menor desenvolvimento e intensidade, ás missões de fogos do ataque propriamente dicto, cujo estudo faremos a seguir.

2º Phase: O ATAQUE

No ataque, phase culminante e decisiva do combate offensivo, os fogos da artilharia adqui-

(1) Salientamos a diferença entre "engajamento" e "tomada de contacto", que os nossos regulamentos não distinguem sufficientemente. Que pode attingir toda uma jornada.

(1) Ha tendencias para aligeirar a art. div.

rem o maior desenvolvimento possível e compatível com os meios disponíveis em material e munições.

De um modo geral, elles comprehendem as missões de:

- preparação do ataque;
- acompanhamento (ou apoio directo) e protecção;
- conjuncto.

Preparação do ataque:

A preparação de um ataque pela artilharia tem por fim *destruir*, na medida fixada pelo commando, *os obstaculos* que possam se oppôr á marcha da infantaria e *reduzir a capacidade de fogo do inimigo*.

A necessidade da preparação e o seu maior desenvolvimento e duração acham-se, pois, ligados á natureza das posições inimigas a atacar.

Em face de uma posição fortemente organizada, dispondo largamente de defesas accessorias (especialmente redes de arame farpado) e de um systema de fogos perfeitamente ajustado ao terreno, o ataque deverá sempre ser precedido de uma preparação de artilharia que visará, conforme a finalidade acima indicada:

a *destruição*, em parte, das defesas accessorias inimigas de modo a abrir as brechas necessarias para a passagem da infantaria, sem o que os escalões de ataque ficariam detidos face aos obstaculos e precisamente sob o feixe das armas automaticas de flanqueamento;

a *redução da capacidade de fogo da defesa*, seja pela *destruição* de algumas partes ou pontos importantes de suas organizações (trincheiras, flanqueamentos), seja principalmente pela *neutralização* de seus órgãos de fogo, de direcção e de observação.

Assim, salvo algumas destruições que devem ser limitadas ao minimo indispensavel, a fixar pelo commando afim de reduzir o tempo da preparação e o gasto de munições, a artilharia deverá sobretudo obter o enfraquecimento da resistencia inimiga pela *neutralização* dos seus órgãos de fogo.

Com effeito, procurar a destruição dos órgãos de fogo inimigos, antes do ataque, exigiria um tempo consideravel além de meios muito importantes em artilharia e munições.

Foi justamente esse o feitiço das longas preparações de artilharia nos primeiros annos da grande guerra, quando se pedia á artilharia para tudo destruir antes que a infantaria partisse ao ataque, de modo a encontrar um terreno quasi vazio e completamente revolvido, a ponto de se tornar difficilmente praticavel para o proprio atacante.

Assim, até 1917 a preparação dos ataques pela artilharia apresenta um desenvolvimento e duração sempre crescentes: de 5 dias em Champagne (1915), 7 dias no Somme (1916) e Verdun (1917), 6 dias e 6 noites em Malmaison (1917), attingindo a 16 dias em Flandres (1917).

Para se ter uma ideia do que exigiam taes preparações, basta citar que em Malmaison, ataque de objectivo limitado, o consumo de munição durante a preparação e apenas 1 dia

de ataque foi de 80.000 toneladas, carga de 266 trens de 30 wagões (1).

Entretanto, taes gastos não eram compensados pelos resultados obtidos, porque a duração prolongada das preparações excluía completamente a *surpresa* do ataque, um dos principaes factores de successo, dando ao inimigo o tempo de realizar as medidas necessarias para parar o golpe, sobretudo pela occupação de novas posições á retaguarda das primeiras que, elle sabia, seriam submergidas pelo fogo da artilharia.

Nos ultimos annos da guerra (fins de 1917 e 1918) procuraram os beligerantes tirar maior partido da *surpresa* de modo que foram forçados a restringir suas exigencias a respeito da preparação da artilharia.

Para que fosse obtida a *surpresa strategica*, isto é, para que o ataque fosse desencadeado sem que o adversario tivesse o tempo de fazer intervir as suas reservas geraes (de inf. e art.) ou de realizar manobras preventivas, foi necessario reduzir o tempo da preparação para algumas horas apenas (3 a 5 horas), estritamente necessario para a artilharia effectuar as destruições indispensaveis dos obstaculos (brechas) e de certas partes das organizações, limitando-se quanto ao resto a neutralizar os órgãos de fogo approximados (de inf.) e afastados (bias.) do inimigo.

E' verdade que a possibilidade de redução da preparação, de dias para horas, não foi sómente uma consequencia do facto de se não visar mais a destruição dos órgãos de fogo da defesa, mas tambem devido á maior proporção de materiaes modernos de artilharia (rapidez de tiro) e sobretudo ao desenvolvimento da tecnica do tiro (preparação regular ou scientifica).

Nos theatros de operações sul-americanas, onde as proporções da luta serão forçosamente muito menores, não sómente pela densidade de combatentes como pelos limitados recursos materiaes, é certo que só excepcionalmente as posições terão o desenvolvimento e solidez que exijam uma importante preparação de artilharia, que não deverá exceder de 1 a 2 horas, em virtude do excessivo gasto de munições que acarreta.

Salvo o caso das regiões fortificadas (2), as as frentes organizadas que poderemos encontrar nas nossas operações de campanha, difficilmente possuirão uma densidade de fogos (frentes geralmente grandes) e sobretudo defesas accessorias continuas e profundas (mesmo em suas partes principaes) como as organizações do continuo *front* europeu. Nessas condições, a preparação dos ataques será entre nós de proporções muito mais reduzidas, quer no que diz respeito ás destruições a realizar, quer na neutralização dos órgãos de fogo inimigo, de modo que poderá ser limitada a alguns minutos, attingindo a 1 hora no maximo, conforme o gráo de desenvolvimento das organizações inimigas e os recursos em artilharia e munições.

Para realizar o duplo objectivo da prepa-

(1) Gen. Herr, L'artillerie.

Estudado nas Manobras de S. Siroão — S. Paulo, 1923.

ração de artilharia, deverão ser executados normalmente os seguintes tiros:

de *destruição*, em parte, das defesas accessorias do in. para abertura de brechas por onde passarão as tropas de assalto;

de *destruição*, em numero reduzido, contra certas partes importantes das organizações inimigas (trincheiras, flanqueamentos, observatórios, etc.);

de *neutralização*, contra as organizações inimigas, de modo a reduzir a capacidade de seus órgãos de fogo de infantaria, de direcção e observação (PC, PO e centros de transmissões);

contra *bateria*, visando a neutralização das b. ins. quer para impedir que a artilharia adversa tire a liberdade de acção necessaria á artilharia que executa a preparação, quer para dificultar-lhe e diminuir-lhe os effectos da *contra preparação* que ella poderá desencadear contra as nossas tropas no momento em que tomam as ultimas disposições para o ataque, isto é, tomam o seu dispositivo de ataque — momento em que a artilharia inimiga constitue o maior perigo para a infantaria reunida na base de partida.

Além disso haverá interesse em perturbar o in. em sua liberdade de movimentos, pois, alertado pela preparação, poderá approximar reforços, deslocar reservas, etc.; donde, alguns *tiros de interdição* ou de *inquietação* sobre as suas communicações e contra os *objectivos inopinados*, tiros esses classificados entre as missões de conjunto que estudaremos mais adiante.

Não fallamos, aqui, de tiros de *interdição das reparações* ou *manutenção das destruições*, porque encaramos exclusivamente o caso de preparações rapidas, que vimos serem sufficientes e unicamente possiveis nos theatros de operações sul americanas; taes tiros teriam cabimento nas longas preparações, visando manter certas destruições de particular importancia que tenham sido executados com antecedencia (e discretamente) na previsão do ataque ulterior.

O variado programma de tiros que apresentamos, a necessidade de sua execução tanto mais rapida e simultanea contra os diversos objectivos quanto menor fôr o tempo fixado pelo commando para a sua duração, mostram claramente a necessidade de utilisarmos meios poderosos em artilharia, isto é, a totalidade da artilharia disponivel para o ataque.

A artilharia de apoio directo encarregar-se-á sobretudo das destruições das defesas accessorias, cabendo ao infante indicar não só o numero como os locais de abertura das brechas a effectuar, de accordo com o seu dispositivo e objectivos do ataque; tambem ficarão a seu cargo algumas destruições ou neutralizações, dos órgãos de fogo approximados, os quaes serão os seus objectivos principaes, si não houver necessidade de abertura de brechas.

A artilharia de conjunto terá normalmente a seu cargo a neutralização dos órgãos de fogo da defesa (inclusive a contra bateria, si não houver agrupamento especializado nessa missão), nos órgãos de direcção e observação (PC., PO., CT.), as destruições mais importantes que demandam o emprego de materiaes de

maior calibre (105 C. e 155 C.) e, em 2ª urgencia, os tiros contra objectivos inopinados e pontos sensiveis da retaguarda inimiga.

A contra bateria e as missões longinquas de interdição ou inquietação das communicações serão com vantagem tratadas por materiaes de maior alcance (105 e 120 L.) que constituem a artilharia do Ex. e conforme o caso, formarão agrupamentos de Ex. ou reforçarão as divisões, entrando nos respectivos agrupamentos de conjunto ou formando agrupamento especializado, conforme vimos ao tratar da repartição geral da artilharia.

A complexidade dos tiros de preparação que estudamos, presuppõe o ataque a uma posição organizada, após sufficiente conhecimento (photographia aerea, observação terrestre e aerea á vista, informações de prisioneiros, etc.) do dispositivo inimigo.

Quando fôr insufficiente o conhecimento das posições inimigas (ataque seguido immediatamente a tomada de contacto ou engajamento, o que não poderá acontecer contra uma posição organizada), a preparação do ataque, si houver, será curta e visará unicamente a neutralização dos locais onde foram reveladas resistencias (órgãos de fogo de inf. e art.)

Em qualquer caso, a preparação visará principalmente reduzir a capacidade de resistencia da defesa. por meio da *neutralização* dos seus órgãos de fogo

Sobre esse effecto de *neutralização* assim se exprime o regulamento francez para o emprego da artilharia de combate:

O fogo da artilharia, diminuindo o valor combativo do adversario e incitando-o a enterrar-se nos abrigos, reduz ou aniquila a sua acção.

Desenvolvendo a definição acima, o Ten. Cel. Aublet em excelente artigo sobre *A preparação de Artilharia* (1), acrescenta:

Para obter a (a neutralização) é preciso: — Forçar o pessoal a se abrigar, sob pena de encontrar a morte; uma vez nos seus abrigos, impedir-o de sair para mudar de lugar, de se reabastecer, de se reforçar; actuar contra o seu physico e o seu moral, pelo abalo causado com os choques repetidos e continuos das detonações, pela comprovação de sua immobillidade e impotencia physicas, pela verificação das destruições parciais e pelo receio de ver taes destruições parciais transformarem-se em destruição total, consequencia do que chamamos — um tiro feliz.

E' facto de experiencia que um tiro sufficientemente prolongado e violento contra uma dada zona obtem, no pessoal ahí abrigado, effectos desta natureza, os quaes se podem prolongar ainda durante certo tempo.

Por outro lado, um tiro prolongado contra uma zona acaba de conseguir, em determinado ponto, effectos de destruição, quando a densidade do tiro nesse ponto se torna sufficiente.

Mas, a preparação de artilharia, embora de pequena duração, tem sempre o inconveniente de alertar o inimigo, dar-lhe indicações previas sobre a frente de ataque e o tempo de occupar seus postos de combate, approximar ou deslo-

(1) Traduzido e publicado na Revista Militar pelo sr. Cel. Portella.

car convenientemente suas reservas locais; em outras palavras, o inimigo terá o tempo de tomar posições para receber o ataque e a oportunidade de desencadear, por sua vez, os tiros de contra preparação, no momento crítico em que as tropas se avolumam ao abrigo das últimas cobertas de onde partirão ao ataque.

Para se conseguir, portanto, a *surpresa tactica* é preciso renunciar a toda preparação de artilharia, cujos tiros deverão ter início na hora H, quando a infantaria partir ao ataque.

— Em que condições se poderá dispensar a preparação?

1ª) Quando as organizações inimigas, por falta de tempo ou de meios, não dispuserem de defesas accessorias ou estas, por esparsas e pouco numerosas, não constituam propriamente um obstáculo á progressão da infantaria.

2ª) Quando a contribuição de Carros de Combate permittir que a destruição desses obstáculos não seja tarefa da artilharia.

Em qualquer dos casos, o ataque por surpresa só terá probabilidades de exito si o atacante estiver seguro de obter, desde o início uma superioridade de fogo manifesta sobre o adversario.

O 1º caso apresentar-se-á communmente nas operações de movimento e será frequente em nossos theatros de operações. Do 2º caso temos varios exemplos nos ultimos ataques importantes da guerra europea. Assim, em Cambrai (fins de 1917) os inglezes atacam por surpresa, utilizando pela primeira vez 360 tanks sobre uma frente de 15 km.; os carros abrem as brechas nas redes, a artilharia somente rompe o fogo ao partir o ataque; o inimigo é surpreendido e o ataque penetra cerca de 8 km. em suas linhas. (1)

Na 2ª batalha do Marne (Chateau Thierry, Julho de 1918) os francezes atacam sem preparação de artilharia, tendo mesmo o cuidado de não effectuar tiros previos que pudessem modificar a actividade normal do sector; a infantaria e os carros de combate abordam a posição avançada inimiga, enquanto a artilharia executa uma preparação de uma hora e meia sobre a posição de resistencia; sobre uma frente de 50 km., o inimigo é surpreendido e o ataque penetra cerca de 10 km. em suas linhas.

Porem, para que a artilharia possa desencadear na hora H seus tiros ajustados e immediatamente á frente da infantaria é necessario, seja effectuar antes dessa hora as regulações necessarias, seja substituir taes regulações por uma preparação regular, scientifica do tiro.

Por outro lado, um ataque importante exige a reunião de meios importantes de infantaria e, sobretudo, de artilharia, de modo que haverá normalmente um reforço de artilharia no sector de ataque.

Ora, qualquer modificação da actividade normal da frente, chamará a attenção do inimigo, não só pelo maior numero de disparos como pela referencia de novas baterias (admittindo que se tome a precaução de effectuar

as regulações sem alterar a intensidade dos tiros communs).

A melhor solução, portanto, consistirá em fazer com que as unidades de artilharia de reforço para o ataque occupem suas posições á noite, nas vesperras do ataque e façam unicamente uma preparação regular do tiro, de modo a abrirem o fogo bruscamente na hora H, sem regulações previas.

Tal foi a solução que a technica aperfeiçoada do tiro de artilharia permittiu fosse adoptada nos ataques finais da grande guerra.

No Brasil, poderá a artilharia fazer isso? Em outras palavras, poderá ella dispensar as regulações previas e romper á hora H um tiro efficaç e ajustado á infantaria, baseado unicamente numa preparação regular? (1)

Sabemos que a preparação regular, tambem chamada *scientifica* do tiro, é baseada em: dados topographicos (distancia e direcção);

correções balísticas (desgaste das peças, velocidade do lote de polvora, peso dos projectis);

correções atmosphericas (vento, temperatura e pressão atmosphericas).

Admittindo que tenhamos os meios e a oportunidade de obter com boa approximação as correções balísticas e atmosphericas, a falsuimos (com excepção da carta do D. Federal e alguns trechos do Rio Grande, na escala de 1:50000) só raramente, nos periodos de estabilisação que facultem a organização de cartas ou planos directores (sobretudo com o auxilio da aviação), nos permittirão dispensar as regulações previas.

A preparação regular, entretanto, ser-nos-á de grande utilidade para que possamos iniciar o tiro com elementos mais approximados, de modo a abreviar a regulação e diminuir o gasto de munição.

Conclusão: no Brasil, a artilharia só excepcionalmente poderá dispensar as regulações previas para apoiar um ataque, sem preparação de artilharia, rompendo á hora H um tiro efficaç e ajustado na frente da infantaria, baseado apenas numa preparação regular.

Segundo as circumstancias, o problema admittirá as seguintes soluções:

a) proceder os ataques, na maioria dos casos, de uma ligeira preparação de artilharia, de alguns minutos (cerca de 10 a 20), a qual terá por fim principal o ajustamento dos tiros sobre os seus objectivos iniciaes, mas tambem iniciará com vantagem a neutralisação dos órgãos de fogo inimigos e facilitará a ultimação do dispositivo de ataque;

b) ataques sem preparação de artilharia, tendo esta effectuado com antecedencia as regulações necessarias, com a maior discreção possivel, methodo que será vantajoso quando não houver um importante reforçamento de meios (entrada em acção de novas e numerosas baterias), mas que, em caso contrario, difficilmente evitará de alertar a um adversario vigilante, tanto mais quanto mais importantes

(1) Gen. Herr. L'artillerie.

(1) Ver a 6ª. Conf. Art. do Cel. Chabrol. E. E. M.

sem os meios em artilharia, e poderá neste caso prejudicar o effeito de surpresa visado;

c) ataque sem preparação de artilharia, as renunciando a um apoio seguro e efficaz desde o inicio (hora H) e com fogos de acompanhamento immediatamente na frente da infantaria (tiros de barragem) possível quando houver o auxilio de carros de combate e, dada a distancia entre a base de partida e o objectivo, existir a margem de segurança e o tempo para a artilharia ajustar seus tiros sobre o alvo antes que o escalão de ataque o aborde; a solução será arriscada em face de um adversario bem installado no terreno, dispondo de fogos densos e profundos, porque poderá expor tropas de ataque a abordal-o antes que a infantaria tenha conseguido um sufficiente effeito de neutralisação.

COMPANHAMENTO (APOIO DIRECTO) E PROTECÇÃO DO ATAQUE

As tropas de ataque devem ser precedidas por fogos de artilharia que visam neutralisar o inimigo a sua passagem e permittir que ellas marchem antes de poder fazer uso efficaz de suas armas — são os fogos de acompanhamento de ataque, ou de apoio directo; além disso, é vantajoso protegê-las mais á frente e principalmente nos flancos contra os pontos de visados, no momento, pelo ataque, pontos onde o inimigo possa intervir contra os escalões de ataque (por seus órgãos de fogo e manobra) ou tambem, observar vantajosamente o terreno de progressão (do ataque) — os fogos de protecção.

Vejamos em que consistem esses fogos.

1ª) Acompanhamento do ataque.

Os fogos de acompanhamento ou apoio directo do ataque, segundo indica o proprio nome, cabem á artilharia de apoio directo e comprehendem:

tiros de bombardeio successivos;

tiros de barragem (barragens rolantes);

tiros de varrer.

e permittem variados systemas de apoio, conforme o modo de applical-os e combinal-os, afim de ajustal-os á manobra e adaptal-os aos objectivos da infantaria.

Os tiros de bombardeio successivos são executados contra os diferentes objectivos e chegam pelos mais approximados da infantaria. São conduzidos de modo que os pontos onde o inimigo deva ser momentaneamente neutralizado sejam batidos por um fogo violento e o momento em que a progressão do ataque exige a suspender o tiro e transportal-o para o objectivo mais afastado. (Reg. francez)

Esses tiros poderão ser reforçados pela artilharia de conjuneto, com a precaução de, no caso do concurso da artilharia pesada, levantar os tiros desta mais cedo que os de 75 (maior margem de segurança, cerca de 500 m.).

O acompanhamento sob essa forma é o mais vantajoso quando não se dispõe de recursos numerosos em materia e munições, caso particular do Brasil.

A barragem rolante consiste numa cortina de fogo e de fumaça, localisada ao inicio o mais perto possível e na frente da base de

partida do ataque (cerca de 200 a 300 m.), que se desloca durante o ataque seguida de perto pela infantaria, a velocidade de deslocamento da barragem sendo regulada pelas possibilidades de progressão que o terreno apresenta á infantaria (em media de 100 m. em 3 minutos, sendo mais forte — 2 minutos — em terreno favoravel e mais franca — 4 minutos em terreno difficil).

Para que a barragem seja efficaz é necessario que apresente uma certa densidade afim de obrigar o inimigo a se abrigar á sua passagem e, tambem, que a infantaria se lhe possa collar de modo a abordar o inimigo ainda sob a acção dos tiros.

A densidade a obter deve ser de 2 tiros por minuto e por 15 metros de frente, o que exige uma bateria para 100 metros de frente e tirando com a cadencia de 4 tiros por peça e por minuto.

Como o terreno ou as resistencias inimigas podem forçar a infantaria a se atazar, deslocando-se da barragem, é vantajoso, para corrigir esse inconveniente, prever tempos de paradas dos tiros sobre as linhas em cuja frente seja de esperar um retardamento da infantaria.

A barragem rolante é o tiro de apoio preferido do infante e de maior effeito moral; porém, o seu delicado mechanismo, exigindo para ser efficaz um grande numero de baterias com o tiro perfeitamente regulado e conduzido, e, o grande consumo de munição que acarreta, fazem com que a sua applicação seja excepcional e limitadas a frentes pequenas e zonas pouco profundas.

Particularmente no Brasil esses inconvenientes crescem de vulto, mas não devem chegar ao exaggero de proscrever a barragem rolante. Com effeito, nada impede que ao invés de atacar sobre uma larga frente de 3 a 4 km., uma divisão concentre todos os seus meios de artilharia (por vezes reforçados) e ataque sobre uma frente menor — de 1 a 2 km., — caracterizando ainda o seu reforço principal numa parte dessa frente — 500 a 800 m. por ex. — contra os pontos principais do terreno cuja posse lhe seja vantajosa ou essencial; nessas condições, é claro que será possível o emprego de uma barragem rolante para apoio do ataque na frente de esforço principal, o que exigirá cerca de 3 a 5 grupos de 75 e um consumo de munição talvez não maior do que necessitaria o apoio do ataque por toda a artilharia sobre frente duas a tres vezes maior.

Uma solução que permittir aproveitar o effeito moral da barragem para facilitar a partida dos ataques, evitando o seu exaggerado dispendio de munição, consiste em utilisal-a sómente por pouco tempo, até que o movimento para a frente, da infantaria, esteja esboçado, passando em seguida ao acompanhamento por bombardeios successivos dos objectivos do ataque.

A mesma combinação dos dois systemas pode ser empregada para o ataque a objectivos successivos, o apoio até o 1º objectivo sendo feito sob a forma de barragem rolante e aos seguintes por bombardeios successivos.

Cumprir notar que não se deve effectuar barragens rolantes além de 5000 m. porque, diminuindo a precisão do tiro (dispersão, dificuldades de observação), a sua densidade se torna insufficiente e a infantaria não poderá, sem perigo, seguil-as de perto (collar a barragem).

Os tiros de varrer são empregados em complemento dos anteriores, seja:

a) Intercalando-se aos tiros de bombardeio successivos, na passagem de um para outro objectivo, de modo a bater ligeiramente o terreno intermediario onde se sabe ou espera encontrar pequenas resistencias esparsas, evitar a installação apressada de órgãos de fogo (metralhadoras), a occupação das crateras de projectis, embaraçar o movimento de pequenas unidades e isolados (retirada dos occupantes do objectivo recém attingido).

b) Para dar maior profundidade á barragem rolante, percorrendo irregularmente o terreno em todos os sentidos além do limite longo da zona de dispersão da dos tiros de barragem. Tratando-se, em principio, de tiros de tempo, terão certa efficacia nos declives mal batidos, pela barragem e nos terrenos accidentados e revolidos.

Para realisar a efficacia desejada, o tiro de varrer deve ter uma densidade igual á metade da attribuida á barragem rolante (1), de modo que a frente a bater normalmente por uma bateria será de 200 m.

Assim, um apoio bastante efficaz poderá ser obtido quando, para um grupo de 75, duas Bias forem empregadas em barragem rolante sobre uma frente de 200 m. e a Bia. restante em tiros de varrer na frente.

2º) Protecção do ataque.

A protecção do ataque, pela artilharia, tem especialmente por fim:

a) Neutralisar no momento opportuno os pontos de onde o inimigo possa agir pelo fogo contra as tropas de ataque.

Além dos órgãos de fogo inimigos comprehendidos pelo objectivo a atacar, e que são batidos pelos fogos de acompanhamento, os demais que podem agir perigosamente contra os atacantes, são:

— órgãos de fogo de infantaria, das organizações ou pontos do terreno situados immediatamente nos flancos do ataque, no prolongamento do objectivo mas não comprehendidos na zona de ataque;

— órgãos de fogo ainda de infantaria, das organizações ou pontos do terreno situados além do objectivo seguinte ou ulterior, quando a distancia e o terreno permittirem a sua intervenção;

— órgãos de fogo afastados (bias. inimigas) e aviões.

A protecção dos flancos do ataque pode ser feita pelo agrupamento de conjuncto, ou mesmo por uma parte do apoio directo, quando os agrupamentos de apoio forem fortemente constituídos (por ex., na previsão de um alargamento ulterior da frente, entrada em linha de um btl. de 2º escalão, etc.); porém,

com vantagem, essa protecção deve ser malamente attribuida ás fracções de apoio das unidades vizinhas, que se acham nos flancos e não devem atacar na occasião, facto que justamente origina a necessidade de neutralisar o inimigo que na sua frente e pela proximidade da zona de ataque, poderia intervir de flanco contra os atacantes. Assim, por ex., no caso de uma divisão tendo geralmente uma frente grande e muito superior as suas possibilidades de ataque (caso frequente no Brasil) haverá quasi sempre necessidade de seriar os ataques, escolhendo os pontos ou partes do terreno mais favoráveis, ora á direita ou centro, depois á esquerda, e, nelles concentrar successivamente os meios — sobretudo de artilharia; — então, na phase correspondente ao ataque de um R. I. á direita, por ex., a fracção de artilharia que (embora reduzida) tenha a missão de apoio ao R. I. mantido provisoriamente sem atacar, á esquerda, será vantajosamente utilizada para fazer a protecção do flanco esquerdo do ataque, aliás, batendo as organizações inimigas ou pontos do terreno occupados e situados no extremo de sua zona normal de acção, os quaes poderiam tomar de flanco os elementos de ataque.

Essa cooperação da artilharia de apoio das unidades vizinhas na protecção dos flancos do ataque, poderá ter lugar mesmo entre duas divisões, nos limites das respectivas zonas de acção.

— A protecção do ataque em sua frente contra os órgãos de fogo situados além do objectivo a atacar (commummente o objectivo seguinte), mas a distancia que lhes faculta uma intervenção efficaz (terreno favoravel tambem) no momento de ser abordado o objectivo (o qual ainda se acha sob a protecção dos fogos de acompanhamento), é tarefa, em principio, dos agrupamentos de conjuncto e de preferencia de artilharia pesada, cujos tiros constituirão simultaneamente uma preparação do ataque ao objectivo em questão.

A protecção contra os órgãos de fogo afastados, artilharia inimiga, é o papel da contra bateria, mais propriamente classificada entre as missões de conjuncto, que estudaremos mais adeante.

Tambem, a protecção contra o fogo dos aviões inimigos, cabe especialmente á aviação de caça e á A. A. A. cujo emprego escapa ao nosso estudo.

b) Dificultar ou impedir a aproximação de reforços, a formação de contra ataques (reunião de tropas), procurar detel-os si forem desencadeados.

— Para dificultar ou impedir a aproximação de reforços e a reunião de tropas para contra ataques, a artilharia de conjuncto tem geralmente um ou mais grupos em ligação com a observação aerea e poderá opportunamente effectuar tiros contra os elementos inimigos que forem assinalados (tiros contra objectivos inopinados) e tambem tiros contra as comunicações adversas, os quaes são geralmente classificados no quadro das missões de conjuncto.

A protecção contra os contra-ataques comprehende, além dos tiros citados sobre as re-

servas inimigas e as regiões prováveis de reunião dos elementos de contra ataque, a precisão de tiros de deter imediatamente á frenagem dos objectivos atingidos, de modo a apoiar os atacantes nos períodos de pausa e passagem defensiva que decorrem entre a occupação de um objectivo e a continuação do ataque ao objectivo seguinte, quando geralmente o inimigo desencadeia os seus contra ataques; esses tiros de deter, constituindo uma protecção do ataque, são mais propriamente tiros de apoio directo, relativos a uma situação de defensiva provisoria, e, por isso cabem normalmente aos fogos de apoio directo, sendo intercalados nos respectivos systemas de acompanhamento.

— No caso particular de pequenos ataques limitados, denominados *golpes de mão*, a protecção consiste essencialmente em tiros de enlucamento que visam isolar, durante a operação, a zona a explorar de modo a impedir que ella possam facilmente penetrar reforços inimigos e della possam escapar os occupantes lembramos que os golpes de mão visam sobretudo fazer prisioneiros; taes tiros são tambem teis e empregados nos casos de ataque de frente contra as localidades ou bosques (pouco commum, pois de preferencia constituem objectivos que devem cahir por desbordamento ou mesmo envolvimento) e tambem durante a passagem dos cursos d'agua, casos nos quaes elles protegem a operação do mesmo modo indicado para os golpes de mão, isto é, isolando uma dada porção do terreno e nella impedindo ou dificultando a intervenção do inimigo, sobretudo pelo affluxo de reforços. Os tiros de enlucamento são normalmente executados pela propria artilharia de apoio directo e reforços, si necessario, pela artilharia de conjuncto acção vantajosa da artilharia pesada).

c) Neutralisar certos pontos particularmente favoraveis á observação, pelo inimigo, do terreno a percorrer pelo ataque, ou alguns observatorios que tenham sido localizados. O melhor meio de se conseguir isso consiste em formar uma cortina de fumaça na frente desses pontos, por meio de tiros de cegar e utilisando projectis fumigenos; quando não se dispuser de taes projectis, o que será geralmente o caso entre nós onde os recursos limitados em meios de transporte deverão ser de preferencia aproveitados para munições de emprego mais util, a protecção contra os observatorios inimigos visará unicamente neutralisal-os durante certo tempo, difficultando ou impedindo-lhes a observação.

A protecção do ataque por meio de tiros de cegar poderá ser particularmente util no caso de emprego de carros de combate; si a artilharia dispuser de projectis fumigenos, deverá formar e manter uma cortina de fumaça diante dos observatorios inimigos e alguns de seus órgãos de fogo que se revelem meios perigosos para os carros.

* * *

O conjuncto dos fogos de apoio directo e a protecção aos ataques é regulado, seja em relação á progressão da infantaria por meio

de *signaes convenccionados* previamente, seja mediante um *horario*.

Esse ultimo processo é de regra quando o apoio é feito por meio de *barragem rolante*. É de realisação difficil quando a progressão deva ser profunda ou de longa duração, casos em que deverá comportar interrupções de duração sufficiente para permittir á artilharia restabelecer as ligações e ajustar os tiros. (1)

O emprego de *signaes* para attender aos pedidos da infantaria e regular, em função de sua progressão e necessidades, o conjuncto dos fogos de acompanhamento e protecção, é o mais frequente e permite melhor adaptação dos fogos ao combate dessa arma, porém, exige ligação e observação bem organisadas.

MISSÕES OU FOGOS DE CONJUNCTO

Vimos anteriormente quaes as missões denominadas de conjuncto e que elles subsistem qualquer que seja a forma do combate, tanto no ataque como na defesa e ainda nos períodos de calma ou estabilisação das operações, apenas, com importancia variavel e maior ou menor desenvolvimento; vimos tambem que, durante o ataque ellas concorrem para a sua protecção, seja impedindo ou difficultando a aproximação das reservas inimigas, como reforços ou em contra ataques (tiros de interdicção, de inquietação e contra objectivos inopinados), seja neutralizando as baterias inimigas mais proximas e perigosas para a infantaria atacante, sobretudo as que se revelam á ultima hora, desencadeado o ataque (tiros de contra bateria).

A *contra bateria*, si o ataque for precedido de uma preparação pela artilharia (que entre nós será geralmente curta, segundo vimos) terá, durante a preparação, particular importancia; visa neutralisar, excepcionalmente destruir, as baterias ou algumas das baterias inimigas anteriormente referidas, de modo a diminuir os effeitos da contra preparação inimiga, facilitar ás tropas (inf.) a tomada do dispositivo de ataque e collocação na base de partida, e, á propria artilharia dar a liberdade de acção necessaria para a execução dos tiros de preparação.

A destruição das baterias inimigas exigindo um grande consumo de munição, raramente será procurada e apenas contra certas baterias assaz perigosas cujas posições se tenha a certeza de que permanecem occupadas; aliás, a neutralisação, embora visando o pessoal, poderá produzir estragos apreciaveis sobre o material.

Durante o ataque, além das baterias inimigas anteriormente reveladas, será preciso neutralisar sobretudo as que se revelam á ultima hora, conforme acima alludimos, e que são geralmente as mais perigosas para a infantaria.

Quando o ataque for acompanhado por carros de combate, sendo a artilharia o mais perigoso adversario dos carros, a contra bateria será de capital importancia e por isso exi-

(1) Regulamento francez para o Emprego da Art.

girá meos mais poderosos em baterias e munição, o que aliás é geralmente compensado pela economia que a participação dos carros permite fazer nos fogos de preparação (commummente supprimidos) e de apoio directo do ataque.

O tiro contra objectivos inopinados, conforme indica o proprio nome, são dirigidos contra elementos inimigos (reservas, reforços, baterias atreladas, trens, etc.) em movimento ou mesmo estacionados, mas susceptíveis de rapido deslocamento, os quaes são geralmente assinalados pela observação aerea e exigem uma intervenção brusca e rapida execução do tiro. São também considerados como inopinados os órgãos de fogo inimigos que se revelam á ultima hora e que pela sua importancia (perigo para inf. atacante) demandam egualmente uma intervenção rapida (taes como certas baterias, já alludidas).

Pela natureza dos tiros, os objectivos inopinados cabem de preferencia aos grupos de artilharia leve dos agrupamentos de conjuncto.

Durante o ataque esses objectivos são commummente constituídos pelas reservas inimigas que se tornam visíveis em virtude dos deslocamentos a que são forçadas, seja para reforçar a frente, seja em preparativos de contra ataques.

Os tiros de interdição das communicações visam impedir a passagem ou circulação de tropas ou trens (columnas de viaturas) em pontos forçados de passagem (pontes, vãos, aterros, etc.) ou mesmo a utilização de estradas muito importantes para o inimigo.

Podem ser desencadeados sómente quando a observação (principalmente aerea) indicar a sua oportunidade, ou, de modo *systematico* durante determinado tempo.

Nesse ultimo caso, acarretam um consumo muito grande de munições, calculado á razão de 100 tiros por hora para cada ponto afim de se obter uma interdição parcial ou cerca de 200 tiros para uma interdição absoluta. (I. G. T. A.)

Nessas condições, sómente deverão ser previstos durante um tempo limitado e sobre um reduzido numero de pontos, de particular importancia, levando-se para cada caso em conta si o consumo de munição será compensado pelo resultado a esperar.

Os tiros de inquietação, exigindo menor consummo de munição, podem ser empregados seja no lugar dos de interdição das communicações para difficultar apenas ou atrazar os movimentos inimigos, seja para tornar perigosa a permanencia em certos pontos ou zonas importantes á sua retaguarda (zonas provaveis de reunião de contra ataques, localização de reservas, etc.).

Durante o ataque esses tiros visam de preferencia os pontos mais proximos da frente, mas são forçosamente reduzidos e por vezes suprimidos em virtude da necessidade de attender a outras missões de maior importancia; porém, nos periodos de calma, sobretudo á noite, quando se fazem os reabastecimentos e o remuniamento, os tiros de inquietação poderão ter maior desenvolvimento e visarão os pon-

tos que se sabe ou se presume utilisal-as e causar perdas ao inimigo.

* * *

De um modo geral os tiros de conjuncto terão o desenvolvimento compativel, em cada situação, com os meios disponiveis em artilharia e principalmente em munições, sem prejuizo das missões de apoio directo e protecção da infantaria que são as principaes durante o ataque.

Si os meios forem reduzidos ellas serão limitadas e até mesmo suprimidas, o que geralmente acontece no caso de destacamentos e nas divisões de cavallaria, quando o escasso numero de grupos de artilharia apenas permite o desempenho daquellas missões principaes.

Na divisão de infantaria a artilharia divisionaria terá facilmente a possibilidade de consagrar pelo menos 1 grupo de seu agrupamento de conjuncto para attender especialmente á missão de contra bateria (limitada á neutralização das baterias mais perigosas) e alguns tiros contra os objectivos inopinados de certa importancia durante o ataque.

Vimos, porém, que geralmente a artilharia de Exercito corre em auxilio das divisões, seja para reforçal-as, em artilharia, sobretudo de materiaes pesados que lhes facilitem a tarefa da contra bateria e tiros sobre as communicações inimigas de modo a permittir-lhes maior desenvolvimento e profundidade, seja attribuindo a si essas missões na totalidade ou em parte da zona de acção das divisões, ou, mais commummente além de certo limite, ficando a artilharia divisionaria encarregada dos tiros mais approximados (a distancia e numero de objectivos sendo compatíveis com os seus recursos proprios).

Os tiros de contra bateria e contra as communicações inimigas não exigem material apropriado; apenas, a maior distancia dos objectivos reclama a intervenção de materiaes longos e pesados que são os de maior alcance; dentre os materiaes disponiveis e capazes de attingir os objectivos, deve-se em principio escolher os de calibre menos elevado (1) (economia do material e maior facilidade de remuniamento).

3ª PHASE: APROVEITAMENTO DO SUCESSO

O ataque a objectivos successivos augmentando a distancia entre as posições iniciaes da artilharia e a frente attingida pela infantaria, poderá acontecer que essa distancia atinja o limite para o apoio efficaz (cerca de 7 km.) e a resistencia adversa ainda não tenha sido quebrada, de modo que os objectivos seguintes exijam ainda um ataque methodico, montado com apoio seguro da artilharia; será então preciso uma parada ou interrupção do ataque, deslocamento da artilharia para a frente e montagem de novo ataque nas condições geraes já estudadas a respeito dos fogos de artilharia.

— Si, no entretanto, a resistencia inimiga tiver sido quebrada, o successo inicial deverá

(1) I. G. T. A., onde aliás foi omitida a palavra "menos" de modo que a idéia ficou alterada.

“S u g g e s t õ e s”

Será possível conciliar-se a execução de todas as obrigações do official moderno?

A missão do official moderno é por demais complexa. Eis a verdade repetida. A arte da guerra, com todas as transformações e aperfeiçoamentos introduzidos após 1928, a evolução científica, as modernas exigências sociais, os múltiplos deveres e conhecimentos inherentes ao cidadão-soldado, tudo contribue para isso. O militar, com especialidade o official — o conductor de homens — deve esforçar-se para ficar cada vez mais em condições de poder desempenhar o mandato de instruir militarmente os seus patricios. Para quem não tem o verdadeiro senso da missão do official moderno, essa missão apparece como de muito simples desempenho. E' só chegar a horas certas ao quartel ou estabelecimento e despachar o expediente. Mas, é esta a missão do official moderno? E' só isso que se precisa fazer? Infelizmente, para alguns ainda é, em vista da falsa concepção que teem. Para a maioria não, embora constangida, muitas vezes, a aceitar tal modo de concebê-la. A vida arregimentada com as suas innumeras tarefas burocraticas (O espirito da burocracia não cedendo lugar, mas com certa lentidão, a outro espirito mais pratico e adeantado) impede, quasi por completo, ao official, de exercer a sua função como é necessario que teem. Quem vive nas nossas casernas sabe bem com o papelorio: a preocupação com o material, fardamento; o conselho de Administração, Comissão de Rancho, etc., absorvem o precioso tempo que deveria ser empregado num fim ainda mais util, qual o de instruir-se a si proprio e instruir os seus concidadãos. E' difficil encontrar-se um Commandante de Companhia, Bateria ou Esquadrão que possa cumprir as obrigações que lhe cabem de instruir a sua sub-unidade (instruir de facto — inter-

ferindo em todos os ramos da instrução e abrangendo todos os escalões da hierarchia: subalternos, sargentos, cabos e soldados); administrativa com todas as exigências do R. A. C. T. E. M., do R. I. S. G. e das I. D. F.; administrativa disciplinarmente; tomar parte na administração geral do seu corpo; ter conhecimento e exercer a sua actividade no ambito da justiça militar; ter uma apreçavel cultura geral; e, finalmente, de apresentar-se á altura no seio da sociedade onde vive. A satisfação de todas essas obrigações é muito difficil. E, geralmente, o que se nota é o prejuizo de uma ou duas para dar melhor cumprimento a tres ou quatro, quando-o que é ainda peor — não se prejudica a totalidade.

Afim de obviar esses inconvenientes, parece-nos o melhor remedio seria separar, já não dizemos completamente, mas quasi completamente, a administração da instrução.

Quem já foi ajudante de um corpo alguma vez, ou mesmo para tomar um caso mais simples, quem já foi Sargento furriel de uma sub-unidade, pôde ter uma idéa das difficuldades acima apontadas, bem como dos prejuizos resultantes. A criação do fiscal administrativo, de um sargento-ajudante em cada sub-unidade e de um pequeno numero de especialistas que os auxiliem, todos encarregados unicamente da parte administrativa do corpo, talvez fosse uma medida que resolvesse o problema. Aliás o fiscal administrativo já é uma previsão regulamentar, mas ainda não foi posta em pratica. Esperamos, contudo, uma mais acertada medida da alta visão dos nossos superiores, que não de, provavelmente, ha mais tempo, ter observado o que dizemos.

Joinville, 24 de Abril de 1929.

1º Tent. Thomaz Elysen Xavier Leal.

er aproveitado em largura e profundidade, as poder á ainda acontecer:

que os objectivos seguintes apenas constituam resistencias secundarias e esparsas, porém o inimigo possua outras posições poucos kilometros á retaguarda da que foi conquistada — a continuação do combate tomará o aspecto de aproveitamento do exito até o contacto com a nova posição inimiga;

que as forças inimigas, em retirada, apenas offerecem resistencias esparsas e passadeiras por meio de retaguardas — a continuação do combate será a perseguição do inimigo.

— O aproveitamento do exito, em profundidade, exige a descentralisação do commando da artilharia de apoio directo que passará a progredir por lances e escalões de modo a se manter continuamente em condições de apoiar a infantaria; a artilharia de acompanhamento immediato será particularmente util nessa fase.

As missões de fogos serão semelhantes ás que estudamos na phase correspondente aos

preliminares do combate (aproximação, tomada de contacto, engajamento) que irão se reproduzir em face da nova posição inimiga.

— A perseguição será feita por vanguardas, dispondo de artilharia (pelo menos um grupo). O cmt. da fracção de artilharia attribuida a cada vanguarda deverá gozar de larga iniciativa e exercerá ao lado do Cmt. Vg. um papel analogo ao do Cmt. A. D. junto ao Cmt. D. I.

Além das missões approximadas em proveito das Vg., sobretudo as de protecção das manobras de desbordamento que caracterisam a phase de perseguição, pela neutralisação das resistencias inimigas que as impeçam ou difficultem, a artilharia deverá tambem aproveitar toda oportunidade para actuar sobre o moral do inimigo, por tiros longinquos sobre os seus elementos (tropas e comboios) em retirada (tiros contra objectivos fugazes, de interdicção ou de inquietação).

Para tal, a artilharia na perseguição deve ser largamente provida de munição, sobretudo, projectis de maior alcance.

DA PROVINCIA

Inspeção do Chefe do E. M. ao 28° B.C.

(Continúa)

VI REGIÃO MILITAR

Estado Maior — 3ª Secção

Aracaju, 15 de Março de 1929.

DOCUMENTO Nº 5 (*)

METHODO DE INSTRUCCÃO INDIVIDUAL DE SERVIÇO EM CAMPANHA

O General Pau — quando Cmt. do 20º Corpo de Exército Francez — proclamou em uma circular famosa:

"Uma tropa só pôde ser considerada como realmente á altura da sua missão, em tempo de guerra, quando satisfaz á dupla condição de ser instruída (adestramento do instrumento de combate) e bem commandada (emprego do instrumento de combate); d'ahi, para todos os quadros sem excepção, o duplo dever: saber instruir; saber empregar a tropa, isto é commandar".

A instrucção dos quadros em vista de formar instructores é, na verdade, de primordial importancia.

E qual é a idéa fundamental que deve guiar o espirito dos instructores?

Raciocinemos.

Façamos a classica pergunta de que se trata?

Ora, trata-se, evidentemente, de formar soldados, combatentes, isto é, homem de acção.

A instrucção deve ser pois, a grande escola da acção.

E' o que o Cap. Rousseau, resume eloquentemente, nas seguintes palavras:

"A instrucção do soldado se traduz pela acção.

Da mesma forma, é na acção que reside a synthese da instrucção do chefe.

Ora, só se aprende agir agindo:

C'est en forgeant, qu' on devient forgeron.

O conhecimento dos principios e dos processos não é sufficiente; é indispensavel possuir o habito de applicalos e um habito tal que essa applicação não exija nenhuma reflexão prévia, que a acção não seja precedida da menor hesitação".

Isto resume a própria theoria da educação, preconizada por Gustavo Le Bon e que se pôde synthetizar no seguinte aphorismo: "Só se faz bem aquillo que se pratica inconscientemente".

Urge, pois, que desenvolvamos os reflexos dos nossos homens, habituando-os ao exercicio frequente, repetido de actos identicos.

Portanto, colloquemos os nossos soldados em uma situação de guerra tão vizinha quanto possivel da realidade, obrigando-os a tomar

decisões rapidas, deante de incidentes habilitamente creados.

A repetição systematica de semelhantes exercicios desenvolverá, fatalmente, os reflexos dos instruídos, que, instinctivamente, adoptarão as soluções impostas pela situação e pelo terreno.

Organizemos, pois, cuidadosamente os nossos exercicios e não nos cansemos de repetilos.

Qual o fim da instrucção individual do serviço em campanha? Trata-se de ensinar os homens a desempenhar as missões individuais que lhes competem no quadro do pequeno posto e da patrulha.

Mas, para que os homens possam cumprir conscientemente essas missões, é de absoluta necessidade que recebam uma instrucção preparatoria, que consiste em lhes ensinar:

a) o conhecimento e o aproveitamento do terreno;

b) os principios de observação e de transmissão;

c) os diversos processos de orientação.

Uma vez o nosso homem de posse desses conhecimentos basicos, pôde então, ser o iniciado na instrucção particular da sentinella, do patrulhador, etc.

Els a progressão a seguir.

E o methodo?

Chegamos, assim, ao ponto mais delicado da questão.

De que se trata?

Já o dissemos e propositalmente o repetimos: trata-se de crear e desenvolver os reflexos dos nossos soldados.

Para tanto, é necessario:

a) que os colloquemos deante de uma hypothese simples de guerra;

b) que procuremos materializar o ensino;

c) que tiremos o maximo partido deste facto indiscutivel de que o recruta aprende com mais facilidade o que vê do que o que ouve.

Em uma palavra, devemos adoptar, no ensino do serviço em campanha, o famoso methodo demonstrativo que nada mais é do que uma applicação do methodo das lições de cousas.

Exemplifiquemos.

Admittamos que o instructor quer ensinar aos seus homens a arte diffiell da utilização do terreno para progredir.

Como proceder? Qual o melhor methodo?

Será, porventura, expôr aos instruídos, em bonitas palavras, as diversas modalidades d'uma progressão? Será encher a cabeça do pobre recruta com uma tecnologia complicada,

(*) Lido na reunião de officiaes, realizada na tarde de 15 de Março.

em uma terminologia enfadonha? Parece que semelhante processo é o melhor meio de fazer inutilmente os soldados, sem lhes ensinar; é o methodo nefasto da educação pelo ouvido, — o velho habito do discurso, que deve ser systematicamente abandonado pelo methodo fecundo da "instrução pelos olhos".

Não nos esqueçamos do auxilio preciosissimo que a memoria visual presta á memoria auditiva e toda vez que quizermos mostrar aos nossos instrueados como bem devem marchar, retroceder, avançar a despeito do inimigo, recorreremos sempre sem hesitar, ao methodo demonstrativo, que consiste:

a) em mostrar aos jovens recrutas, d'um observatorio judiciosamente escolhido, como uma turma bem instruida, constituida por soldados antigos, faz o aproveitamento do terreno;

b) em exigir, em seguida, que os recrutas executem o mesmo exercicio já executado pelos seus camaradas mais experimentados.

Essa demonstração é, indiscutivelmente, mais eloquente do que as palavras do instructor, por mais suggestivas que estas sejam.

Ser parcimonioso em palavras deve ser uma das constantes preocupações do instructor, cuja missão é formar homens de acção.

Adestrar os nossos soldados para a acção, eis o seu dever.

E... essa preocupação de economizar palavras deve ser de tal ordem, que, toda vez que se tratar de punir um erro, commettido no exercicio ou assignalar um gesto feliz — o instructor deverá fazê-lo — não por francos applausos ou asperas censuras — mas fazendo o inimigo reagir no momento opportuno, affirmar que o proprio soldado sinta a falta commettida ou aquilatar por si proprio do acerto da sua decisão ou de seu acto. Far-se-á, assim, o soldado um ser consciente; Estamos longe da infeliz theoria do soldado automatico.

Para attingir semelhante resultado é indispensavel que o instructor assegure a possibilidade de desencadear as reacções adversas no momento opportuno.

Isto equivale a dizer que os exercicios de dupla acção devem ser systematicamente badados. Podem ser muito bons como applicação, mas são absolutamente improduttivos como meio de instrução, pois o director do exercicio, não tendo acção sobre o partido inimigo, fica completamente impossibilitado de provocar os movimentos destinados a fazer realçar os ensinamentos.

Ora, um exercicio vale o que valem os ensinamentos que elles nos proporcionam.

E é indispensavel, no interesse da instrução, que esses ensinamentos sejam materializados — que appareçam aos olhos dos homens — como o exercicio do pelotão de candidatos a cabo, realizado na manhã de hoje por bem em evidencia.

A representação do inimigo, a figuração dos fogos — animado o campo de batalha — dão mais vida ao exercicio, tornando-o mais attrahente e mais proveitoso.

Portanto, toda vez que tivermos de en-

sinar aos nossos homens o serviço em campanha e tambem o combate:

- a) recorramos ao caso concreto;
- b) materializemos o ensino, dando-lhe um caracter demonstrativo.
- c) adoptemos a acção simples com o inimigo supposto, figurado ou representado.

Formaremos, assim, soldados conscientes, conhecedores das regras do serviço em campanha e dos processos em combate — aptos, em summa, ao perfeito desempenho das suas missões, cada vez mais complexas, á proporção que a infantaria, — pelo acrescimo brutal da sua potencia de fogo — va-se tornando uma arma verdadeiramente tecnica.

P. O. — (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé. — Chefe do E. M.

* * *

VI REGIÃO MILITAR

Estado Maior — 3ª Secção

Aracajú, 16 de Março de 1929.

Inspecção do chefe do E. M. ao 28º B/C.

DOCUMENTO Nº 6 (*)

INSTRUÇÃO DOS QUADROS

I — Objectivo da instrução.

Desenvolver nos quadros:

- a) os reflexos do commando (commando da propria unidade e do escalão immediatamente superior);
- b) a aptidão para ministrar a instrução da sua propria unidade (conhecimento perfeito dos regulamentos, dos methodos e processo de instrução).

II — Meios.

Podemos classificar os meios geraes de instrução em cinco grandes cathogorias;

- 1º — Os documentos (regulamentos, instruções, etc).
- 2º — O pessoal;
- a) pessoal instructor (preparação, direcção, fiscalização e execução);
- b) pessoal a instruir (officiaes, graduados...)
- 3º — O material (particularmente o material necessario á representação dos fogos) (1)
- 4º — O terreno (escolhido de modo que se preste facilmente ao exercicio que se quer realizar).
- 5º — O tempo (sua judiciosa repartição).

III — METHODO.

1º — Formação como instructores:

- a) Estudo dos regulamentos.
- b) Conselhos de officiaes experimentados — destinados a mostrar aos jovens officiaes, por meio de exemplos irrecusaveis, o modo pelo qual devem ser organizados, preparados e conduzidos os exercicios.

(*) Lido na reunião de officiaes, realizada na tarde de 16 de Março.

2º — Formação em vista do commando:

a) Conferencias — o menor numero possível (o domínio das palavras) não é, evidentemente, o mais propício á formação da nossa mentalidade).

b) Exercícios na carta.

c) Exercícios de quadros no terreno (sem tropa).

d) Exercícios de quadros com tropa.

IV — Preparação dos exercícios.

a) Estudo preliminar.

b) Elaboração do thema.

c) Escolha do terreno.

Reportar-se ao
Documento
n. 3.

O exercício de hoje pôz em evidencia a inestimável vantagem d'uma judiciosa escolha de terreno.

E' absolutamente indispensável que essa escolha seja feita de modo que os ensinamentos se escrevam no proprio terreno.

Foi, assim, que o nosso terreno de exercício nos permittiu, hoje, mostrar aos sargentos, de uma maneira irrefutável, o mecanismo da marcha d'uma patrulha.

As cristas successivas que apresenta, torna-o, de facto, o terreno classico para o estudo da marcha d'uma patrulha. E o instructor, escolhendo-o, nada mais fez do que recorrer á demonstração, que é a base mesma do mais fecundo dos methodos de instrução.

V — Conducta.

Na conducta d'um exercício de quadros, devemos atravessar duas phases successivas bem distinctas:

1ª Phase: ensinar aos quadros o methodo de raciocínio, que é base mesma do que chamamos a nossa Doutrina de Guerra.

2ª — Phase: Exigir que os quadros — já de posse da Doutrina — tomem decisões rapidas, dêem ordens claras e precisas, deante das mais variadas situações de Guerra.

Os exercícios correspondentes á 1ª phase, podem denominar-se sessões de estudo; as sessões concernentes á segunda phase são, na verdade, sessões de jogo da guerra, destinadas a exercitar os quadros na applicação rapida da Doutrina aprendida na primeira phase.

A primeira cathégoria de exercícios deve comportar um completo desenvolvimento, afim de que os quadros aprendam, antes de tudo, a raciocinar, isto é, a encarar as questões do mesmo modo.

Só assim poderemos ter a indispensável Disciplina Intellectual!

Formemos, pois, os nossos espiritos á luz de uma mesma escola!

Unidade de doutrina não consiste na adopção de soluções identicas. Semelhante mentalidade nos conduziria ao desastre, pois seria a consagração do schema, do formalismo.

Um exercito só possui unidade de doutrina quando todos raciocinam do mesmo modo, quaesquer que sejam as soluções adoptadas, função dos diversos elementos d'uma situação de guerra: a missão, o inimigo, o terreno e os meios disponíveis.

Ensinar a raciocinar, — eis a solidão de d'uma boa instrução de quadros.

P. O. — (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé. — Chefe do E. M.

✱ ✱ ✱

VI REGIÃO MILITAR

Estado Maior — 3ª Secção

Aracajú, 18 de Março de 1929.

Inspecção do chefe do E. M. ao 28º B/C.

DOCUMENTO Nº 7 (*)

APRECIACÃO SOBRE O EXERCÍCIO NO TERRENO REALIZADO, NA MANHÃ DE HOJE, PELO PELOTÃO DE CANDIDATOS A CABO

Seremos as questões e estudos successivamente:

a) o objectivo do exercício;

b) a sua preparação;

c) a sua conducta.

OBJECTIVO— Toda vez que se trata de realizar um exercício qualquer, particularmente um exercício de combate, é absolutamente indispensável, como ficou claramente estabelecido no Documento n. 3, que se fixe nitidamente o fim a atingir.

No exercício de hoje, houve, por parte do instructor, uma certa hesitação a este respeito, não se sabendo bem, no começo, se se tratava d'um exercício de grupo, de esquadra ou d'uma instrução individual.

Que quero eu?

Eis a primeira pergunta que o instructor deve fazer a si proprio, toda vez que tiver de organizar um exercício.

PREPARACÃO — Fixado, cathorica-mente, o objectivo que deve ser alcançado, o instructor está em condições de elaborar o thema e escolher um terreno apropriado ao desenvolvimento completo da sua sessão de instrução. Para o exercício que está sendo objecto da nossa apreciação mais interessante que se escolhesse uma outra situação tactica.

A situação escolhida foi a de uma defensiva momentanea.

Ora, o exercício seria mais rico em ensinamentos se fosse estudada uma verdadeira situação defensiva.

No concernente a preparação, não esquecer que, ao lado d'uma cuidadosa preparação intellectual, deve haver tambem uma meticulosa preparação material.

E' o melhor meio do exercício não soffrer atrasos e de não haver contratempos desagradaveis.

Na mesma ordem de idéas, deve igualmente entrar nas previsões do instructor a judiciosa escolha dos pontos de observações successivos, donde se possa acompanhar o desenrolar do exercício.

A inobservancia dessa prescripção essen-

(*) Lido na reunião de officiaes, realizada na tarde de 18 de Março.

cial deu lugar a que houvesse duvidas, hesitações, acompanhadas das inevitáveis consequências, entre as quaes se salienta o retardo na hora de inicio do exercicio.

Não esquecer que tudo isso se reflecte na tropa!...

Emfim, toda vez que se trata de figurar ou representar o inimigo, é necessario que o "plastron" receba ordens muito precisas. Não aconteceu, isso, no nosso exercicio de hoje, em que o inimigo reagiu inoportunamente!...

E' indispensavel que o director do exercicio assegure a possibilidade de fazer o inimigo intervir no momento e no lugar desejados. Só assim um exercicio será realmente proveitoso!

Do contrario, recae-se em um exercicio de dupla acção, que, como todos os exercicios desse genero, não tem o caracter de verosimilhança, tão necessario a uma instrucção de combate bem orientada e conduzida.

CONDUCTA — E' justo assignalar que,

na conducta do exercicio, o instructor procurou:

- a) ser sobrio em palavras;
- b) materializar o ensino;
- c) crear incidentes que melhor focalisassem os ensinamentos visados.

E' aconselhavel a leitura do annexo n. 1 do R. E. C. I. e a sua applicação immediata a esses exercicios no terreno.

Entretanto, o que os instructores devem tirar do referido annexo é apenas o methodo de trabalho, porque... a organização de uma sessão de instrucção deve ser obra pessoal e retratar a individualidade mesma do instructor.

O culto pela sua propria personalidade é uma das mais apreciaveis qualidades do official, já como chefe, já como instructor.

P. O. — (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé. — Chefe do E. M.

(Continúa).

Ainda as manobras de Cavalaria no Rio Grande do Sul

Pelo Ten. ALCINDO NUNES PEREIRA

Revestiram-se de aspecto animador as Manobras de Cavalaria d'este ano, cuja realização foi o resultado de um notável "tour de force".

Dêsde 1919, por circunstâncias várias, em geral alheias á vontade do Comando, não tem sido possivel a repetição de manobras desse genero, sobre cuja necessidade e valor não haverá certamente, em nosso meio, opiniões discordantes.

Com excepção do Regimento Divisionário, todas as demais unidades de Cavalaria da Região, bem como todos os Grupos a Cavallo, foram deslocados de suas sedes e, após percursos mais ou menos longos, concentrados em dois pontos afastados — Santiago do Boqueirão e S. Simão.

O objectivo instrutivo das Manobras foi perfeitamente ajustado a uma situação estratégica verosimil, tendo em vista a obtenção do máximo rendimento, a par do dispêndio mínimo de energias por parte dos homens e, sobretudo, da cavallada, em sua maioria nova e ainda pouco preparada para trabalho intenso.

Com esse intuito, ao envés de reunir todas as tropas em uma só região, foram constituídos dois Agrupamentos, que deviam operar em zonas diferentes, escolhidas de modo que as distâncias das sedes das unidades aos pontos de concentração se equivalessem mais ou menos.

Em virtude do afastamento dessas duas regiões e da existência de um sério obstáculo entre ellas — um rio largo e profundo —, foi necessário, para facilitar o "contrôle" do conjunto das Manobras, escalonar no tempo as operações dos Agrupamentos, muito embora fossem ambas partes de uma unica situação geral,

de desenvolvimento simultâneo. As do Sul, só tiveram inicio um dia após das do Norte.

Foi uma idéa feliz que permitiu ao Comando apreciar de perto e minuciosamente a capacidade manobreira das unidades e o estado moral e material da tropa.

O sistema de manobra adoptado foi o de acção simples, cabendo ao Serviço de Arbitragem a tarefa de conduzir o inimigo, quer fazendo hipóteses de sua direcção, força e posição, quer pela figuração de seus órgãos de fogo (armas automáticas) e das zonas batidas pela Artilharia. As primeiras eram fornecidas com o carácter de informações aos órgãos competentes que as buscavam.

Não obstante a grande actividade desenvolvida pelos árbitros, na intenção de apresentar á tropa sempre situações verosímeis, usando de todos os recursos ao alcance para figurá-lo e de meios rápidos de transporte que permitiam intervir com oportunidade, nem sempre foi possível fazer comprehender convenientemente as situações.

As acções parciais que cabem ás pequenas unidades, precisam ser representadas com maior fidelidade, para que a tropa tenha uma sensação mais aproximada de guerra, com o funcionar de facto das armas automáticas, com os deslocamentos fugazes e imprevisíveis do adversário, com as ameaças de flanco, etc... E' indispensável que as reacções sejam oportunas e perceptíveis aos homens, unico meio de se conseguir interessá-los no exercicio.

Por certo uma maior facilidade em recursos materiais, para o futuro, permitirá evitar essas deficiências, que de muito reduzem o rendimento desejável.

As forças operam as respectivas concentrações por marchas itinerárias, sendo todos os deslocamentos realizados a tempo, sem se registar nenhum atraso. Algumas unidades houve mesmo que, com permissão especial, anteciparam sua chegada de 24 horas á data prevista para início da manobra, afim de proporcionar um repouso á tropa.

Conquanto algumas delas tenham, pelo afastamento de suas sedes, percorrido mais de duas centenas de quilómetros, em sete ou oito etapas ininterruptas e tenham marchado sob o forte calor de janeiro, o coeficiente de baixas foi tam insignificante que pode ser considerado nulo.

Para escapar á intensa acção dos raios solares, foram comuns as marchas noturnas, sempre executadas com éxito favorável.

Esses resultados evidenciam uma mais nítida compreensão do modo de conduzir a tropa nas marchas, que em regra sempre mereceram poucas atenções, ocasionando número considerável de estropiados.

Apenas duas unidades fizeram excepção a esse modo de deslocamento, indo por via-férrea até ao ponto de destino: uma Bia. 5ª RAM e o 7º RI que representou um BIM.

Um facto digno de especial relêvo foi o terem tomado parte nestas Manobras uma pleiade de brilhantes officiaes, de todos os postos e de todas as armas, senhores perfectos da nova doutrina de guerra, os quaes pelo elevado nível de cultura profissional, emprestaram um carácter profundamente verosimil ás operações.

Constituí um justo motivo de júbilo, para aquêles que verdadeiramente se interessam pelo progresso do nosso Exército, ver a importante guarnição do Rio Grande, usufruindo os benefícios da actuação de elementos de escol.

Oxalá perdure esse sistema de arregimentação, que em certo prazo vem produzindo tam benéficos resultados.

Relativamente ao grau de instrução reve-

lado pela tropa, é de notar um sensível progresso em todos os ramos.

De modo geral o aproveitamento demonstrado pelos homens no encerramento do ano de instrução, prova ter havido um trabalho intenso e metódico no ano transacto. Poderão, certamente, ser ainda mais proficuos os resultados, uma vez corrigidas certas deficiências de homens, animais e material, que muito entravam o rendimento da instrução.

Como coroamento dos trabalhos de ordem táctica, no último dia de Manobra (em cada Agrupamento) foi realizado um desfile da tropa, que se apresentou em óptimas condições físicas, marchando com garbo e entusiasmo.

~~~~~  
"A primeira mobil'sação de um paiz é mobil'sação espirítual. O seu mais poderoso armamento está nas almas". — (Baptista Pereira — O Brasil é a raça).

~~~~~  
"A disciplina constitue a base de toda a organização.

Ella não se encomenda e não se crea de um dia para o outro; é o resultado da instrução e da tradição."

(Ardaqt Du Picn.)

~~~~~  
"O excesso de regulamentação engendra a preguiça, a rotina e a inercia. O excesso de regulamentação mata a iniciativa, qualidade creadora muito preciosa" (Colonel Leband).

~~~~~  
"A simplicidade, a calma, a ordem e o methodo são condições essenciaes do bom funcionamento do serviço".

PHONERGINA
SILVA ARAUJO
PHARYNGITE
TOSSES **ROUQUIDÃO**
TRACHEITE

O Commando, o Estado Maior e os Serviços

Papel de cada um -- Relações e situação reciprocas

(Cont.)

Ten. Cel. JASSERON (da M. M. F.)

PAPEL GERAL DOS SERVIÇOS E DE SEUS CHEFES

Sem entrar aqui em pormenores de organização e de funcionamento de cada serviço parece necessário, todavia, definir em algumas palavras o que são os Serviços e qual é seu papel geral.

Numa grande unidade (Divisão-Exercito) os serviços são órgãos encarregados de satisfazer as necessidades da tropa.

Suas principais funções são:

— obter o material e os viveres necessários;

— conservar-os em perfeito estado;

— fazer o transporte e a distribuição às tropas;

— fazer as evacuações;

Os Chefes de Serviço recebem do commando as ordens relativas ao emprego do respectivo serviço. A elles compete assegurar a execução pela qual são pessoalmente responsáveis. Elles podem, devem mesmo, como veremos pormenorizadamente mais adiante, entender-se de antemão com o Commando e dirigir-lhe todas as propostas relativas ao emprego do serviço.

Mas, como assignalamos já, não é esta a unica subordinação a que um serviço está sujeito; o caracter tecnico de cada serviço impõe que seu funcionamento seja ainda regulado de outro modo, isto é, conforme as instruções technicas do Chefe do Serviço do escalão superior.

Concebe-se, assim, que, nestas condições, o papel do Chefe de Serviço seja mais difficil e mais arduo do que pôde parecer a primeira vista e que exija dos officiaes delles encarregados, valor, qualidades e conhecimentos que raramente se lhes quer reconhecer.

No entanto, si se quizer que os serviços funcionem e funcionem bem a escolha de um Chefe de Serviço assume a maior importancia. E' de seu valor de seu devotamento, notadamente nas circumstancias difficeis, que poderá resultar muitas vezes a possibilidade mesma das operações militares.

As mais bellas concepções tacticas de um chefe não serão realisaveis senão quando os serviços subordinados tiverem podido e sabido fornecer em tempo util ás tropas tudo que lhes é necessario e si, durante a lucta mesmo, a collaboração dos serviços mostrar-se constante, decidida e previdente.

Espirito de previsão, espirito de decisão são duas qualidades indispensaveis aos Chefes de Serviço mas que não se podem utilmente empregar, senão se estes sabem, podem e querem.

— Saber, para um Chefe de Serviço, é não somente possuir conhecimentos militares extensos mas raciocinal-os, amadurecê-os.

— Poder, é apreciar o valor das possibilidades de realisação do serviço num quadro determinado tendo em vista obter o maximo rendimento.

— Querer, enfim, é possuir e guardar intactas as altas qualidades moraes que lançam á acção e á realisação das idéas baseadas sobre a logica e o bom senso sem temer outros obstaculos que os puramente materiaes, os unicos por vezes intransponiveis.

Tres grandes forças presidem ao funcionamento de qualquer Serviço:

a) de um lado, o Commando, unico responsável pela conducta das operações e que fixa seu quadro de emprego;

b) de outro lado, a technica obediente ao grande cuidado de fazer funcionar do melhor modo e no tempo desejado os órgãos de execução;

c) entre ambas, um elemento director, elemento tecnico ainda mas duplamente encarregado:

— de um lado, de pôr os technicos em condições de preencher seus papeis, levadas em conta as necessidades tacticas e as difficuldades materiaes;

— de outro, de informar o Chefe, de prover e de organizar sob sua autoridade.

E' o elemento de ligação indispensavel entre o Commando, o E. M. e os elementos technicos dos Serviços, cujas relações reciprocas vamos em seguida, pormenorizadamente analysar.

RELAÇÕES QUE DEVEM EXISTIR ENTRE O COMMANDO O E. M. E OS SERVIÇOS

Todo serviço soffre, vimol-o precedentemente, duas subordinações: a do Chefe que regula seu emprego tactico; a do Director Technico que regula seu funcionamento tecnico.

O emprego tactico de um serviço consiste para o Commando em dar-lhe, numa situação determinada, uma missão, assim como as condições de tempo e de espaço em que ella deve ser cumprida.

O funcionamento tecnico de um serviço consiste para seu Director ou Chefe em determinar os pormenores da execução que permitem cumprir do melhor modo e nas condições fixadas, a missão dada pelo Commando.

Sente-se então, que em qualquer momento seja para seu emprego tactico ou para seu funcionamento tecnico um serviço não pôde viver alheado do Commando e que todo seu accionamento, como aliás de todas as tropas e demais Serviços é antes de tudo função das intenções e das decisões do Chefe.

Como temos visto no começo de nossa exposição, si a idéa (intenção ou decisão) do Chefe é sempre simples para se tornar exe-

quível é necessário que seja *analysada*, decomposta em missões pormenorizadas, em ordens precisas que cabe ao E. M. preparar e redigir conforme a missão e a especialidade de cada executante.

Si este é um *serviço tecnico* vimos que um entendimento constante com o E. M. era indispensável.

Como se devem realizar estas relações entre o E. M. e os serviços é o que vamos *analysar*.

Este entendimento, esta mutua compreensão, só pôde ser o resultado de uma dupla corrente de informações:

— é necessário que o E. M. informe aos serviços;

— é preciso que os serviços informem ao E. M.

Isto é condição indispensável a um emprego racional e a um bom funcionamento de todas as peças da engrenagem dos Serviços de uma grande unidade.

E' preciso que o E. M. informe mas informe sempre o mais cedo possível aos serviços de tudo que lhes pôde ser útil conhecer sobre a situação do inimigo, a situação exacta das tropas amigas, sobre as intenções prováveis do inimigo e sobre as intenções e decisões do *Commando*. Desse modo, qualquer Chefe de Serviço poderá então, estar prompto para cumprir de modo satisfactorio as missões que lhe competem; poderá empregar e escalar de modo judicioso suas diferentes formações ou unidades; poderá conservar em momento opportuno e em lugar apropriado as reservas necessárias; etc. Em summa, poderá prever utilmente.

Ora, num Serviço, quer se trate de alimentar, de reabastecer, de curar doentes e feridos de proceder as evacuações, o *espírito de previsão* e o *espírito de decisão* devem ser qualidades presentes entre as dominantes, tanto nos chefes como nos executantes.

Qualquer serviço tem, então, o estricte dever de *prever* em grão maximo, *prever* largamente e com bastante antecedencia; mas só o poderá fazer se o E. M. o informar sempre a tempo.

E' preciso tambem que os Serviços informem ao E. M.

Com effeito, para "*Servir*" um Serviço não pôde funcionar convenientemente senão em condições precisas, impostas por sua natureza e seu grão de technicidade, muitas vezes de necessidades complexas. Si o E. M. não conhece ou não leva em conta estas necessidades elle corre o risco de impedir ou, menos, de paralisar a acção deste Serviço.

Ora, qualquer que seja sua competencia, seu valor, comprehende-se perfeitamente que os Officiaes de E. M. não podem ter em relação a cada Serviço, a competencia de um tecnico. Pôde-se avaliar igualmente que nos momentos de crise, *quando se combate*, podem elles ter mais graves preocupações e mais immediatas, do que se informar sobre as necessidades technicas de um Serviço, em particular.

E' preciso, então, que seja o proprio órgão tecnico que forneça, elle mesmo, as informações technicas indispensaveis sem as quaes é impossivel ao E. M. fixar-lhe convenientemen-

te as condições racionais e opportunas de emprego, dar-lhe todo apoio e, em caso de necessidade, os meios de acção, supplementares que podem ser-lhe indispensaveis.

Não é mais preciso insistir, cremos, sobre a necessidade deste entendimento do E. M. com os Serviços, sobre este dever permanente de mutuamente se informarem.

Vejamos agora como assegurar isto praticamente.

No escalão *commando* a ligação faz-se directamente entre o Chefe e o *Director ou Chefe de Serviço*.

Quer seja na Divisão, Exercito ou Grupo de Exercitos, o Chefe do Serviço deve entender-se pessoalmente com o Chefe, expor-lhe seus *desiderata* e delle receber directivas e instrucções. Mas, e comprehende-se facilmente, si esta é uma ligação da maior importancia, é não obstante uma ligação excepcional, que não se pôde realizar todos os dias, e que não pôde descer a todas as minucias.

Mais frequentemente, quasi diariamente ella é, e deve ser, completada pela ligação Chefe de Serviço — Chefe de E. M. Este ultimo, temos visto, é o delegado permanente do *Commando*, em relação aos serviços. No quadro das directivas e instrucções dadas pelo *Commando* é a elle que cabe orientar a acção dos serviços e dar a estes ordens que figuram na 2ª Parte das ordens de operações.

Si bem que esta ligação com o Chefe do E. M. seja mais precisa, do que a ligação tomada directamente com o *Commando*, e se bem que venha ella mesclada de signaes de execução nas directivas geraes dadas pelo *Commando*, não desce e não pôde descer a todas as minucias quotidianas de um Serviço.

Cabe isto ás secções competentes do E. M. (4ª no escalão Exercito e Grupo de Exercitos, — 1ª no escalão Divisão). E' ahi que se vae realizar este entendimento constante e immediato cuja necessidade havemos reconhecido.

E' para effectual-o que nos escalões Exercito, Etapas, Grupo de Exercitos, um representante de cada Serviço fica permanentemente junto á 4ª secção do E. M. destas formações. Agente de ligação com seu Director acha-se em condições de informar o E. M. sobre a orientação e o funcionamento de seu Serviço; vivendo no meio do E. M., torna-se-lhe possivel fazer face rapidamente e com conhecimento de exactas possibilidades, as difficuldades materiaes e numa ordem de urgencia logica.

No escalão Divisão a ligação faz-se directamente entre o Chefe de Serviço e a 1ª secção do E. M. A importancia relativa desta Grande Unidade dispensa a presença de um representante especial permanente dos Serviços junto ao E. M.

Reconhecemos precedentemente a necessidade das ligações intimas E. M. — Serviços; acabamos de ver como se estabelecem estas ligações. Resta-nos examinar como funcionam ellas e devem funcionar, qualquer que seja o escalão considerado.

Todos os dias o E. M. deve informar exactamente o Chefe de Serviço sobre a situação geral e sobre as intenções do *Commando*; fixar-

lhe a missão a cumprir em condições precisas e pedir-lhe, em consequência suas propostas técnicas.

Partindo destes dados, o Chefe de Serviço estabelece e apresenta suas propostas. O E. M. discute-as, então, no ponto de vista das possibilidades militares, no ponto de vista da repercussão possível sobre os outros serviços (não o esqueçamos que elle é o responsável pela coordenação do conjunto); pede esclarecimentos, si for necessario, sobre as razões técnicas invocadas.

Finalmente após toda esta discussão, sempre amigável, e uma vez feitas as modificações achadas necessarias, o E. M. pela pessoa do seu Chefe, transforma as propostas dos Chefes de Serviço em ordens, o que, para cada serviço, tem seu logar marcado na Ordem de Operações (2ª Parte).

Resta agora apenas, passar á execução mas apercebe-se, de quanto foi ella judiciosamente preparada por esta collaboração íntima e constante, absolutamente indispensável ao bom funcionamento de qualquer serviço.

E' preciso, portanto, que o E. M. saiba perceber a importância particular de cada serviço e que sobretudo confie no Chefe que o dirige, em sua personalidade, em seu bom senso, em sua competência técnica e mesmo em seus conhecimentos gerais das necessidades militares. Esta confiança é mesmo a base de uma boa collaboração reciproca.

Por seu lado, um bom Chefe de Serviço, além da competência técnica indispensável, deve ter personalidade para saber defender, se necessario, os interesses imperiosos de seus serviços; mas deve ter igualmente como base de seus sentimentos de disciplina militar, a noção elevada dos interesses gerais do Exército e de suas necessidades superiores, diante das quaes elle pôde ter de se curvar.

Sobre esta collaboração E. M. — Serviços impõe-se seja feita uma ultima observação.

Vimos sua necessidade, precisamos saber encerrar suas difficuldades. Estas são duas, tão nociva uma como outra.

Si o E. M. despreza os pareceres dos serviços, se não leva em conta suas propostas, exerce então uma verdadeira dictadura e corre o risco de dar ordens a um serviço sem estar previa e sufficientemente informado sobre suas necessidades técnicas e de entrar sem comprometter mesmo, muito gravemente, todo funcionamento particular deste serviço.

Si, ao contrario, é o proprio Chefe de Serviço que se põe a tudo dirigir; si o E. M. aceita sem discussão nem exame todas suas propostas; si lhe abandona sem fiscalização o capitulo que lhe concerne na 2ª Parte da Ordem de Operações, é a abdicação do E. M. e é a dictadura do Chefe de Serviço que se exerce.

E esta abdicação é perigosa para todos então, porque é de facto a coordenação indispensável, que só E. M. pôde estabelecer, que falta.

Um serviço qualquer poderia, então engarrafar as estradas indispensáveis a movimentos de tropas; perturbar o movimento de outros serviços; poderia mesmo lançar suas unidades e formações por zonas ou em visinhanças inu-

tilmente perigosas para estas formações mesmo.

Portanto, nem dictadura nem abdicação, tanto do E. M. como dos serviços, mas collaboração constante, íntima e esclarecida que é só o que pôde permittir um harmonioso funcionamento do conjunto.

* * *

EM CONCLUSÃO

Cremos haver analysado sufficientemente a razão de ser, os respectivos papeis do Commando, do E. M. e dos Serviços e ter tornado comprehensível o espirito das relações que devem existir entre todos.

Cremos não poder concluir melhor que citando o que disse o Cel. Derougemont em uma uma de suas conferencias sobre o E. M. em Campanha:

"Nesta materia, como em tactica, é o espirito, isto é, a unidade de doutrina que dá vida ás cousas, muito mais que a applicação estreita das definições ou as formulas secas de um regulamento.

Portanto, nada de formalismo, de separações estanques; antes, entendimento e harmonia. O Commando commanda em materia de serviços como em materia de operações e assume suas responsabilidades.

Elle, porém, commanda de modo largo, sem entrar em pormenores, sem correr o risco de perder seu tempo e de despistar-se; e fiscaliza. Da directivas e missões nitidas.

Em seguida deixa aos serviços o estudo da execução e examina suas propostas, antes de as aceitar e de as materialisar em ordens precisas. Não intervem nas questões que são puramente técnicas.

Mas para que a machina funcione sem choques, é indispensável que reine uma confiança completa e reciproca entre o E. M. e os Serviços.

E' preciso que os officiaes do E. M. tenham um conhecimento aprofundado da organização, do funcionamento geral e notadamente do rendimento possível dos serviços nas diferentes circumstancias da guerra. Nestas condições os serviços trabalharão calmamente sabendo que o E. M. não lhes pedirá cousas impossiveis e não lhes dará ordens inexequíveis.

E' preciso que os officiaes dos Serviços sem ser versados nas subtilezas da Estrategia ou da Tactica, tenham um conhecimento geral sufficiente da marcha das operações militares e da dos outros serviços; e que saibam, por outro lado, manejar perfeitamente seu proprio serviço em todas as circumstancias da guerra. Nestas condições, o E. M. confiante em seus Serviços, deixar-lhes-á a liberdade que lhes convem e não procurará jamais intrometer nos pormenores do seu funcionamento".

* * *

Este resumo é tão justo como penetrante. Resume de um modo perfeito os principios indispensaveis que devem presidir, notadamente em tempo de guerra, mas igualmente em tempo de paz, as relações constantes e indispensaveis entre o Commando, o E. M. e os Serviços.

O Regulamento geral da Educação Physica

Pelo Cap. BERNARD

TRADUZIDO DE "LA REVUE D'INFANTERIE" PELO CAP. BARBOZA LIMA

(Conclusão)

Os exercícios educativos que figuram no Regulamento geral pertencem, exclusivamente, ao methodo francez; não são exercícios analyticos destinados a fazer trabalhar separadamente os diversos segmentos do corpo com o fim de flexionar as articulações e de desenvolver a musculatura; synergias musculares escolhidas para preparar a execução correcta de uma applicação dada.

Pode-se comparar este processo com o que se emprega no ensino da leitura. Antes de fazer a criança ler uma palavra faz-se a decomposição destas em seus elementos simples: letras, syllabas de duas, tres e mais letras, syllabas irregulares, etc., que lhe são ensinadas primeiramente. Só depois de aprender a pronunciar as letras e syllabas é que se ensina a ler a palavra completa.

Do mesmo modo, antes de fazer executar as applicações, que, conforme já ficou dito, são actos complexos, é necessario decompô-las em seus elementos essenciaes, isto é, analysar seu mecanismo e determinar as principaes synergias musculares que interessam, successiva ou simultaneamente, os braços, as pernas e o tronco.

Educa-se, então, separadamente, essas diferentes synergias durante os exercícios simples (isto corresponde ao estudo das letras), depois combinando-as (como no grupamento das letras em syllabas) e termina-se, de maneira progressiva, pela execução integral da applicação (pronuncia da palavra completa).

Esses exercícios educativos cujo valor é consideravel, do ponto de vista do desenvolvimento da força e, sobretudo, da destreza, requerem, do executante, um certo grão de flexibilidade e previa educação neuro-motora.

Estas qualidades são adquiridas com a pratica dos flexionamentos, assim definidos pelo Regulamento: movimentos de efeitos correctivos e de efeitos localisados (1) sobre cada articulação ou sobre os musculos que as comandam.

(1) Os exercícios de efeitos locais fazem agir separadamente as massas musculares e concentram o trabalho em determinada região do corpo; os flexionamentos, os exercícios livres sem aparelhos ou com halteres leves, etc., participam desta categoria. Os exercícios de efeitos geraes, ao contrario, repartem o trabalho por grande numero de musculos e estimulam, desse modo, as funções organicas; a corrida, os saltos, os jogos ao ar livre e em geral as applicações e os desportos são exercícios de efeitos geraes. Enquanto a matéria dos methodos revela sempre a predominancia excessiva dos exercícios de uma ou de outra dessas duas categorias, o regulamento francez conserva, as de ambas, mas utiliza-as em dosagens apropriadas á idade e ás qualidades particulares que se pretende desenvolver em cada individuo.

Os flexionamentos dividem-se em duas categorias:

A primeira, que comprehende os flexionamentos (1) dos braços, das pernas, do tronco, da caixa thoraxica, tem por fim desenvolver a flexibilidade agindo, de modo predominante, sobre as articulações para augmentar sua mobilidade, e impondo aos musculos um trabalho completo, particularmente favoravel á sua boa nutrição.

Além disso, os flexionamentos da caixa thoraxica constituem uma verdadeira gymnastica methodica do appparelho respiratorio, de capital importancia para as crianças e adolescentes.

A segunda, que comprehende os flexionamentos combinados e dessymetricos, age principalmente sobre o systema nervoso e prepara utilmente o corpo para a conquista da agilidade, desenvolvendo a coordenação dos movimentos e a independencia das contrações musculares.

Em resumo: flexionamentos, exercícios educativos e applicações constituem um conjunto de exercícios completo e bastante para conduzir o homem ao desenvolvimento maximo de suas condições physicas.

Os flexionamentos proporcionar-lhe-ão boa articulação vigor e belleza; exercícios educativos augmentarão sua força e sua capacidade de coordenação nervosa; as applicações aperfeiçoarão as qualidades já adquiridas, dar-lhe-ão agilidade e tempera ao caracter para enfrentar, com resolução e confiança, todas as difficuldades que se lhe antepuserem.

* * *

A vida util e laboriosa não deve, entretanto, absorver todos os cuidados do homem. Horas de descanso são, physica e psychicamente, indispensaveis. A procura da felicidade, sob a forma simples e sa do prazer physico é perfeitamente justa. E é por isso que o methodo francez reserva um lugar distincto aos desportos individuaes e collectivos.

Esses exercícios creados com fim recreativo, são, entretanto, elementos importantissimos para o aperfeiçoamento physico, intellectual e moral. Sua caracteristica essencial é pôr em actividade qualidades physicas superiores taes como: velocidade, força e fundo, as quaes, obedecendo a um treinamento apropriado, poderão ser desenvolvidas até o limite extremo.

Os desportos individuaes aperfeiçoam, acima de tudo, a destreza porque o athleta, para ga-

(*) Estes flexionamentos reproduzem um curto numero dos exercícios da gymnastica educativa do Regulamento de 1910, mas sua execução não se inspira mais na technica sueca; em consequencia do notavel trabalho de Demény, foi adoptada a forma do movimento completo e continuo.

rantir o êxito, deve procurar constantemente melhorar o "estyllo", isto é, adaptar suas forças ao trabalho que tem de produzir. Como o resultado é apreciado por frações de tempo, de distancia ou de peso quasi sempre muito pequenas, a utilização perfeita da energia physica adquire grande importancia.

Mas o Regulamento geral, muito sabiamente, previne as crianças e jovens contra o duplo e grave perigo da especialização prematura e excessiva.

E', com effeito, difficil de fazer-se de um individuo optimo praticante, ao mesmo tempo, em desportos differentes.

O treinamento proprio a um desporto de velocidade não corresponde, geralmente, ao que se emprega para um desporto de peso ou de fundo, e reciprocamente.

Além disso, os desportos não devem ser escolhidos arbitrariamente. Quem pretender ser bem succedido, brilhar mesmo, em um desporto, deve ser arrastado para elle por temperamento proprio, aptidão physica compativel e sobretudo pelas possibilidades mecanicas, as quaes indicam naturalmente, ou predispõem o individuo para a pratica de um desporto, de preferencia a um outro. Que resultará disso? Que o desporto escolhido tenderá a desenvolver as qualidades já possuidas em detrimento de outras, concorrendo assim para um verdadeiro desequilibrio que apresenta serios inconvenientes tanto do ponto de vista hygienico como esthetico.

Os desportos individuaes constituem um meio de aperfeiçoamento indiscutivel, é certo, mas sob a condição de só serem praticados por athletas normalmente desenvolvidos por um methodo de educação physica racional.

Admittida esta restricção, deve-se estimular entre os jovens e adultos o amor pelos desportos individuaes porque sua pratica desenvolve não somente a destreza e a força, mas ainda, certas qualidades intellectuaes e moraes como senso muscular, imaginação, raciocinio, perseverança, resistencia e o prazer pelo trabalho.

* * *

Os desportos collectivos, como o *foot-ball*, o *rugby*, o *basket-ball*, etc., põe em actividade, simultaneamente, qualidades physicas e moraes mais variadas do que os desportos individuaes. Elles podem ser considerados como o coroamento da educação physica.

Com effeito, salvo em circumstancias excepcionaes como na guerra, nunca se tem outra oportunidade de empregar, ao mesmo tempo, toda a potencia physica, todas as energias do espirito e da vontade para obter uma victoria da qual resultam, como proveitos unicos, a saúde e o prazer.

Mas, ainda ahi, o Regulamento assignala nitidamente o perigo a evitar. A somma de energias que poderá ser consumida numa sessão de desportos collectivos é consideravel e só poderá ser fornecida, sem inconvenientes serios, por organismos fortes e bem treinados. Ora, o prazer insopitavel que proporciona esta fórmula superior de jogo, fascina o adolescente arrastando-o a iniciar-se muito cedo em sua pratica. Mal preparado, não tendo ainda accumulado

capital — saúde e vigor — sufficiente para desperdiçar-o em artigo de luxo o joven se esgotará prematuramente, ao mesmo tempo que perturbará seu desenvolvimento normal.

O educador physico deverá, portanto, ser cauteloso no emprego desse meio de aperfeiçoamento.

Mas, para o adulto que se mantém em perfectas condições, pela pratica frequente das lições de educação physica, nenhum outro exercicio poderá ser-lhe mais conveniente.

Numa sessão de *foot-ball*, por exemplo, não ha um só elemento de aperfeiçoamento physico que não tenha oportunidade de se desenvolver.

A saúde? Que exercicio poderá activar, em tão alto grão, as grandes funções?

Força e resistencia? Qual a força muscular e qual o influxo nervoso necessario para quem se entrega, durante uma hora e meia a exercicios mais variados de corrida, salto, lançamento, tracção e repulsão, executados com intensidade crescente?

Agilidade? Todas as familias de applicações se reúnem no campo e o successo coroará os esforços daquelle que, dispondo de uma boa somma de energias, embora limitada, souberem empregar-a com maior habilidade e efficiencia.

Temperamento de caracter? Que outra occasião mais favoravel poderia ser offerecida ao joven athleta para testemunhar seu prazer pelo esforço intenso e até mesmo violento ou sua aptidão para vencer todas as difficuldades? Basta coragem physica, para não temer os golpes; audacia, para aventurar numa combinação, do jogo, imprevista; perseverança, para não se deixar dominar pelo cansaço ou pela fadiga; disciplina, para obedecer ás regras do jogo e ao chefe da equipe; modestia, para não sacrificar o interesse da equipe pelo prazer de se destacar; lealdade, para applaudir (se for o caso) a victoria do adversario.

E esta serie poderia prolongar-se indefinidamente.

Harmonia de formas? A vida intensa do estadio e da praça de desportos é creadora de belleza physica. Mais que em qualquer outro homem, a harmonia das proporções e a nobreza de porte se manifestam no athleta forte, agil e viril.

* * *

Ahi temos, summariamente expostos os processos geraes do methodo francez.

Como o Regulamento define sua applicação: Esta applicação é subordinada a quatro regras posta em pratica por Amoros e definitivamente consagrados pelo *guia-memento* de 1916:

- Grupamento dos individuos;
- Adaptação dos exercicios;
- Atracção dos exercicios;
- Verificação periodica da instrucção.

1º — GRUPAMENTO DOS INDIVIDUOS

Um methodo de educação physica não pôde, evidentemente, ser applicado, de maneira uniforme, a crianças, rapazes e moças, senhoras e homens de idade madura.

Por outro lado, a absoluta impossibilidade material de ministrar a educação physica sob

a forma individual, levam a solução do problema para a constituição de grupos homogêneos, susceptíveis de receberem, efficientemente, a mesma instrução.

Baseando-se em dados physiologicos e nas lições da experiencia o methodo francez adoptou, para essa classificação, o seguinte plano physiologico:

Educação physica elementar.

Abrange todas as crianças de 4 a 13 annos:

- 1º gráo — crianças de 4 a 6 annos
- 2º gráo — crianças de 6 a 9 annos
- 3º gráo — crianças de 9 a 11 annos
- 4º gráo — crianças de 11 a 13 annos

Educação physica secundaria.

Alcança os adolescentes e jovens de ambos os sexos, de 13 a 18 annos (periodo da puberdade e seguinte):

- 1º gráo — adolescentes de 13 a 16 annos
- 2º gráo — jovens, de 16 a 18 annos

Educação physica superior (desportiva e athletica).

Adultos de ambos os sexos, de 18 a 30 ou 35 annos.

Gymnastica de manutenção da idade madura.

Homens e senhoras de mais de 35 annos.

Estes limites de idade não são rigidos mas constituem uma boa indicação para o instructor, por isso que, quando se trata de classificação definitiva de um individuo em determinado grupo, deve-se levar em conta, de preferencia, seu valor physico em vez da idade real.

O valor physico é apreciado primeiramente pelo medico em uma inspecção physiologica que comporta pesagem e mensurações diversas, além de um exame minucioso do estado de integridade dos diferentes órgãos (particularmente do coração e do aparelho respiratorio); em seguida, de um exame pratico (exame physico), compativel com a idade do individuo em apreço, destinado a fornecer indicações sobre suas qualidades de velocidade, de força e de resistencia. As crianças de 4 a 13 annos, porém, só serão submettidas á prova physiologica.

Classificação physiologica	Jogos	Flexionamentos	Exercícios educativos	Aplicações	Desportos individuais	Desportos collectivos
<u>Ciclo elementar</u> Crianças de 4 a 6 annos " " 6 a 9 annos (Mesmos exercícios; intensidade de trabalho um pouco maior de 6 a 9 annos)		Executados imitando o instructor		Muito simples Muitos jogos exercícios de imitação		
9 a 11 annos			Muito simples Jogos e exercícios de imitação			
11 a 13 annos						
<u>Ciclo secundario</u>						
13 a 16 annos	Grandes jogos Barra, bandeira					
16 a 18 annos					Iniciação desportiva Aprendizagem dos ritmos Nada de competições	
<u>Ciclo superior</u>						
18 a 35 annos						
<u>Idade madura</u> Acima de 35 annos					Continuação do desporto praticado com alguma liberdade de competitividade	

Os resultados obtidos são registrados em uma ficha individual, annexa a uma caderneta que acompanha o aluno durante todo o período de sua educação physica (em principio, de 4 a 18 annos).

Dahi resulta uma cooperação intima entre o medico e o instructor, collação importantissima e bem de accordo com o espirito do methodo francez pois que, em seu Gymnasio de Grenelle, já Amoros era secundado por tres medicos, os Drs. Bégin, Verdier e Broussais.

2° — ADAPTAÇÃO DO EXERCICIO

Uma vez determinado o valor physico do individuo, tão precisamente quanto possível, é elle incorporado a um grupo composto de alumnos do mesmo valor physico que o seu. Trata-se, então, de estabelecer um regimen de trabalho compativel com as aptidões e possibilidades dos alumnos deste grupo.

O quadro annexo apresenta um schema da adaptação do exercicio ao valor physico do individuo. Na realidade elle presuppõe conhecimento aprofundado da difficuldade e da intensidade dos diversos exercicios. E' na dosagem precisa do regimen de trabalho que se reconhece a aptidão do instructor.

ATTRACÇÃO DO EXERCICIO

"Um grande principio da educação, dizia Amoros, que Montaigne e cem outros philosophos nos legaram e que a natureza nos indica todos os dias, é que não se pôde ensinar bem, uma coisa qualquer, por processos fastidiosos e que, ao contrario, deve-se procurar interessar os alumnos tornando-lhes agradaveis os estudos, se se quer que elles aprendam...

"Meu methodo não podia, pois, desconhecer esses principios: elle os segue, os pratica, e eu declaro que adoptei um grande numero de exercicios pela simples razão de divertirem tanto os jovens como os homens feitos, ao mesmo tempo que produzem resultado positivo e vantajoso qualquer que seja meu objectivo."

Referindo-se a gymnastica a commando e sem apparelho, Lagrange, depois de reconhecer-lhe vantagens hygienicas, acrescentava: "Estes exercicios não são recreativos e isto é um grave defeito principalmente para a educação de collegias cujo cerebro trabalha bastante. Os movimentos de conjunto são aborrecidissimos e a criança, pelo desprazer que lhe causam, procura escapar-se delles."

O methodo francez, pela variedade de exercicios que preconiza e introduz nas lições, esforça-se para tornar o trabalho attrahente. A habilidade do instructor, seu bom humor communicativo, sua firmeza temperada com muita indulgencia, seu conhecimento profundo da psychologia das crianças e dos jovens, devem transformar em verdadeira recreação a hora consagrada á educação physica.

4° — VERIFICAÇÃO PERIODICA DA INSTRUÇÃO

Esta verificação tem dois objectivos: dar ao instructor a certeza de bem conduzir o seu

trabalho de avaliar do aproveitamento ou progresso dos seus alumnos.

A mesma verificação comporta um exame physiologico (inspecção medica) e um exame pratico (exame physico) perfeitamente semelhante aos que foram mencionados a proposito do *gruppamento dos individuos*. Os resultados destas provas, que devem ser feitas duas vezes por anno (antes das ferias da Paschoa e das grandes ferias), são annotadas na caderneta do alumno. Este poderá ser transferido para o grupo superior se seus progressos a isso autorisarem.

A passagem de um cyclo para outro se faz após um exame mais solemne, cujos debates são indicados no Regulamento.

A applicação do methodo não apresenta, como se vê, nenhuma difficuldade. A organização das sessões de trabalho se inspira nas mesmas preoccupações de simplicidade.

As sessões são de cinco typos:

- Sessões de estudo;
- Lições de educação physica;
- Sessões de jogos;
- Sessões de desportos individuaes;
- Sessões de desportos collectivos.

As *sessões de estudo* destinam-se a ensinar ao alumno a melhor maneira de execução dos elementos que entram na composição de outras sessões.

A *lição de educação physica*, unica cuja pratica quotidiana é indicada, sem interrupção, desde a infancia até a idade madura, é constituida pela reunião de exercicios variados e combinados para interessar, successiva ou simultaneamente, todos os órgãos e as grandes funções, com o fim de melhora-las e aperfeiçoal-as.

Seu programma, variavel segundo os cyclos e grãos, comporta, essencialmente, flexionamentos, exercicios educativos e applicações das sete familias e um ou dois pequenos jogos.

Uma ou duas vezes por semana a lição de educação physica é substituida, para as crianças e adolescentes, por uma sessão de jogos, durante a qual se fazem praticar os grandes jogos cujas preparação e evolução normal são muito longas para que possam entrar no quadro da lição.

As sessões de desportos individuaes de 18 a 30 ou 25 annos. Entretanto, podem iniciar-se em sua pratica menores de 16 a 18 annos, contanto que as sessões sejam conduzidas como as de estudo.

Todas as sessões devem começar por uma preparação para o trabalho (sessão preparatoria) e terminam pela volta á calma. Além disso, deverão subordinar-se ás prescrições hygienicas relativas a uniforme, duração do trabalho, local, condições de temperatura, cuidados a tomar depois do trabalho, etc., segundo os preceitos claramente definidos no Regulamento.

Finalmente, numerosas indicações de ordem pedagogica, completadas pela descripção illustrada de cada exercicio, devem permittir, aos instructores mais ou menos iniciados nas questões de educação physica, a applicação immediata do methodo francez aos seus alumnos. Parece que, principalmente nas sociedades de educação physica, de desportos e preparação militar, den-

A arregimentação do joven official e o novo R. I. S. G.

O Regulamento da Escola Militar, recentemente approved, reproduzindo um artigo do que foi revogado, estabelece o seguinte:

"Art. 129 — Todo alumno que terminar o curso, em qualquer arma que estiver matriculado, ficará obrigado a servir, por dois annos, arregimentado em unidade da sua arma, não podendo, durante este periodo, ser distrahido para qualquer emprego, nem mesmo dentro da propria unidade a que pertencer.

Paraphrasis unico — Os candidatos á especialização em transmissões e artilharia de costa, serão classificados ou prestarão serviços em corpos que tenham sua sede na mesma localidade em que funcionarem os centros de instrução correspondentes".

É a exigencia de uma arregimentação a rigor e que determina, em termos peremptorios, a utilização do joven official como instructor.

Impossível haver controversia sobre o accerto dessa providencia e sobre os seus decorrentes beneficios para o Exercito e, sem duvida, para o proprio official.

Na escola Militar, o alumno tem mais ensejo para desenvolver qualidades de commando do que adquirir habitos de instructor de tropa. Elle recebe, apenas, a preparação inicial para essas funções, cujas exigencias de flexibilidade na applicação de recursos para transmittir e methodo nos trabalhos só podem ser desenvolvidos cabalmente num contacto com a tropa.

A vida nas sub-unidades dos corpos de tropa constitue, então, para os novos officiaes um

complemento indispensavel e inadiavel do curso da Escola Militar. O Capitão tem ahi, em parte, alguma responsabilidade na modelagem definitiva do joven instructor quanto á administração e disciplina de uma companhia, esquadra ou bateria.

Para se conseguir essa aprendizagem e consequente rendimento do verdadeiro subalterno, é necessario que haja uma permanencia ininterrupta, pelo menos de dois annos, no interior de uma sub-unidade, como prescreve o citado artigo do Regulamento da Escola Militar.

Dentro desse prazo, distrahir o joven official para membro do Conselho de Justica, examinar tiro, capturar sorteados, ser Ajudante de Ordens, etc. é prejudicar a instrução da tropa e o aperfeicoamento pessoal do instructor.

O Regulamento da Escola Militar, porém, é de applicação restricta á propria Escola e, consequencia, o dispositivo, transcripto acima, que regula a arregimentação absoluta do joven official, não é plenamente conhecido, nem rigorosamente executado.

Para regularisar este assumpto e tornalo para o Exercito com uma execução generalisada em todos os corpos, pedimos venia á commissão encarregada da elaboração do novo R. I. S. G. para lembrar a conveniencia da inclusão, neste regulamento, do que consta do artigo 129 do regulamento da E. M.

Parece que assim poderemos ter tornado realidade, em todas as armas, o melhor aproveitamento do espirito joven e emprehendedor dos novos officiaes subalternos e tornal-os tambem mais capazes e efficientes.

tro de pouco tempo, estaremos colhendo excellentes resultados.

* * *

Este resumo imperfeito dá apenas uma idéa, aliás incompleta dos principios e processos do methodo francez expostos, em detalhe, pelo Regulamento geral. Em todo caso, parece satisfazer os propositos deste estudo que são os de esclarecer os leitores desta revista sobre a evolução das idéas referentes á educação physica, evolução que terminou, depois de cem annos de adaptações incessantes, nos grandes progressos alcançados em physiologia, em mecanica animal e humana, em pedagogia e em psychologia, com a publicação de um Regulamento cujos volumes, em numero de tres, representarão, certamente, um dos mais serios esforços realizados em beneficio de um methodo que, segundo a expressão de Demény "assenta suas bases na propria natureza".

Resta agora tirar a prova de seu valor real por meio de uma experiencia pratica generalisada que atinja o maior numero possivel de individuos, num prazo razoavel.

Varias tentativas da mesma ordem, a começar pela de Amoros, deixaram de dar, na França, os fructos que seriam de esperar por causa de criticas prematuras, as quaes, movidas por especulações theoreticas e não pelos factos, muita vez lançaram a confusão e o scepticismo nos espiritos interessados.

"É de admirar, diz ainda Deméry, que, na Escola franceza, a verdade não venha á tona mais rapidamente pelo concurso activo e bom entendimento entre praticos e physiologistas. E a razão é esta: as leis de aperfeicoamento physico do homem dependem de numerosos factores de entre os quaes é difficil de afastar a influencia propria. Assim a hereditariedade, os habitos, os preconceitos e a rotina complicam o problema, mesmo quando as discussões não vêm obscurecel-o completamente.

"Para ficar-se livre de todas essas influencias é preciso nunca abandonar os factos sem se inquietar com as consequencias a tirar dellas."

Como qualquer obra humana, o Regulamento geral tem defeitos. O unico meio de contribuir para seu aperfeicoamento consistirá no melhor empenho de proseguir na sua applicação leal e desinteressada.

AVIAÇÃO EM LIGAÇÃO COM A INFANTARIA

(Tradução resumida de artigos do CMT. ESCUDIER, publicados em La Revue d'Infanterie)

Pelo Cap. A. J. BELLAGAMBA.

Desde o começo da grande guerra, a necessidade da OBSERVAÇÃO AEREA se imbuu o desenvolvimento da aviação tornando-se mais exigiu grandes esforços industriais e as á providencia dos que o souberam avançada em época em que, mesmo os optimismos suspeitariam tal evolução, a aviação quissimo soffreu durante a crise do seu cimento.

A aviação militar franceza, que por occa- do armistício, apóz luta ardorosa, obtive- real ascendencia sobre a adversaria, termi- a guerra, naturalmente, viu os seus meios zidos em proporções enormes e teve de os- tar ás necessidades da paz, visando parti- rmente a instrução do pessoal e a manu- ão do material, redução em grande parte pensada pelo surto da aviação commercial. A orientação da aviação soffreu então na- l evolução. Enquanto durante a guerra, o nvolvimento rapido dos meios primava so- quaesquer outras considerações de pro- so ou de melhorias technicas, apóz a luta, ctor tempo passou a segundo plano e a a- ão orientou sua actividade para os aperfei- namentos technicos e abandonando-se as solu- empyricas, então em uso, obtiveram-se re- idos notáveis.

A característica de apóz guerra é, portan- to, aperfeiçoamento technico do material uzado, no ponto de vista militar, pelo acresc- o da velocidade e do raio de acção, pelo aug- to de peso a transportar e pela maior pre- o do tiro (tiro aereo e bombardeio). Tal- mento de possibilidades induziu a encargar o rego da aviação em quadro alheio ao dos- eitos e realizando por sua conta, um com- independente e poderoso, capaz tambem de- ir consideravelmente sobre a decisão final. elhante these defendida pelos partidarios 'arma do ar', somente poderá ser realiza- como complemento das necessidades dos- eitos cuja segurança strategica e tactica

cumpra garantir por qualquer preço. Não se deverá, com effeito, esquecer que o fim prin- cipal da aviação consiste em prestar o concurso da observação aerea ao commando e ás tropas, segundo a dupla preocupação:

— de desvendar a manobra do inimigo e forne- cer ao commando os elementos de sua decisão; — de assegurar, durante o combate, a ligação com as outras armas que, na maior parte do tempo, estão cegas e têm meios de observação de alcance restricto.

Ora, todas as armas trabalham em provei- to da arma principal que é a infantaria e assim se é levado a estudar particularmente a liga- ção com esta arma, a unica que conquista o terreno e obtem a decisão.

No ponto de vista da aviação, a ligação com a infantaria é, portanto, o fim normal de todas as outras missões, que nada mais são do que o seu preludio e preparação.

O presente estudo, por conseguinte, abran- gerá a utilização dos meios da aviação em be- neficio da infantaria e o concurso reciproco d'estas armas. Será para isso dividido em tres partes: na primeira, estudar-se-ão as possibi- lidades da aviação sob o duplo aspecto da in- vestigação e da intervenção na batalha; na se- gunda, examinar-se-á, em detalhe, o papel do avião de acompanhamento da infantaria, real- çando o auxilio que lhe incumbe prestar e as dificuldades a superar; enfim, na terceira, resumir-se-ão algumas regras praticas para a defesa da infantaria contra a aviação inimiga, quer para escapar á sua investigação como para reagir pelo fogo contra os aviões que võem baixo.

I — POSSIBILIDADES E SERVIDÕES DA AVIAÇÃO EM LIGAÇÃO COM A INFANTARIA

Uma das maiores difficuldades em campa- nha, consiste em *poder observar*. O chefe neces- sita desvendar e precisar o dispositivo inimigo, o infante deseja ver seu adversario para manob- ral-o e o artilheiro deve tambem ver seus ob- jectivos para os destruir e neutralisar. Desde epochas remotas, tem-se buscado libertar as ar- mas terrestres das servidões dos observatorios insufficientes, tendo os balões esphericos es- boçado apenas a solução indispensavel. Tam- bem, desde o principio da guerra, em ambos os partidos, surgiu a ideia de utilizar-se a obser- vação aerea em proveito do commando e das tropas e tendo os resultados obtidos convenci- do os mais incredulos, activou-se o desenvolvi- mento do novo meio de investigação.

O fim principal e a razão de ser da aviação é, portanto, a *observação aerea*.

A faculdade de sobrevôar seus objectivos, apreciando-os verticalmente, dá como caracte-

NOTA do Traductor: — A infantaria brasileira tem capacitado do valor real da aviação como meio de ataque; todos os regulamentos, de ha muito, o acordos em prevenil-a contra a investigação a, ensinando-lhe os processos convencionaes.

Tal prevenção, porém, contra a aviação inimiga, levada ao maximo, embora justa, não deve tor- a infantaria um tanto desconfiada do auxilio poderá e deverá receber da aviação amiga, en- da como optimo elemento de acompanhamento ção, a ponto de não executar de modo conve- te os *balisamentos indispensaveis e ordenados*, e lhes dá resultado diminuto, quando não nullo. infantaria temendo de se mostrar aos aviões ini- gos, acaba por se occultar completamente aos- os.

Fundo a questão nos justos termos, os artigos Cmt. ESCUDIER, em espienação rapida, clara e simples, a elucidam cabalmente.

Eis a razão determinante da sua traducção e publicação na "A Defesa Nacional", que ora se im-

ristica á observação pelo avião, a libertação das deformações devidas á perspectiva, permitindo observar em verdadeira grandeza e divisar perfeitamente o terreno no qual as sombras mal realçam o relevo cuja apparencia diminue a medida que se sobe.

Poder-se-á affirmar, porém, sem erro, que nada escapará ao avião na zona sobrevoada? Poderá elle, quaesquer que sejam as circumstancias, esquadriñar o terreno e distinguir certamente o inimigo e suas organizações?

Evidentemente não, porquanto, o avião, não obstante suas grandes possibilidades, verá somente algumas cousas; não constitue ainda a panacéa infallivel e as restricções que limitam o campo vasto de suas acções possíveis levam a estudar as condições do seu melhor rendimento.

A boa observação é função de varios dimento.

— *Factores technicos*, função do material e do campo de visada dosapparelhos;

— *Factores tacticos*, que influem sobre a liberdade deixada ao avião de proseguir suas investigações com maior ou menor tranquillidade de espirito e lhes impõem constantemente determinada altura;

— *Factores meteorologicos*, que dependem do estudo atmosferico, da iluminação e da hora em que se opera;

— Emfim, a *natureza do terreno*, que segundo se apresente plano e descoberto, ou montanhoso e coberto, facilitará mais ou menos o disfarce dos objectivos.

O estudo pormenorizado d'estes factores, exigiria longo desenvolvimento. Limitar-se-á, por isso, a rapidas considerações sobre o *material*, a *iluminação*, a *altitude* e a *natureza do terreno* e como, nestas condições, os elementos de infantaria apparecem ao avião que os sobrevôa.

MATERIAL. — Em geral os aviões em uso não se prestam bem á observação aerea. O avião é construido como machina de vôo em detrimento das facilidades de observação, apresentando, por consequencia, grandes angulos mortos sob a fuselagem; o "capot" (1) e a "cellule" (2) lhe interdiciam a exacta observação vertical. Assim, a observação é feita tres quartos para a frente na "cellule" (direita e esquerda) e tres quartos a ré, de ambos os lados da fuselagem, pormenores estes cujo conhecimento pôde interessar ás tropas. Convém que fiquem sabendo não ser no momento preciso em que o avião parece vôar sobre ellas que se acha nas melhores condições para ver e que, ao contrario, o avião *melhormente as observará no instante em que parece se afastar*. Vê-se que na vertical de um ponto, o observador está mal collocado para observar, mas como lhe é facil situar qualquer ponto por meio de alinhamentos de referencias conhecidas e identificadas, a observação poderá se fazer em boas condições,

(1) Chama-se "capot" a estrutura metálica que cobre o motor. — N. do T.

(2) Por "cellule", entender-se-á o conjunto metálico que contém o motor, o alojamento do piloto e da tripulação e a cauda do avião. — N. do T.

mesmo quando o avião esteja um pouco afastado.

ILLUMINAÇÃO. — A posição do sol, função da hora, tem capital importancia para a observação, sob o duplo aspecto:

1º) da *iluminação do terreno* e das *sombras pronunciadas*;

2º) de sua *altura no céu*.

E' evidente que os objectivos serão tanto mais viziveis quanto mais illuminados forem e que, para a photographia por exemplo, escolher-se-á a hora em que o sol estiver mais elevado no horizonte. Quando o sol está baixo, as sombras alongadas accentuam o relevo, mas podem atrapalhar a observação. Ao amanhecer e ao entardecer, difficilmente se discernirão os objectivos sobre o terreno pardacento, desaparecendo completamente com a chegada da noite. De outro lado, o avião, nas suas evoluções, preoccupar-se-á com a posição do sol, procurando se manter constantemente entre elle e o objectivo a vigiar. Com effeito, na maioria dos casos e mesmo quando fizer bom tempo, existe na atmosphera bruma muito diluida e tanto mais incommoda, quanto fôr atravessada em maior espessura pelo raio visual.

Faça o sol, produz-se uma diffusão que além de tornar impossivel a observação, atrapalha consideravelmente a condução do apparelho, limitando o raio de vizibilidade; ao contrario, com o sol nas costas, ou o 30º, observar-se-á em excellentes condições. Estes dados elementares farão comprehender porque razão, nas condições estipuladas, o avião executa certas manobras aparentemente anormaes e quanto este factor importante influe na observação aerea.

ALTITUDE. — A grandeza apparente dos objectivos é evidentemente função da distancia da qual se os considera; a partir de determinada altura desaparecem. Até esse limite extremo, o avião disporá de varias altitudes nas quaes trabalhará em função de precisão pedida e da situação tactica.

Em presença de uma missão, cumpre considerar preliminarmente o *fim a atingir*. Urge antes de mais nada, *ver e poder observar os pontos indicados na ordem de missão*.

Tratando-se, por exemplo, de reconhecimento de exercito: o problema referir-se-á a impressões de conjuncto, a generalidades, a objectivos importantes mas situados muito á rectaguarda e por isso mesmo mais viziveis pelo descuido natural das tropas não empenhadas; poder-se-á então *vôar alto* e observar á vista até 4.000 metros. No escalão corpo do exercito (divisão, para nós) o problema differe: ao envez de generalidades, trata-se de buscar precisões e detalhes, justamente quando os objectivos muito numerosos melhormente se escondem por estarem já sujeitos ao fogo do inimigo. E' preciso então *vôar baixo* e raramente além de 1.500 metros para reconhecimento á vista.

Assentado este primeiro ponto, considerar-se-á a situação tactica, a distancia a que é preciso penetrar no interior inimigo, a importancia relativa das aviações de caça em presença, para effectuar a missão nas melhores condições compatíveis com o fim a alcançar.

Ver-se-á adiante, para o caso particular da photographia, que considerações determinarão a escolha da altitude do vôo.

NATUREZA DO TERRENO — Reunidas melhores condições de observação, a natureza do terreno tem grande importancia sobre o rendimento da observação aerea.

Terreno chato e descoberto a facilita, ao passo que montanhoso e coberto a torna muito difficil e ás vezes impossivel. Entre estes limites extremos, na maioria dos casos, a observação é feita sobre terrenos medios, apresentando aspectos variados.

Eis em resumo, a gradação das difficuldades de observação, inherentes á natureza do terreno:

A vegetação espessa e alta interdita completamente a observação aerea, inclusive a photographia, permittindo quando muito, ao reconhecimento á vista, o desvendar as orlas e a fumaça dos bivaques installados no interior.

No terreno montanhoso as sombras pronunciadas e densas atrapalham a observação. A aviação, então, investiga os valles e fundos, reservando-se para a aerostação que goza da vantagem de ser continua, o esquadrinhar as cristas.

A tonalidade do fundo do terreno influencia igualmente sobre o rendimento da observação, segundo se contraponha ou se confunda com o uniforme das tropas.

Os limites das culturas, pelo contraste de cores que apresentam, tornam-se indistinctos e difficultam a observação.

Os terrenos pantanosos offerecem difficuldades á observação dos tiros da artilharia por não provocarem o arrebitamento dos projectis.

Emfim, a ausencia ou o excesso de pontos de referencia, indispensaveis ao observador, complica a observação aerea.

Viu-se que o rendimento da observação aerea depende de innumeradas condições favoraveis, cuja reunião se torna rara na mesma occasião. E' impossivel, portanto, determinar-se de ante-mão um rendimento optimo, que será função da situação particular e das condições conseguidas no momento.

Para fixar ideias, tomar-se-á como exemplo o caso correspondente ás tropas de infantaria. Como apparecem ellas ao observador aereo?

1º) De dia e a 1.500 metros de altura?

2º) De noite e a 800 metros de altura?

Os elementos engajados da infantaria distinguem-se o mais possivel e apresentam-se progredindo muito diluidos.

De dia, com bom tempo, o terreno se desdobra nitidamente nos seus pormenores para o avião que o sobrevôe a 1.500 metros; é bello panorama, no qual as estradas marcam linhas claras e geometricas balisadas por povoações mais escuras e os campos cultivados e os prados em seu colorido realçado pelas manchas escuras das mattas.

Nas regiões medias achar-se-ão communmente pontos de referencia e o observador poderá designar os objectivos vistos com aproximação de 100 ou 50 metros.

Ora, a principal condição de vizibilidade das tropas é o *factor movimento*. Sobre as estradas não arborizadas, as tropas que nellas se deslocam com formações regulares denunciar-se-ão nitidamente; impõe-se então que não occupem o meio da rua e se colloquem por dois de ambos os lados. Em qualquer caso, porém, as tropas passarão despercebidas si pararem e não moverem mais a cabeça.

Atravez dos campos, as tropas escapam mais á vista do observador porque não apresentam formas geometricas e o conjunto do terreno fórma um caleidoscopio sobre o qual os elementos immoveis não serão vistos pelo avião a 1.500 metros. Para divisal-o seria preciso descer a 500 e ainda a esta altura sómente com grande attenção se os distinguiria. Em geral, os uniformes azues se divisam mais que os de cor kaki. Si, porém, um grupo de combate se deslocar em terreno descoberto será certamente visto do avião a 500 metros, desde que o avião conheça a zona approximada do deslocamento. Como se verá na segunda parte, a infantaria detida tem necessidade de meios especiaes para se mostrar ao avião amigo, dos quaes *terá de se servir, para fallar ao seu avião, facilitando-lhe a execução de sua missão*. Os meios mais usuaveis são os paineis individuaes de demarcação, de 0.50 por 0.40, brancos de um lado e de cor neutra do outro para permittir o seu emprego em opposição com o terreno e deverão ainda ser vivificados para chamar a attenção do avião. Cumpre notar que se não forem os paineis bem apresentados, tornar-se-ão invisiveis e a infantaria que teme se mostrar, deverá saber que o observador, embora conhecendo approximadamente a zona onde ella se encontra, tem difficuldades em a distinguir. Com effeito, durante o combate, os paineis se sujam, perdem a forma regular e apparecem muito desmaiados. Assim, pôde-se affirmar que se a infantaria tomar certas precauções no estendel-os, não será vista pelo avião inimigo.

Os signaes luminosos, ás vezes sujeitos a restricções de dia, são função das condições de illuminação. Entre elles convém discernir:

a) os foguetes que geralmente são muito bem vistos e que pela repetição chamam a attenção para o ponto de origem;

b) os "fogos Ruggieri", que são muito visiveis e por isso mesmo arma de dois gumes, seu emprego se limitará ás zonas matosas e difficéis onde os outros meios de signalisação sejam insufficientes;

c) os projectores, de rendimento aleatorio e cuja principal difficuldade consiste em distinguir o avião a que se deve enviar a mensagem.

Emfim, para terminar com as condições de vizibilidade de dia, as metralhadoras só serão referidas quando em acção e em condições favoraveis. Em raio de 600 a 800 metros, percebe-lhes o ruido caracteristico, considerando-se, porém, excepcional que se as descubra pelo clarão dos tiros.

A aviação, porém, prosegue suas buscas durante a noite e si, então, seus reconhecimentos são menos pormenorizados, trazem quasi sempre feliz complemento, orientação ou confirmação dos detalhes obtidos de dia.

Os reconhecimentos de noite offerecem ainda resultados maiores ou menores, conforme seja muito escura a noite, haja luar, ou tempo brumoso e são realmente fructuosos para a observação nas noites claras. O avião pode ver sem ser descoberto e aproveitando-se d'esta immundade relativa, penetrará muito nas linhas inimigas e a pequena altura.

De noite, a massa escura dos matos e dos valles e os rios, constituem as principaes referencias, auxiliadas pelas luzes que illuminam as povoações e estações das vias ferreas.

Em noite de lua, as estradas apparecem como manchas brancas quando o tempo está secco e, a 800 metros, se distinguem nitidamente as columnas e os comboios. Geralmente o avião sobrevôa certos pontos de passagem obrigatória (circumvisinhanças das estações, pontes), onde as tropas certamente passarão, devendo-se ali observar rigorosa disciplina de luzes.

Si a situação permittir, a tropa surpreendida de noite pela aviação, deverá abandonar a estrada e se immobilisar.

Os comboios, especialmente os hypomoveis, difficilmente escaparão á observação aerea.

As tropas que se deslocarem pelo campo ao longo das estradas, estarão livres do avião inimigo, si não accenderem luzes.

Em noite sem lua, quando a attenção do avião fôr despertada sobre um ponto qualquer, empregará as bombas illuminativas "Michelin", que munidas de paraquedas e lançadas de 800 a 1.000 metros, planam durante 6 a 8 minutos, projectando vivo clarão sobre zona de um km. de raio. Esta zona soffre observação detalhada; o comboio surpreendido não escapará á observação e a tropa abandonará immediatamente a estrada e quedará imóvel.

PHOTOGRAPHIA — A photographia aerea proporciona documentos preciosos cujo estudo pormenorizado é sempre fructifero e permite precisar o lugar, a natureza e a importancia dos objectivos.

Sob o ponto vista tactico, usam-se tres generos de photographias aereas:

Avérical, que permite situar com precisão os objectivos e completar os planos directores;

A obliqua, tomada a 40° grãos sobre as vertentes, que dá as entradas dos abrigos e as casamatas que escapam á photographia vertical;

A panorâmica, tomada a pequena altura, que dará á infantaria a physionomia quasi exacta do terreno sobre que deverá progredir.

No escalão corpo de exercito (divisão, para nós), a aviação de observação cobrirá geralmente superficies que englobarão as organizações inimigas e a zona das baterias.

O problema será sempre proposto á aviação, da seguinte fôrma:

Photographar tal ponto, ou tal zona na escala de... (em geral, 1/5.000 ou 1/10.000).

A aviação cabe a escolha dos meios para attingir o fim ordenado e para isso levará em conta:

— o fôco do *apparelho*, segundo o detalhe que se pretende obter sobre o objectivo;

— a altura do vôo, em função da situação tactica.

Existem tabellas que dão para cada *apparelho photographico*, as superficies cobertas a diferentes alturas e a preparação da missão consistirá em determinar dois elementos principaes:

1º) o intervalo entre duas chapas da mesma faixa do terreno a photographar, intervalo traduzido em segundos, de modo a permittir que as chapas se cubram pelo terço, approximadamente;

2º) o intervalo entre duas chapas paralelas, que devem se cobrir pela metade.

Tiradas as photographias, importa explorá-las o mais depressa possível. Para isto proceder-se-á á revelação, tiragem de copia, e á identificação, o que constitue o trabalho mecanico da secção photo, que funciona nestas occasiões como pequena officina. Em seguida as provas são interpretadas e estudadas nos pormenores para o reconhecimento dos trabalhos novos ou dos objectivos interessantes para o commando e a tropa.

Os *apparelhos automaticos* assegurarão, muito em breve, grande rendimento para as missões photographicas. Dadas as condições actuaes, uma missão dará no maximo 60 chapas que serão tratadas rapidamente como se disse e um *primeiro resultado* apparecerá cerca de tres horas apôz o regresso da missão, com 10 provas por chapa e será enviado communmente por mensagem lastrada aos destinatarios, acompanhado de um croquis de reconhecimento.

No prazo de cinco horas, o segundo resultado apparecerá com 36 provas por chapa.

Emfim, em vinte e quatro horas a terceira tiragem será expedida com 20 ou 40 provas por chapa, conforme a importancia das informações recebidas.

Que informações se poderá esperar da photographia aerea em guerra de movimento, no escalão corpo de exercito?

A aviação de corpo de exercito (divisão, para nós), operando numa profundidade de 15 a 20 km., photographará:

— os esboços de organizações, cu de linhas de recuo;

— os depositos de material ou de munições (pontos de baldeação, etc...);

— os bivaques ou as tropas em movimento;

— as estações de estradas de ferro;

— as baterias inimigas;

— os terrenos avançados da aviação inimiga;

— o caracter fugitivo dos objectivos, a mobilidade das frentes e a necessidade de explorar rapidamente a informação, limitarão, ás vezes, na guerra de movimento, a primeira e a segunda tiragem das provas photographicas.

AVIAÇÃO DE COMBATE — A theoria allemã attribue grande importancia á intervenção da aviação no combate e "seus regimentos de batalha", actuando com bombas ou com metralhadoras, estão destinados para esta missão que é geral.

Na França, ao contrario, a intervenção na batalha é considerada excepcional e reservada para casos particulares de crise, quando sua efficacia possa se tornar interessante.

Esta doutrina se baseia nas considerações seguintes:

1° — Cada especialidade tem papel definido que constitui seu fim principal e sua razão de ser;

2° — admittida a fraqueza relativa dos meios, mórmente no começo do conflicto, importa antes de tudo, o cumprimento da missão principal;

3° — certos casos excepcionaes podem justificar a intervenção sobre o solo: quando uma brecha se produzir na linha, a aviação poderá preencher a falta momentanea de tropas em determinado ponto; em caso de crise, quando *trupas descobertas* apresentam objectivos excepcionaes; sobre inimigo desmoralizado e em recuo.

A esse respeito, far-se-á completa distincção entre aviação de observação e aviação de combate (caça, bombardeio typo medio).

A *aviação de observação*, de acompanhamento da infantaria, pode ser chamada a intervir pelo fogo sobre um objectivo *descoberto*, que constitua perigo immediato para as tropas, ou sobre uma peça anti-carro, que não se possa contrabater e que ameaçaria atrapalhar o ataque. Tal emprego é então justificado pela urgencia da intervenção e ainda porque a aviação de observação conhece em pormenores, exactamente, a situação.

A *aviação de combate*, pode ser chamada a intervir em massa sobre ponto da frente onde se verificou brecha momentanea, como fez a divisão aerea em 1918, em Villers-Cotterêts.

Certas unidades podem ser collocadas provisoriamente á disposição do corpo de exercito, para intervir com bombas e metralhadoras na batalha; nesse caso serão empregadas sobre objectivos descobertos, a alguns km. das linhas afim de evitar equívocos, particularmente quando houver numerosas fluctuações.

a) — a *aviação de caça* intervem então com o fogo das metralhadoras a fraca altura, entre 200 e 300 metros, tomando os objectivos de enfiada para aproveitar a dispersão, e consegue de facto sobre as tropas descobertas, grande effeito moral, accrescida de real effeito material. A caça obtém melhor rendimento sobre combois hypomoveis, nos quaes lança tremenda confusão.

b) — A *aviação de bombardeio* (typo medio), operando em fraca altura, intervem sobre o pessoal descoberto, ou ataca certos trabalhos particulares do inimigo, como succedeu na passagem do Marne pelos allemães, na região de Dormans.

A unidade de tiro é constituída pela esquadriha, seja de 10 aviões escalonados em direcção e em altura de cerca de 30 metros, na formação classica de voo de marrecos. A direcção é assegurada pelo commandante da esquadriha, collocado no vertice do angulo.

O problema de bombardeio consiste em passar pela vertical do objectivo e em determinar em que ponto do espaço um avião, animado de certa velocidade tomada relativamente ao terreno, deve largar a bomba para attingir o objectivo.

O primeiro elemento do tiro está assegurado pela conjugação intima do piloto e do observador, é a *visada em direcção*.

O segundo elemento é dado pelo visor S. T. A. (secção technica), determinando a velocidade relativa do avião e o ponto em que se deve largar a bomba, isto é, a *visada em alcance*. Esta é realisada por dois methodos:

1° — *visada directa*: as sondagens permitem determinar approximadamente os *elementos de tiro e regular o visor*. Larga-se a bomba quando o objectivo estiver no prolongamento da linha de mira.

2° — *visada de tempo*: o visor determinando no solo dois segmentos eguaes, pode-se, com auxilio do chronographo, achar de modo exacto a *velocidade relativa do avião no proprio instante do bombardeio*.

Este methodo muito preciso, dá desvio medio de cerca de 60 metros. Ora, duas correções limitam esta dispersão:

1° — em *direcção* a formação da unidade de tiro cobre certa zona;

2° — em *alcance*, as bombas são lançadas em *trenagem*, dando um afastamento de cerca de 120 metros entre a primeira e a ultima bomba.

Os aviões Br. 19 B2 carregam bombas de variados pesos, perfazendo um total de cerca de 300 a 400 kg.

* * *

Taes são em resumo, em suas grandes linhas, as possibilidades da aviação para trabalhar em ligação intima com a infantaria, colaborando no combate e na batalha, pela investigação e pelos meios de fogo.

Na segunda parte do presente estudo, examinar-se-á pormenorissadamente o papel capital do avião *esclarecedor e agente de ligação* com a infantaria.

(Continúa).

MOVIMENTO NO GRUPO MANTENEDOR

Passou a fazer parte do Grupo Mantenedor o Major Heltor Bustamante.

Em Assembléa realisada a 12 do corrente foi eleito Director da revista o Major Heltor Bustamante.

"O valor de uma tropa varia na razão directa da satisfação de suas necessidades materiais". (Colonel Leband).

"Commandar e administrar é prever".

VAE MUDAR A CÔR DA CAPA

A Escola de Infantaria de CAMP BENNING, nos E. U. da America

A "Acta da Defesa Nacional", votada pelo Congresso Americano em 1920, dá, em linhas geraes, a organização militar do Paiz. Nella se especifica que o Exército Americano será constituido do "exercito regular", da "guarda nacional" e das "reservas organizadas".

Cabe á Infantaria, nesta organização, a maior percentagem, vendo-se, por ahí, sua indiscutível importancia.

Considera-se de capital importancia o treinamento a qua deve estar sujeita, pois enquanto são tidos as demais armas e serviços como elementos de auxilio indispensaveis á Infantaria, é a esta que se dá a missão mais importante.

De accôrdo com as estatísticas publicadas, 57 % das forças combatentes enviadas á França, durante a Guerra Mundial, eram de Infantaria, e, posteriormente, era cuidadosamente previsto que um mínimo de 68 homens, em cada 100 mobilizados, deviam estar em condições de prestar seus serviços nesta arma.

A importancia da Escola de Infantaria, por esse motivo, é perfeitamente comparavel á da propria Infantaria no campo de batalha. De facto tal instituição é indispensavel para a educação militar e constitúe uma valiosa garantia para a defesa nacional.

Foi em fins de 1918 que o Estado Maior approvou o estabelecimento da Escola de Applicação de Infantaria, escolhendo para isso grande extensão de terras nas cercanias de COLUMBUS, GEORGIA, conhecida hoje por CAMP BENNING, ao mesmo tempo que transferiu para lá, fundindo-as em uma só, as Escolas de Infantaria de FORT SILL e de Tiro, de CAMP PERRY. Só em 1920 o Departamento da Guerra lhe concedeu grande importancia, incrementando seu desenvolvimento, até transformal-a em verdadeiro centro de applicação para os officiaes de Infantaria.

Os 97.000 acres de terras, de que dispõe a Escola (432 km²), proporcionam um campo ideal para a instrução de seus alumnos. A diversidade de terrenos com que conta permite effectuar todo o genero de exercicios de direcção da tropa, em todas as variadas circumstancias que se podem apresentar na guerra moderna. Conta com valiosas facilidades para o tiro, para os exercicios de campanha com os armamentos da Infantaria e da Artilharia leve, com terreno livre para seus fogos, de tal modo que o ensino do seu emprego, quer isolada, quer em combinação com as outras armas, se faça com toda a liberdade. O clima favoravel da região permite dar á instrução ao ar livre durante todo o tempo em que dura o anno escolar, estando o campo admiravelmente preparado para que o ensino dos principios tacticos e sua correcta doutrina possam applicar-se sobre varios terrenos e em quaesquer circumstancias.

CAMP BENNING é considerada uma para-da permanente de tropas, comprehendendo actualmente cerca de 5.000 homens, distribuidos pelos 24^o e 29^o R. I., o 15^o Btl. de Carros de Combate, o 83^o R. A. M., a Companhia A. do 7^o R. E., a Companhia F. do 1^o R. de Gaz e um destacamento especial da propria Escola. Todo este conjunto conta com o necessario pessoal de saúde e intendência.

Com excepção do 24^o R. I. e dos serviços, todas as demais unidades são exclusivamente destinadas ás demonstrações praticas, em as quaes se ensina não sómente a tactica da Infantaria, mas tambem a das outras armas, em applicações combinadas.

O Corpo Aereo, estacionado em MEXWELL FIELD, a 100 milhas de distancias, proporciona os serviços aereos para as demonstrações.

O fim principal de todos os cursos de instrução da Escola de Infantaria é preparar os graduados da maneira a mais efficiente para os serviços que devem prestar á nação, tanto na paz como na guerra. O professorado põe muí especial cuidado em que os graduados adquiram a mais ampla capacidade para o commando.

A Escola se esforça seriamente em estimular seus alumnos nas qualidades essenciaes para a direcção das tropas e em fazer delles instructores aptos para as diferentes phases da instrução de Infantaria. O fim da instrução é conseguir que o desenvolvimento e a applicação dos ensinamentos estejam de accôrdo com os ultimos methodos e doutrinas preconizados nos regulamentos.

Toda instrução reveste sempre um caracter pratico que consiste, em geral, no estudo essencial dos conhecimentos e sua applicação a casos concretos. Actualmente muitas lições são dadas por meios demonstrativos, themas sobre a carta, projecções photographicas e cinematographicas, pois se tem como certo que a memoria retém melhor as impressões recebidas pela vista do que pelo ouvido.

Parece-nos indiscutível a importancia psicologica e pedagogica deste methodo, que deu ao estabelecimento a mais alta reputação entre os demais centros de educação civil e militar.

Um facto muito importante é o de fazer-se a pratica do commando (de pelotão até brigada), sempre com unidades completas, na applicação dos themas de guerra.

A tactica constitúe o principio fundamental da instrução, e, em seu estudo pratico, os alumnos que commandam qualquer unidade têm um vastissimo e diffícil campo de aprendizagem.

Não se poupa esforço algum para que os alumnos tenham um completo conhecimento da tropa, dos armamentos e dos methodos appropriados ao manejo das unidades como elemento de combate.

Depois de cada aula, tem lugar exercícios no campo, baseados nos princípios táticos estudados. Os temas são preparados de tal modo que exijam dos alumnos um esforço mental para se acharem ao par da situação e chegarem a uma decisão razoável e segura.

Deste modo o graduado se familiariza com a apreciação e solução dos mais variados temas de guerra, o que lhe dá em troca uma boa e effectiva escola de commando.

A Escola desenvolve assim o ensino da tactica sob a mais pratica e elevada forma.

Durante o período que precede immediatamente o encerramento dos cursos escolares, todo o pessoal, officiaes e alumnos da academia, bem como todas as forças á disposição, tomam parte nos trabalhos de campanha. Para isso se organisam, dentro dos limites da Escola, dois agrupamentos cujos exercicios se effectuam sem interrupção, dia e noite. Taes exercicios tem por fim completar, coordenar e recordar o ensino dado durante o anno, observando seus resultados na pratica. Porém, especialmente se procura nelles, dar ao official a pratica do commando, obrigando-os a estudar as diversas situações tacticas, a tomar firmes e exactas decisões, a preparar seus planos de combate, dar ordens, coordenar os serviços e tomar determinações adequadas ao funcionamento de suas communicações, aprovisionamentos e a evacuação de seus feridos e impedimentos.

Cada anno, officiaes de todas as graduações, desde 2º Tenentes até os Generaes da Brigada, frequentam cursos de instrucção na Escola.

Os Capitães mais modernos e os 2º e 1º Tenentes (aproximadamente 170) são destinados á companhia dos officiaes. Os 80 Majores e Capitães mais antigos, formam o curso superior. Ambos duram oito meses e meio. Cada anno, 15 Coroneis ou Tenentes Coroneis, vêm á Escola afim de fazerem uma recordação, durante seis semanas, no correr das quaes se applicam os mais recentes methodos de instrucção.

A estes officiaes, commandantes ou provaveis commandantes de regimento, dá-se oportunidade de familiarizarem-se com a instrucção que se dá a seus subordinados, pois muitos delles irão, provavelmente, servir sob suas ordens, no commando das unidades.

Tambem, de vez em quando, tem lugar cursos de instrucção para Generaes, baseados em selecta informação e na observação dos trabalhos que fazem os alumnos.

Desde que se organisou esta Escola, sob as bases que vimos mencionando, já passou por suas aulas quasi toda a officialidade de Infantaria do Exercito.

Outra de suas grandes finalidades é preparar officiaes de Infantaria para a reserva, vindos do elemento civil.

Busca-se, por todos os meios de que se possa lançar mão, conseguir que tal ensino se ajuste ás necessidades da guerra, de accordo com a "Acta de Defesa Nacional", que creou estas forças. Para isso, foram organisados quatro cursos de instrucção, para officiaes da

da guarda nacional e das reservas.

Até o presente, varias centenas de officiaes de todos os grãos passaram pela Escola terminando satisfactoriamente seus estudos.

Tambem alguns cidadãos alistados como soldados da Guarda Nacional, são treinados para o serviço de communicações da Infantaria.

E' um facto bem conhecido a influencia que a Escola de CAMP BENNING tem produzido no Exercito. Seus graduados se encontram em todas as unidades do exercito regular da guarda nacional e das reservas.

O Departamento da Guerra baixou uma disposição de que nenhum official de Infantaria pôde prestar serviços nas unidades de linha, da Guarda e das Reservas, sem que tenha passado pela Escola e se tenha capacitado de todas as responsabilidades que pesam sobre um verdadeiro official.

Finalmente, a Escola tem um curso por correspondencia.

Considera-se este um meio muito importante para preparar os elementos civis que não possam ingressar na Escola. Para regulamentar a melhor organização da Infantaria conserva-se sempre dentro do desenvolvimento moderno da tactica e dos armamentos, a Seção da Experiencias e a Direcção de Infantaria do Departamento da Guerra, funcionam na propria Escola. Estas seções têm, ás suas ordens um escriptorio tecnico, que investiga constantemente a maneira de se obter a maior perfeição da arma.

As invenções em armamento e equipament são experimentadas em todas as condições possíveis da guerra, afim de precisar sua utilidade e ordenar sua adopção.

Poder-se-ia assegurar que uma nova guerra proporcionaria á nossa Infantaria o casão para observar uma grande transformação em seus elementos de combates, comparados com os usados no ultimo conflicto europeu.

A Escola de Infantaria é a maior que possuiam os Estados Unidos e sua existencia considera como um elemento basico para a instituicao militar.

(Traduzido da "Revista del Ejercito y de la Marina", de Novembro de 1928, que o tiro de "The Army and Navy Courier", E. U. A.)

BEXIGA-RINS
ACIDO URICO-RHEUMATIS
ARTHRITISMO
BI-URO
SILVA ARAUJO

Algumas considerações acerca dos officiaes de reserva de cavallaria provenientes do C. P. O. R. da 1ª R. M.

Pelo Ten. SEVILHA

A importancia que, hoje mais que no passado, assume o problema do officialato de reserva, move-nos a fazer algumas cogitações em torno do assumpto.

De algum tempo a esta parte, medidas governamentais, como a criação dos C. P. O. R., indicam visivelmente que sua solução é procurada entre nós.

Certamente nem todos applaudem os processos adoptados; não parece que outros possam ser mais praticamente viáveis e mais capazes de satisfazerem as necessidades numericas prováveis. Não discutiremos o assumpto. Apenas frisamos que o caminho que seguimos não differe em essencia do de outros paizes de incontestavel autoridade na materia e de experiencia maxima. Não obstante, o que fazemos para prover nossas reservas de quadros, é susceptivel de melhoria. A adaptação ás nossas condições particulares, as considerações proprias ao nosso ambiente parecem indicar a introdução de certas medidas tendentes a desenvolver o numero e a melhorar a qualidade. Não é ainda farta a nossa experiencia; mas atacado o problema ha cerca de 5 annos e ha cerca de 3 annos iniciada sua resolução systematica, é já tempo, parece-nos, tempo que não convem perder, de lançar vistas retrospectivas e concluir o que já se pode fazer para melhorar ou progredir.

De todos os quadros de reserva os que mais nos preocupam são naturalmente os da arma de cavallaria, porque entre outras razões, são elles os que se nos aturam mais difficilmente de formar.

Delles occupar-nos-hemos especialmente, balanceando summariamente o que havemos feito e tomando em consideração a experiencia alheia.

E como não pretendemos solucionar o problema e somente para isso contribuir, faremos nossas considerações apenas em torno do que occorreu na 1ª R. M. Allás é ahí que ha experiencia bastante porquanto a solução nas outras regiões foi apenas iniciada não ha um anno ainda.

Entre nós o recrutamento dos officiaes de reserva é alimentado por varias fontes: demissionarios do Exercito; sargentos que ja tenham obtido o CERTIFICADO DE APTIDÃO PARA COMMANDANTE DE PELOTAO quando licenciados do serviço activo; pelos Centros de Preparação de Officiaes de Reserva; etc....

Os oriundos dos C. P. O. R. são, em geral, estudantes das Escolas Superiores que, simultaneamente com seus trabalhos escolares, fazem sua preparação militar dirigidos por officiaes da activa.

Este curso é realizado em tres periodos: um em cada anno; o inicio dos trabalhos coincide approximadamente com o do anno lectivo e os exames relativos a cada periodo, são realísados de modo a se conciliarem as exigencias do curso militar com as do escolar.

Os C. P. O. R., desde sua organização, foram bem recebidos pela nossa mocidade e de anno para anno crescem as matriculas; as vantagens materiaes delle resultantes foram inteiramente comprehendidas.

Os periodos tendo a duração de quatro mezes vemos que ao termino de doze mezes o candidato approved está apto para, como aspirante, fazer o estagio de tres mezes em um corpo.

A instrucção do official de reserva, depois de estagio, é proseguida no Curso de Apertelcoamento.

No anno proximo findo o movimento, só na arma de cavallaria e na 1ª R. M., onde o numero de vagas era de apenas sessenta, foi o seguinte:

A N N O S	I	II	III	Total
Matriculados em Abril	27	27	6	60
Desligados durante o curso	8	13	-	21
Chegaram ao fim do curso	19	14	6	39
Não fizeram exame por falta de frequencia	2	2	-	4
Reprovados	-	4	-	4
Approveds	17	8	6	31

Este quadro nos mostra que entre o numero dos matriculados e o de approveds temos a média de 51.66% de aproveitados.

O C. P. O. R. é directamente subordinado ao commandante da Região, por intermedio do seu chefe de estado maior, no que diz respeito á parte technica, e ao commandante da unidade, em cujo quartel funcionar

ou fôr considerado addido, no que diz respeito à parte administrativa e disciplinar.

✦ ✦ ✦

Na França, conforme publicação na "Revue de Cavalerie", são os officiaes de reserva obtidos de modo mais ou menos semelhante ao nosso e mais pelos alumnos candidatos ao officialato de reserva que provêm da tropa. Estes prestam 18 mezes de serviço; durante seus primeiros seis mezes seguem um curso regional de preparação para o exame que vai decidir da designação dos que irão frequentar a Escola de alumnos officiaes de reserva de Saumur.

Este tem a duração de seis mezes, no fim dos quaes é concedido o galão de segundo tenente. Finalmente, neste posto, estagiam seis mezes em um regimento.

Os alumnos officiaes de reserva da preparação militar superior (C/P/O/R. no nosso caso) são estudantes das faculdades que, ao mesmo tempo com seus estudos civis, seguem — OBRIGATORIA ou facultativamente, conforme as escolas — cursos militares dirigidos por officiaes da activa e instituidos em cada região de corpo de exercito. Estes cursos duram dois annos.

No primeiro anno são ensinadas as materias de instrucção geral e infantaria. Durante o segundo anno faz-se a especialisação para a cavallaria. Em seguida é feito rigoroso exame; os candidatos approvados são mandados para a Escola de Officiaes de reserva de Saumur, onde se vão encontrar com os oriundos da tropa e com os quaes ficam desde então em commun.

O curso de alumnos officiaes de reserva de Saumur, que amalgama "froupiers" e estudantes, funde igualmente em um mesmo cadinho provincianos e parisienses e dá idéntica moldação aos universitarios.

Esta mistura é procurada por isso que ella dá nascimento á indispensavel cohesão dos quadros, quer para a reserva, quer para a activa, pois a camaradagem da Escola atarreta a preciosa camaradagem do campo de batalha.

O programma de conhecimentos militares ministrados a estes alumnos da Preparação militar superior assim como a forma de instrucção dada, prestaram-se, inicialmente, a fluctuações. Era uma grande novidade para as faculdades.

Houve algumas resistencias e começou-se a vacillar a derrocada da instituição; esse novo ramo, incorporado aos quadros de trabalho, impunha aos directores de estabelecimentos exigencias materiaes multiplas: salas para trabalhos theoricos; logares diversos para os officiaes e seus archivos; salas d'armas; etc.

Emfim, o numero de horas absorvidas por este novo ensino, redundava num sensivel prejuizo no das horas consagradas aos estudos civis.

Os prodromos foram pois um pouco incertos; além do mais, os alumnos eram pouco numerosos: as vantagens da P. M. S. eram mal percebidas; os accidentes temidos e, fi-

nalmente, os antigos e disparatados preconceitos a respeito da cavallaria, arma supposta de grandes gastos e aristocratica, amedrontavam as familias.

Havia pouca concorrência e, os exames de fim do anno não sendo temidos, a P. M. S. foi benevola.

Rapidamente a situação mudou; a Preparação militar superior consolidou-se. O exame ficou muito disputado e tão temido quanto os exames finais dos seus estudos civis; ha presentemente cerca de 50% de eliminação.

Para os estudantes, não ha duvida, seus estudos se tornam mais difficeis; sua vida diaria igualmente.

Os estudos militares impõem um trabalho pessoal fóra dos exercicios; por isso elles dizem, com razão, que o acrescimo da P. M. S. os sobrecarrega.

Apesar disto o curso da P. M. S. está muito em voga não só por suas vantagens, materiaes como por questão de amor proprio.

Alliás "fazer a P. M. S." é uma excellente recommendação nas faculdades. A resistencia adquirida nos exercicios physicos, a pontualidade ás chamadas, a correcção das maneiras, a clareza das expressões, são qualidades militares em que os intellectuaes percebem o proveito para situações civis elevadas; os professores dão muita attenção ás apreciações dos instructores militares.

O secretario de uma escola affirmava recentemente que a P. M. S. contribuia muito para o desenvolvimento precoce das personalidades.

O valor dos officiaes de reserva assim formados é constatado nos regimentos, onde nos seus ultimos seis mezes de serviço elles vêm como segundos tenentes, ao sahir de Saumur.

Saumur tem o direito de reivindicar a maior parte destes meritos, pois que a Preparação militar superior DESBASTOU enquanto Saumur poude verdadeiramente ADESTRAR.

Quasi todos os segundos tenentes sahidos da Escola de alumnos officiaes de reserva são bem apreciados nos regimentos em que servem; geralmente são empregados como commandantes de pelotão.

Nas manobras attribuiram-se-lhes as missões que incumbem aos jovens officiaes de cavallaria em exploração ou no combate a pé. Até os proprios commandos de esquadrão, temporariamente, foram-lhes dados.

Effectivamente nem todos os que terminam o curso são dotados de idéntico valor; mas, se ha EXCEPÇÕES, pode-se affirmar que estas não são numerosas.

Como, por exemplo, tal segundo tenente terá iniciativa e deixará de ser desageitado si sob o pretexto de falta de experiencia, se lhe recusar o commando de um pelotão?

Ha necessidade de se aguardar a guerra para o official exercer sua elevada missão de commando?

Ninguém pretende que os alumnos officiaes de reserva, preparados em conjuncto um pouco apressadamente tenham o preparo de profissional. Mas é precisamente no regimento no inicio, nas escolas de aperfeiçoamento, em

seguida, que se os deve amoldar a pouco e pouco a fim de serem capazes.

* * *

Na instrução do C. P. O. R. é-se obrigado a attender, como em toda parte, a dois factores: tempo e terreno.

Mas a localisação do Centro obriga, para sua instrução a procurar terrenos que só se encontram, em média, a cerca de 4 kilometros, isto é, para se os alcançar ha necessidades de quasi meia hora, tempo este novamente preciso para o regresso.

Sendo a instrução de 2 horas, temos que quasi uma hora foi utilisada em ida e volta do terreno proprio para o desenvolver dos trabalhos.

Vê-se pois que ha uma conciliação difficil a fazer entre o tempo disponivel e o tempo necessario á instrução, o que requer uma solução para que seja efficiente a preparação do official de reserva.

Temos, pois, que entre nós, identico facto se passa na França, o official de reserva é preparado de um modo um pouco apressado e assim se resente de falhos. Na França o candidato ao officialato é, por assim dizer, lapidado em Saumur e só depois de lá fazer um curso de seis mezes é declarado segundo tenente.

Podamos tambem, não com o rigor da França, onde o candidato frequenta Saumur como simples alumno da Escola de alumnos officiaes de reserva e sem compensação monetaria sufficiente, adoptar um "modus vivendi" para, sem prejuizo material para o candidato, fazel-o cursar nossa Escola de Cavallaria, de maneira a escolmal-o de certas falhas e ampliar seus conhecimentos, tornando seus serviços mais proficientes para a Nação.

Assim, em lugar de, em concluindo o curso do C. P. O. R., ser o candidato compellido a um estagio de tres mezes, como aspirante em um corpo de tropa, tal como é praticado actualmente, adoptar-se-lhe a medida de se o enviar á E. C. para um curso de 5 mezes onde graças ao maior numero de horas de trabalho e a intensificação deste, teriamos o aspirante em melhores condições para o exercicio de suas missões de campanha e de combate.

Neste curso os prejuizos individuaes para a vida academica dos aspirantes seriam reduzidos ao minimo, deixando-se-lhes toda a tarde livre.

— os funcionarios publicos seriam, mediante entendimento entre os outros ministerios e o da Guerra, postos á disposição deste ultimo;

— os que exercem profissões não publicas teriam na percepção dos vencimentos de aspirante como equilibrar o prejuizo monetario resultante do seu afastamento de sua actividade normal.

O inicio deste curso da E. C., questão a regular, poderia coincidir com os das Escolas Superiores, ou precedel-os, quer dizer, dar-se no começo de Março.

Approvado na E. C. ficaria o aspirante apto a fazer o estagio de tres mezes em um corpo, estagio que se seguiria ao curso da E.

C. e seria obrigatorio, não mais ficando a vontade o escolher a época.

Quer isto dizer que a sua inclusão no corpo se daria proxmamente em fins de Agosto e lhes asseguraria cooparticiparem das manobras.

Mas é mister que se modifique o artigo 37 do regulamento para o Corpo de Officiaes de Reserva na parte que diz "Cumpre ter sempre bem presente que esses officiaes são officiaes de tempo de guerra. Assim é formalmente prohibido fazel-os instructores".

Nós vimos que na França elles desempenham funções de instructores e até mesmo, temporariamente, alguns commandaram esquadrao.

Para ter desembaraço no commando é preciso que o homem já o tinha exercido; só esta pratica é que lhe desenvolverá portanto o tão precioso espirito de iniciativa.

Neste estagio, o official de reserva orientado e dirigido pelos da activa, applicaria o que aprendera; trabalharia; consolidaria seus conhecimentos pelo exercicio de pratica; desembaraçar-se-lhe e ficaria um elemento em condições de exercer suas funções com proveito.

A época do estagio coincidindo com a das manobras da Região, constituiria um optimo ensinamento, pois facultar-lhe-lhe a travar conhecimento com a vida em campanha, num ambiente mais vasto.

E, assim teriamos um bom official aprimorando sua instrução em varios periodos successivos e progressivos, mais tarde aquella seria continuado no Centro de Aperfeiçoamento.

Parece seria vantajoso dar autonomia real ao C. P. O. R. da 1ª R. M., desligando-o do 1º G. A. P., a que está addido, pois, evidentemente lucrariam com isto tanto aquella unidade como o C. P. O. R. e portanto o serviço da Nação.

Por maior que seja a boa vontade, um elemento administrado por um chefe e manejado por outro difficilmente deixará de soffrer consequências sempre fataes quando ha dualidade de commando. Além disso, as instituições como os C. P. O. R. para que produzam o que dellas se espera requerem um funcionamento perfeito e condições de vida bem diferentes da que é commun nos corpos de tropa, e que é, impossivel de obter, dada a tendencia natural dos homens incumbidos dos diversos serviços, em menosprezar o que não lhes pertence, com o regimen actualmente adoptado.

Mas para isso realizar-se de modo satisfactorio seria preciso que ao C. P. O. R. se fornecessem todos os recursos que requer para viver sua vida especial.

Concluindo, recordemos que é a cavallaria a arma em que o preparo dos quadros é mais difficil e aquella em que a qualidade dos quadros mais influe no resultado das missões em campanha, desempenhadas em regra em theatros mais vastos, com recursos mais escasos e em condições sempre mais precarias que a das outras armas. E com isso se justifica o estudo que fizemos do trabalho a desencadear para tornar aptos ás suas missões o official de reserva de cavallaria.

Subsídios para os Officiaes de Reserva

TACTICA DE INFANTARIA

A APPROXIMAÇÃO

Definição: — Movimento de uma tropa, depois de ter abandonado a formação de estrada, em zona que pôde ser batida por fogos de A., de Av. e de Mrg. agindo a grande distancia, mas sem que seja necessario fazer uso do proprio fogo.

Fim que se deve ter em vista: — Deslocar a unidade o mais rapidamente possivel numa direcção dada, com o minimo de perdas e de modo a poder empregar a ulteriormente contra o inimigo nas melhores condições possiveis.
Para isso:
1º) evitar as vistas dos observatorios terrestres e aereos do inimigo;
2º) diffcultar a acção do seu fogo.

Meios a empregar para conseguir o objectivo acima: —
1º — Aproveitamento judicioso do terreno para tornar-se invisivel;
2º — Formações diluidas para se amoldar ao terreno e facilitar o movimento.

Ideia dominante: — A direcção.

Como se realiza a direcção: —
1º) Pelo eixo de marcha da unidade, balizado por pontos bem definidos do terreno;
2º) Pelo angulo de marcha da unidade, definido pela bússola e que indica tambem o eixo de marcha;
3º) Pela indicação de linhas successivas do terreno a atingir pela unidade;
4º) Pela designação de uma unidade de direcção ou de base, pela qual as outras se guiam.

Como se aproveitar o terreno? —
1º. Marchando pelas partes não vistas dos observatorios provaveis do inimigo;
2º. Marchando, de preferencia, pelas partes baixas ou cobertas e evitando as partes altas ou limpas;
3º. Evitando apparecer nos pontos ou linhas do terreno sobre os quaes o inimigo pôde ter sua attenção fixada (estradas, orlas de localida-

des, e bosques, cristas, etc);
4º) transpondo, o mais depressa possivel, as partes do terreno vistas dos observatorios inimigos, e as partes limpas quando for obrigado a por ellas a passar.

O que limita o aproveitamento do terreno?

1º) A faixa do terreno por onde a unidade deve marchar — zona de marcha, de que se se afasta para desvios pequenos;
2º) A collocação que a unidade occupa na formação ou dispositivo da marcha;
3º) A necessidade de ligação tactica, de fogo e de commando, que impede a unidade de se afastar demasiadamente para os lados com o fim de procurar itinerario melhor e mais desenfado.

A que condições devem satisfazer as formações ou dispositivos de aproximação?

1º) Facilitar o movimento;
2º) Amoldar-se ao terreno de modo a tornar a tropa invisivel;
3º) Ser sufficientemente disperso para não offerecer alvo aos tiros inimigos e diminuir os effectos desses tiros;
4º) Ser sufficientemente unida para facilitar o commando e a cohesão;
5º) Ser articulada em largura e em profundidade para facilitar o emprego eventual do fogo.

Qual o aspecto das formações ou dispositivos de aproximação?

O de varias columnas paralelas e successivas, separadas por intervallos e distancias irregulares. Quando a acção do inimigo é muito intensa, estas columnas são pequenas (de G. C.) separadas por intervallos e distancias minimas de 50 ms. e 100 ms. respectivamente.

Como variam as formações ou dispositivos de aproximação?

No começo, enquanto se está longe do inimigo e a acção do seu fogo é pouco intensa, a articulação é em grandes columnas, aproveitando os itinerarios mais favoraveis. A medida que se approximam do inimigo as columnas vão se tornando mais numerosas e menores de modo a melhor

se adaptarem ao terreno. Além disso, o terreno impõe modificações no dispositivo. Assim, por exemplo, de um dispositivo de columnas paralelas pode-se passar para outro de columnas successivas devido a vantagem de fazer passar todas ellas pelo terreno mais desafiado. Cada porção do terreno impõe um certo dispositivo.

Como variam ainda os dispositivos de aproximação?

Com a situação da unidade: Quando a unidade faz a aproximação antes da tomada do contacto da Infantaria pela Infantaria, pôde receber a missão de marchar em 1º escalão para cobrir a progressão do grosso da tropa, nesse caso seu dispositivo é função dessa missão. Elle deve, permitir o esclarecimento do terreno e a passagem ao ataque (acção pelo fogo) caso se encontre o inimigo mais cedo do que se esperava. No caso da aproximação ser feita atrás de tropas já em contacto ou atrás de tropas que procuram esse contacto ou cobrem o dispositivo, predomina a unica preocupação de aproveitar o terreno ao maximo.

Raciocínio a fazer para determinar o dispositivo. Unidades de Vg.: —

Se a unidade tem a missão de esclarecer e vasculhar terreno (papel das Vgs.) é necessario que seus elementos percorram todas as partes da zona de marcha. Cada unidade tem possibilidades limitadas para vasculhar o terreno. Admitte-se, por exemplo, que o Btl. pde cobrir uma frente de 1.500 ms. e a Cia. uma de 800 ms. (R. E. C. I. 301 e 325) em terreno que não seja muito difficil.

Como desar o 1º escalão na aproximação?

Portanto, dada uma determinada frente, convem primeiro estabelecer quantos elementos são necessarios em 1º escalão para esclarecer o terreno em toda frente. No caso do Btl. elle poderá ter: 1 só Cia. em 1º escalão frente estreita e pouco coberta; 2 Cias. em 1º escalão frente estreita ou muito coberta ou frente larga e limpa; 3 Cias. em 1º escalão frente larga e coberta. No caso da Cia. esta poderá ter 1, 2 ou mesmo 3 Pels em 1º escalão; de accord

com a largura da frente e facilidade de vistas. No caso do Pel. elle poderá ter 1, 2, 3, ou 4 G. C. em 1º escalão. No caso do G. C. poderá marchar constituindo uma patrulha de combate ou se fraccionar em 2 pequenas patrulhas.

Como orientar o 2º e 3º escalão?

As unidades restantes são collocadas em 2º e 3º escalão. Sua collocação depende: 1º) da necessidade de cobrir os flancos do 1º escalão. 2º) da necessidade de bater o intervalo entre dois elementos do 1º escalão; 3º) da vantagem de aproveitar trechos mais desafiados, da terreno.

No caso de aproximação atrás de tropas já em contacto: —

O dispositivo é tomado de accordo com a necessidade de escapar ás vistas do inimigo e de facilitar o movimento para a frente, com o minimo de perdas e de fadiga.

Mecanismo da aproximação: — O movimento não é ininterrupto.

E' indispensavel fazer paradas sobre linhas definidas do terreno. Esse movimento entre duas paradas chama-se o **lanço**.

Como se fixa o lanço?

Nas grandes unidades, até o Btl., os lanços são marcados a priori, sobre a carta. Nas pequenas unidades, elles são indicados, á medida do movimento e á vista do terreno. A Cia. o Pel. ou o G. C., durante uma parada, fixam o novo lanço até uma linha do terreno visivel na sua frente.

Para que serve a parada no fim do lanço?

Nas grandes unidades serve: — para coordenar o movimento das Vgs. com o d. Grosso; — para permittir o reajustamento do apoio possivel da A. ás Vgs.; — para restabelecimento da ordem do dispositivo e das ligações; Nas pequenas unidades serve: — para preparar o novo lanço (reconhecimento e esclarecimento do terreno, novas ordens); — para restabelecer a ordem o dispositivo e a ligação.

Como se faz a ligação na aproximação?

A' vista; — por homens ou patrulhas de communicação entre duas unidades vizinhas;

Aperfeiçoamento no Estrangeiro

As vantagens das idas ao estrangeiro afim de aperfeiçoarem-se conhecimentos aqui adquiridos foram sempre reconhecidas para todas as profissões. Nas artes e sciencias liberaes estas vantagens tem sido aproveitadas por grande maioria dos profissionais brasileiros, para quem ellas constituem o complemento indispensavel de sua formação.

O habito das viagens ao estrangeiro está tão enraizado entre nós que não se tem por bom medico especialista ou artista a quem não tenha feito um estagio nos centros adeantados da Europa ou dos Estados Unidos. E' o proprio governo que estimula semelhante preocupação creando premios de viagem para os melhores alumnos das escolas e enviando de quando em vez alguns profissionais que lá vão adquirir pratica dos mais modernos processos technicos empregados nas sciencias e artes.

Nas Classes Armadas tambem sempre foram almejadas as viagens ao estrangeiro, como o meio mais expedito e seguro de nos pormos ao par das minucias das organizações similares estrangeiras e de seus progressos constantes. Mas, a não ser a tentativa de 1910 quando se enviou á Allemanha grupo bem numerozo de officiaes, nada mais se fez, embora todo o mundo continuasse a affirmar a necessidade e as vantagens indiscutíveis desse aperfeiçoamento.

Tem-se alegado contra a providencia por acarretar ella grande dispendio para os cofres publicos, e pelo conceito erroneo de que a vida no estrangeiro, mesmo para os estudos, constitue uma propina, uma estação de recreio.

Parece-nos que o governo tem recuado ante os vencimentos em ouro, considerados como verdadeira sorte grande para os beneficiados.

Desde 1920, o regulamento da Escola do Estado Maior estabelece que os alumnos classificados com a menção "muito bem" recebam como premio uma viagem de aperfeiçoamento á Europa, porém, com uma unica excepção, os premiados não puderam gosar das vantagens do premio, o que equivale a dizer que o dispositivo não foi executado. Consta-nos tambem que o E. M. E. e a M. M. F., têm por varias vezes insistido junto ao governo sobre a necessidade absoluta do aperfeiçoamento no estrangeiro e que o governo pensa não comportar a situação financeira do paiz semelhantes despesas.

A actual administração da Guerra adoptou pelo Aviso de Fevereiro uma medida que vem marcar progresso sobre abstenção existente até então. Referimos ao Acto ministerial que permite a ida de officiaes ao estrangeiro para aperfeiçoarem os conhecimentos.

Sem o menor espirito de critica á medida, em que se vê claramente a preocupação de parcimonia, não acreditamos que consiga os resultados desejados.

Ao nosso ver o estagio do official em paiz estranho para aperfeiçoar conhecimentos é antes de tudo uma vantagem para a Nação e só indirectamente constitue um premio para o official, obrigado a grandes esforços intellectuaes e a provas difficeis de sua competencia, principalmente dentro das regras, em boa hora, creadas a esse proposito pelo Aviso referido. E' a Nação e o Exercito que precisam ter officiaes mais aptos para attenderem melhor os mysterios attinentes aos negocios militares. O official por se tornar mais habil e mais instruido, fica,

— por destacamentos mixtos (com melos de fogo) quando estiver imminente o encontro com o inimigo;
— pela troca de agentes de ligação, nas paradas

Que precaução se E' preciso progredir em zndar-deve tomar da;
quando está im- — enquanto as patrulhas de minente o encontro avançam, os elementos de fogo em 2o escalão devem estar em condições de poder apoiar o seu movimento.

Onde marcham Sempre á frente de suas unidades, pois, são seus guias

naturaes, para reconhecer o terreno e tomar em tempo novas decisões.

Nessas operações são protegidos por patrulhas.

Para que servem — Para acompanhar as officiaes que vão fazer os reconhecimentos e voltar ao encontro das unidades afim de

gual-as;

— para balizar itinerarios e passagens desentoadas;

— para pequenas patrulhas afim de esclarecer uma direcção perigosa;

— para patrulhas de ligação.

Como procede no Procure deixar o mais rapidamente possível a zona batida, quer durante o fogo (tiros de longa duração), aproveitando os espaços menos batidos e passando por entre as gottas, quer após o fogo, quando o tiro tem a forma de rajada curta procurando fazer-se e quecer momentaneamente pelo inimigo e iniciando o movimento com cuidado afim de não provocar nova rajada.

verdade, em melhores condições para cumprir os deveres e faz júz a maior merecimento.

Ao nosso ver, é a Nação que deve escolher officiaes capazes de serem aperfeiçoados e prestarem serviços reaes apóz o aperfeiçoamento e ella é que deve envia-los aos meios cantados.

Não vemos razão para deixar-se a aquisição dos beneficios apontados entregue aos deos dos officiaes, mau grado tudo façamos o progresso do Exercito. Se formos esperar esses desejos é certo que não conseguiremos beneficios desejados porque muito poucos se os que se aproveitarão da medida.

Esta nossa observação adquire valor ainda maior quando se attenta que sob o ponto de vis-económico não nos parecem convidativas as condições estabelecidas.

Pondo de lado a ajuda de custo e a passagem, a medida reproduz a já conhecida "ida ao estrangeiro á custa propria", accrescida de obrigações e responsabilidades maiores.

Nesse particular, não queremos que se reproduzam as vantagens consideradas nababes do "vencimento em ouro" porém achamos e tudo se deve fazer para que o esforço pedido ao official seja cercado de uma situação de conforto e de bem estar e que se lhe evitem quaisquer sacrificios para si ou sua familia.

Pensamos que o caminho certo era indagar-se as condições de vida do official e de sua familia no local em que vae permanecer, despesas que por força de seus trabalhos a situação será forçado a fazer e então estabelecer-lhes vencimentos particulares ao seu caso, levando-se em conta a majoração natural imposta aos recém-chegados em terra estranha.

Outro aspecto da medida é o que diz respeito á equidade. E' necessario que todos os officiaes tenham vencimentos equivalentes e não como aconiecerá se forem mantidas as condições do Aviso, pois, haverá officiaes aperfeiçoando voluntarios percebendo em papel e outros

(commissão de compras e addidos militares) com vencimentos ouro, gosando ainda da vantagem de terem consigo todas as pessoas da familias.

Lembramos de passagem a pequena injustiça que a medida commetteu com os officiaes casados com filhos, a quem se dá muitas vezes por isso o titulo de benemeritos, e que ficam inhibidos de gosarem da vantagem, por maiores que sejam as suas aptidões para o aperfeiçoamento. E' por isso que pensamos dever ser mantido o direito de levarem consigo toda a familia. Essa vantagem é de grande importancia porque de outro modo a separação da familia será um sacrificio, se não fôr um obstaculo a sua ida.

Felizmente estamos certos de que, em função das possibilidades de vida no estrangeiro, as condições financeiras do Aviso serão melhoradas de modo a estimular o desejo de grande numero de officiaes. E isso é uma necessidade porque de nada valerá termos meia duzia de officiaes aperfeiçoados, E' indispensavel ter massa consideravel delles, capazes de actuarem com vigor sobre todos os órgãos do Exercito.

Nesse ponto, os outros paizes da America do Sul estão mais adeantados do que nós, pois, mantem na Europa, principalmente o Chile, uma numerosa turma de officiaes, todos fazendo os mais variados cursos.

E' o melhor meio de auxiliarmos o trabalho da Missão Militar Franceza.

NOTA

Por falta de espaços deixamos de inserir neste numero o trabalho do Cap. Ary Silveira sobre o Tiro de Artilharia de Costa e do Cap. J. Porto Carrero sobre a Progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia.

Mais uma vez pedimos excusas aos colaboradores e leitores.

BRIM KAKI INGLEZ MARCA "FORTALEZA"

Fabricado especialmente de accordo com os cadernos de encargo do exercito e da marinha e com certificado da Camara do Commercio de Manchester. O mais resistente, côr absolutamente firme e acabamento garantido.

GRANDE QUANTIDADE EM DEPOSITO

Cia. Importadora de Tecidos

Rua Visconde de Inhauma n. 56

O ensino aeronautico nos E. U.

O ensino aeronautico nos Estados Unidos é superintendido por uma Direcção Geral de Aviação terrestre (apparelhos mais pesados do que o ar), uma Direcção Geral de Aeronautica (para apparelhos mais leves que o ar) e uma Direcção Geral de Aeronautica Naval, todos independentes e trabalhando sob a autoridade dos Ministerios da Guerra e da Marinha.

O ensino dos officiaes do Exercito na arma de aviação é feito no *United States Aeronautical Schools*, que tambem se incumbem do ensino de elementos civis.

O U. S. A. Schools tem séde nos arredores de S. Antonio, Tex, escolhida depois de varias experimentações em outros logares e de muitas despesas de dinheiro e vidas com taes experiencias. S. Antonio gosa admiraveis condições climatologicas e atmosphericas. Está a menos de 30 metros no nível do mar.

O U. S. A. Schools se divide em tres partes. *Escola Primaria de Vôo; Escola Superior de Vôo e Escola de Observadores.*

Recentemente, para attender ás necessidades de pilotos impostas pela nova organização do Exercito, foi creada uma outra *Escola Primaria de Vôo.*

O O. S. A. Schools treina as seguintes classes de pessoal: — *Pilotos do Corpo Aereo* e em serviço activo, recrutados entre graduados de "West Point" e os *Pilotos Officiaes de Reserva*, recrutados entre os pilotos civis que desejam apprender aviação militar e que, uma vez graduados, ficam sujeitos a um mez de serviço activo por anno.

A formação de um piloto americano exige uma preparação militar muito desenvolvida e, pelo menos, duzentas horas de vôo, das quaes 125 horas devem ser de vôo isolado, só.

Os officiaes observadores, além das exigencias theoricas, devem ser graduados por qualquer das escolas de apparelhos mais leves que o ar (dirigiveis, balão espherico livre ou captivo) ou então pela escola primaria de vôo.

Para ingressar na *Escola Primaria de Vôo* é preciso satisfazer um exame de admissão que consta de materias do curso de humanidades, visando conhecer a preparação intellectual do alumno; sujeitar-se a um exa-

mê medico, no qual são em média excluidos cerca de 25 % dos candidatos annuaes, e no qual mais se exigem condições de *vista, ouvidos e nervos.*

Depois de approvados nestes exames passam os candidatos á prova final, numa *sala gyratoria*, que tem todos os movimentos que se podem imprimir a um avião.

Matriculam-se, por anno, em média, cerca de 200 alumnos civis e de 100 officiaes do Exercito, em geral.

O curso da escola se divide em dois departamentos: *departamento de vôo e departamento academico.*

O pessoal do *Departamento de Vôo*, que constitue as *escolas de aviação*, comprehende:

Um Official Director de Vôo, que dispõe de dois Commandantes de Secção, responsaveis pela instrucção nas respectivas secções. Dado o grande numero de alumnos, são tomadas rigorosas medidas de transição para evitar accidentes. Cada Commandante de Secção dispõe de um certo numero de instructores.

A *Escola Superior de Vôo* trata da especialização dos pilotos nos diversos ramos da aviação, na ultima parte do anno. Seu curso constava de 6 mezes divididos em 2 periodos de 3 mezes: o primeiro formava um *curso basico*, o segundo um *curso de especialização.*

Actualmente faz-se só o curso de especialização com a duração de quatro mezes.

A's matriculas nesta Escola são admittidos alumnos que terminam o curso da Escola Primaria de Vôo, os officiaes que provêm de cursos de apparelhos mais leves que o ar e dos officiaes do Exercito que desejam ficar ao par dos trabalhos da aviação em ligação com tropas terrestres. Estes ultimos são addidos na Escola ao grupo que se dedica á observação.

Tambem aqui o curso se divide em dois departamentos.

A instrucção de vôo comprehende no curso de especialização os vôos de *perseguição, de bombardeio, ataque e observação.* O curso de observação se divide em duas partes: *preparo de pilotos de observação e preparo de observadores.*

(Extrahido da "Revista Aerea"
— Mexico).

Instrução dos Quadros e da tropa na 1ª D. I.

DIRECTIVAS PARA A INSTRUÇÃO DO 2º PERÍODO

NOTA DA REDACÇÃO: — Esta Revista, com vista a sua principal finalidade, tem hoje a satisfação de dar publicidade á continuação do programma da 1ª. R. M. e 1ª. D. I.

O presente trabalho cogita da instrução dos quadros e tropa referentes ao segundo período e, como sempre, visa — A INSTRUÇÃO PARA A GUERRA.

I — Introdução

Os exercícios de conjunto, executados pelas sub-unidades, durante o segundo período, servirão para demonstrar o valor da instrução individual.

As presentes Directorias foram organizadas com a intenção, de permittir que as sub-unidades possam agir, efficientemente, no terceiro período.

Mais do que nunca torna-se necessaria a dedicação dos officiaes e dos quadros inferiores para que a instrução das sub-unidades, durante o proximo período, possa ter pleno exito.

O estudo dos regulamentos, principalmente o de combate das differentes armas, pelos officiaes que tomarem parte nos differentes exercícios, será factor essencial para que a instrução seja dada com as realidades da guerra.

O índice do valor militar de uma sub-unidade, avallado pela forma segundo a qual ella iniciar o terceiro período e se apresentar, finalmente, nas manobras de fim de anno, representará o dos officiaes aos quaes coube conduzir a respectiva instrução.

II — Objectivo e progressão da instrução

1 — O objectivo da instrução durante o 2º período é:

a) — tornar as sub-unidades mobilisaveis, isto é, aptas para fazerem uma campanha e enquadrarem reservistas;

b) — instituir em cada corpo a unidade de doutrina, intruir os quadros nas differentes funções de commando tornando conhecidos os processos de execução característicos da tactica de cada arma.

2 — O Chefe do corpo é o responsavel pela boa execução da instrução ministrada durante o segundo período.

3 — Não é mais admissivel, que os Cmts. de sub-unidades organizem themas dos quaes sejam elles os proprios executores.

4 — Todos os exercícios executados com tropa no terreno, pelas sub-unidades, consistirão no desenvolvimento de situações particulares, resultantes de uma mesma situação geral estudada para o escalão immediatamente superior.

5 — Nessas condições, as sub-unidades estarão sempre, sob o commando de seus chefes naturaes e sob a direcção do Cmt. do corpo, na Cav. e na Eng., dos Cmts. de Btlis., na Inf., e dos Cmts. de Grs., na Art.

6 — As sub-unidades só deverão ir ao terreno executar uma situação tactica, quando seus quadros, inclusive graduados incumbidos de missões especiaes e órgãos de commando respectivos tenham-na estudado previamente:

a) — sobre a carta;

b) — no terreno, tendo-o já reconhecido e feito as adaptações impostas por elle ao estudo anterior.

7 — Conduzir uma tropa ao terreno, sem ter feito antes os estudos acima indicados, é cancel-a sem ter feito vantagem para a instrução que se busca obter.

8 — A progressão a seguir na instrução do segundo período, poderá ser a seguinte, por exemplo:

a) — estudo na carta pelo Director da instrução, de uma situação de conjunto para todas as sub-unidades, sob o seu commando immediato;

b) — estudo no terreno pelos quadros de uma sub-unidade da situação particular respectiva sob a direcção do Director da instrução e com a assistencia dos officiaes das demais sub-unidades, os quaes anotarão todas as ordens dadas pelo Director do exercicio, bem como pelo Cmt. da sub-unidade interessada afim de que possam a todo momento estar ao par da situação e poder responder aos interrogatorios, feitos pelo Director da instrução;

c) — execução com a tropa no terreno da situação já estudada nas mesmas condições indicadas anteriormente.

9 — De modo identico proceder-se-á para as sub-unidades e órgãos de fogo pertencentes aos differentes escalões de commando.

10 — Com o intuito de preparar os officiaes para agirem com as sub-unidades em regiões, das quaes não existam cartas, os Directores de instrução formularão themas que serão resolvidos pelos quadros, immediatamente, no terreno, seguindo-se, então, a sua repetição com a tropa. Tal procedimento applicar-se-á, particularmente, nos corpos de guarnição em localidade onde não existam cartas.

11 — Os apoios de fogo executados, quer pelos órgãos proprios da Infantaria ou da Cavallaria, quer pela Artilharia, serão devidamente estudados, devendo quanto possivel haver previo entendimento entre o Director do exercicio e os officiaes respectivos dessas armas os quaes deverão estar presentes ao estudo preparatorio feito na carta quando por esse estudo se iniciar o desenvolvimento do

thema, — ao exercício no terreno quando não houver um estudo previo sobre a carta.

12 — Os Srs. Cmts. de Bdas. deverão permittir que officiaes dos corpos de suas Bdas. possam servir de consultores em corpos de armas differentes, attendidas sempre as respectivos interesses de instrução.

13 — De modo identico, proceder-se-á todas as vezes que a situação tactica a estudar implicar na acção dos carros de combate, de aviação ou numa completa organização do terreno.

14 — Ampliando-se os conceitos expendidos nos numeros anteriores, entendendo-se, que no estudo de uma determinada situação tactica, devem sempre tanto quanto possível, ser ouvidas as opiniões dos officiaes de cada arma e, dentro dessa, de das respectivas especialidades requisitando-se, sempre, os officiaes necessarios.

15 — O Director de Instrução poderá fazer retomar o mesmo exercício por outra sub-unidade ou pela que já o executou a título de correcção ou de controle da primitiva execução.

16 — As sub-unidades irão ao terreno executar as situações tacticas, que lhes forem determinadas de dois modos:

a) — com effectivos da guerra ou reforçados;

b) — com os seus proprios effectivos.

17 — Para que as sub-unidades, elevem seus effectivos ao de guerra, incorporar-se-ão ao de uma sub-unidade designada, as praças das demais sub-unidades necessarias para esse fim, sob o criterio, que de preferencia, devem ser incorporadas as que estejam aptas a exercerem funções vagas.

18 — Com os proprios effectivos, as sub-unidades irão ao terreno, organizando com effectivo de guerra, uma ou mais fracções e os elementos dos órgãos de commando indispensaveis, representando-se por alguns graduados e homens, as demais fracções, para effeito das ligações.

19 — Os exercicios executados do modo expresso, no numero anterior, são de preferencia reservados para o estudo detalhado do papel de cada fracção relativo ao thema já estudado para o conjunto da sub-unidade e são especialmente destinados ao adexramento dos quadros inferiores (sargentos e cabos) consoante o disposto na 3ª observação da pag. 6 do R. I. Q. T.

20 — Os exercicios em que as sub-unidades comparecerem com effectivo de guerra, destinam-se, propriamente, á instrução dos officiaes.

21 — Afim de preparar os tenentes para o exercicio do commando de sub-unidades e os sargentos para o de pelotões ou secções, o Director do exercicio creará, com frequencia, incidentes que impliquem em substituições de commando.

22 — Convem salientar que a execução de qualquer situação tactica sobre o terreno só é fértil de ensinamentos para os officiaes e para a tropa quando ella fór convenientemente

preparada e os fogos do inimigo devidamente representados, empregando-se para esse ultimo fim qualquer dos processos indicados na E. A. O. ou E. C.

23 — As falhas observadas, quer pelo Director do exercicio, quer pelo Cmt. da sub-unidade interessada, durante os respectivos exercicios e relativos tanto á instrução individual, como a do grupo do pelotão ou de uma outra fracção qualquer, servirão para que as respectivas instruções sejam retomadas, afim de aperfeiçoal-as.

24 — E' do modo acima indicado, que deve ser interpretada a disposição do n. 6, pag. 16 R. I. Q. T. e referente á instrução individual durante o segundo periodo.

25 — As questões de serviços, peculiares a cada situação tactica estudada, serão devidamente desenvolvidas pelos Directores de instrução, fazendo-se intervir, sempre que possível, os officiaes desses serviços seguindo-se sempre o methodo indicado no n. 3 e insistindo-se, particularmente, sobre as questões de reabastecimento e remuniciamento dos elementos em primeiro escalão e dos destacados do grosso.

III — Programmas e considerações sobre a instrução

26 — Os programmas de instrução, serão organizados do modo indicados nos n. 63, 64 e 65 das Directorias para o anno de instrução de 1928/1929.

27 — Na organização desses programmas, deve-se levar em conta, que alem da instrução de conjunto das sub-unidades, realizam-se mais durante o segundo periodo as seguintes instruções:

a) — aperfeiçoamento das instruções: technica, moral, geral e physica;

b) — aperfeiçoamento das instruções dos especialistas, que, entretanto, frequentarão, em dias determinados, sessões de instrução da tropa, para apurar seus conhecimentos militares;

c) — adexramento dos órgãos de commando, de modo a permittir o seu funcionamento, durante os exercicios de conjunto.

28 — Na organização dos quadros de trabalhos diarios, deve-se levar em conta que:

a) — a instrução physica, occupará tanto quanto possível o primeiro lugar na jornada de instrução;

b) — o exercicio principal da jornada, que no primeiro periodo era consagrado ao adexramento individual para o combate e ao exercicio de campanha, destina-se, na segundo periodo á instrução de conjunto;

c) — nos dias em que não houver instrução de conjunto o tempo será aproveitado para a revisão da instrução individual;

d) — as jornadas de instrução, continuarão a ser de 6 horas, no minimo.

29 — Afim de que toda a sub-unidade, possa iniciar o 3º periodo, intensificar-se-á nos corpos em que houver recrutas a respectiva instrução, devendo admittir-se a sua

BIBLIOGRAPHIA

REVISTAS

ABRIL

Recebemos e agradecemos.

A) NACIONALES

Revista de Intendencia (Janeiro e Fevereiro de 1929).

Do summario: O serviço de Intendencia e os seus grandes vultos — O que o Sr. Hoover pensa a respeito da Republica Argentina — A lei de inactividade dos officiaes do Exercito e da Armada — A nova Lei do Ensino — A concurrencia permanente e o regimen das massas.

(Recommendamos aos nossos assignantes, especialmente aos officiaes combatentes, a leitura da Revista de Intendencia, onde são tratados, por especialistas, assumptos que permanentemente nos interessam, sobre contabilidade, administrativa, etc.).

Moeda e Credito (Marco de 1929).

Do summario: O problema de transportes na Colombia — O novo governo norte-americano — A posição do Brasil entre os produtores do café — A situação economico-financeira da Argentina — Cultivemos o trigo! — Importação de automoveis.

B) ESTRANGEIRAS

CHILE

Memorial del Ejercito de Chile (Fevereiro de 1929).

Do summario: O Exercito no Estado moderno — O serviço de saúde do Exercito chileno, na guerra do Pacifico — Reformas urgentes no armamento da nossa Cavallaria — Evolução do armamento da Infantaria fran-

participação nos exercicios de conjuncto, nos meados do segundo mez de instrucção.

30 — Todas as sub-unidades, executarão durante o segundo periodo, pelo menos uma vez, exercicios de embarque e desembarque, por via ferrea, com o respectivo pessoal, animaes e material.

31 — Não deve ser esquecida, tambem, a pratica do tiro e deve orgulhar-se a sub-unidade, cujos homens, no no fim do segundo periodo tenham tomado parte numa situação de combate com tiro real.

VI — Considerações finais

Observando-se as prescripções indicadas nos titulos anteriores, admite-se que no fim

ceza durante a guerra — A evolução da Infantaria allemã durante a grande guerra.

URUGUAY

Revista Militar y Naval (Fevereiro de 1929)

Do summario: Commemorando a batalha de Caceres — Importancia militar da photographia aerea — O problema da aeronautica em nosso paiz — As grandes manobras aereas na zona de Paris.

PERU

Revista del Circulo Militar del Perú (Janeiro de 1929).

Do summario: Paragraphos do novo regulamento francez de Infantaria — Carros de Combate (Chamamos a attenção dos interessados para este interessante e completo estudo sobre carros de combate) — Curso de armamento na Escola Superior de Guerra.

Europa

BELGICA

La Conquête de L'Air (Fevereiro de 1929).

Do summario: Uma equipe americana voou durante 150 horas e 46 minutos — Os perfis de centro de pressão constante — A aviação do futuro — Resfriamento dos motores de aviação por evaporação.

HESPAHHA

Boletim Bibliographico Militar (Fevereiro de 1929).

Do summario: O canhão de acompanhamento de Cavallaria — A motorização do exercito Ingles — O exercito da Russia — As experiencias de Satory, feitas pela "Moto-Revue" provaram que o emprego do motocyclo no Exerlito, não poderá excluir a Cavallaria.

do segundo periodo, as unidades consideradas mobilisaveis deverão estar aptas para executar:

a) — no interior do quartel — uma revista em completa ordem de marcha;

b) — no exterior — uma marcha diurna e outra nocturna e, em seguida, uma operação de combate com emprego de tiro real.

Além disso seus quadros devem mostrar conhecer todas as operações de mobilisação que lhes forem affectas.

NOTA: — O prazo para entrada neste Q. G. dos programmas para o segundo periodo fica prorogado até 26 do corrente.

Memorial de Infantaria (Fevereiro de 1929).

Do sumário: A quinta arma e sua evolução — Questões de Artilharia — Problemas elementares sobre a carta — Estudo sobre a granada de fuzil e sua fabricação — As idéas do Gen. von Seeckt sobre o desarmamento — A defesa da fronteira franceza.

MAIO

Recebemos e agradecemos:

A) NACIONALES

Liga Marítima Brasileira (Março de 1929).
Do sumário: A nova Marinha Mercante Norte-Americana — Pelo Brasil Maior — A Marinha de guerra Britannica — A promoção na Armada.

Moeda e Crédito (Abril de 1929).

Do sumário: Capitães Ingleses na Argentina — A execução do plano Dawes — Efetivos militares francezes — A renda da Sorocabana — O subsídio do Presidente do Chile.

B) ESTRANGEIRAS

EQUADOR

El Ejército Nacional.

Do sumário: O Centenario da Batalha de Tarqui — A guerra de 1828 — 1829.

COLOMBIA

Revista Militar del Ejército (Novembro de 1928).

Do sumário: Responsabilidade profissional — A reforma dos regulamentos — Os caracteres da guerra futura.

S. SALVADOR

Revista del Circulo Militar (Janeiro de 1929).

Do sumário: Levantamento rápido de planos militares — Lições de Hygiene militar.

MEXICO

Revista del Ejército y de la Marina (Dezembro de 28, Jan. e Fev. de 1929).

O Estado Maior antes da batalha — O papel da Infantaria nas instituições militares modernas — A observação aerea em ligação com a artilharia — A cavallaria na ultima guerra — Generalidades sobre munições de artilharia empregadas em um material moderno — Os officiaes technicos na Argentina, no Chile e

no Mexico. A instrucção militar nas Escolas de Cavallaria.

El Soldado (Dezembro de 23, Jan. e Fev. de 1929).

O dever — Mobilização do Exercito allemão em 1914 — Hygiene Militar — A Guerra mundial — A moral do soldado — Hygiene da marcha — Liberdade de acção da infantaria.

PORTUGAL

Revista Militar (2ª época 1929).

Do sumário: A "Revista" e a evolução da Literatura militar portugueza — A literatura naval nos ultimos 80 annos — Os progressos scientificos porque tem passado as marinhas militares — A topographia nas operações militares.

A Defesa Nacional retribue as saudações da Revista Militar.

HESPAHHA

Memorial de Infantaria (Janeiro de 1929).

Do sumário: A artilharia hespanhola e os progressos da arma — Considerações sobre o combate das pequenas unidades — O sibilo, o choque e a detonação.

BRAGA, IRMÃO & C^a

RIO DE JANEIRO — BRASIL

RUA BUENOS AIRES N^o 77 - 1^a e 2^a and.

Caixa postal n^o 1827 — Ende. Teleg.

"Bragalex"

Cod.: Ribeiro, A. B. C. 5^a e 6^a Ed. e Moço
Fornecedores dos Governos Federal, Estaduaes
e Municipaes do Brasil.

Especialistas em: Armas e munições de guerra, pólvoras, explosivos, material de aviação, de sapa, engenharia, minas submarinas, equipamentos militares,apparehos de optica para exercito e marinha, tintas, etc.

Representantes exclusivos para o Brasil de:
Dansk Rekylriffeld Syndikat — Copenhague — Metralhadoras e canhões anti-aereos "Madsen".

Hollandsche Industrie — en Handelsmaatschappij — Haya — Artilharia de campanha, de montanha, de sítio e de costa e respectivas munições.

Aktieselskabet Skandinavisk Vaaben og Ammunitions Kompagni Copenhague — Fuzis e mosquetões "Mauser" e respectiva munição de guerra.

Sociedade Industrial Suissa — Neunhansen — Mosquetões automaticos metralhadores "Bergmann".

Société des Etablissements Krauss — Paris — Apparehos militares de optica, compassos de aviação, etc.

Garate, Antua & Co — Elbar — Revolvera de guerra "Detective".

Emil G. v. Hoeveling — Hamburgo — Tintas para navios de guerra.

ENTEROZYMASE
(FERMENTO BULGARO)
FERMENTAÇÕES E INFECÇÕES
INTESTINAES & COLITES
SILVA ARAUJO & C^{ia}